



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL  
SESSÃO CONJUNTA

---

ANO LXV - Nº 005 - QUINTA-FEIRA, 04 DE MARÇO DE 2010 - BRASÍLIA-DF

---

**MESA DO CONGRESSO NACIONAL**

**Presidente**

*Senador* **JOSÉ SARNEY** – PMDB-AP

**1º Vice-Presidente**

*Deputado* **MARCO MAIA** – PT-RS

**2º Vice-Presidente**

*Senadora* **SERYS SLHESSARENKO** – BLOCO PT-MT

**1º Secretário**

*Deputado* **RAFAEL GUERRA** – PSDB-MG

**2º Secretário**

*Senador* **JOÃO VICENTE CLAUDINO** – PTB-PI

**3º Secretário**

*Deputado* **ODAIR CUNHA** – PT-MG

**4º Secretário**

\* *Senadora* **PATRÍCIA SABOYA** – PDT-CE

\* A Senadora Patrícia Saboya encontra-se licenciada, nos termos do art. 43, inciso I, do Regimento Interno, conforme o Requerimento nº 878/09, aprovado no dia 15-7-09, na Sessão Deliberativa Extraordinária iniciada em 14-7-09.

# CONGRESSO NACIONAL

## SUMÁRIO

### 1 – ATA DA 4ª SESSÃO CONJUNTA (SO- LENE), EM 3 DE MARÇO DE 2010

#### 1.1 – ABERTURA

#### 1.2 – FINALIDADE DA SESSÃO

Destinada a comemorar o Centenário de Nas-  
cimento de Tancredo Neves..... 00736

#### 1.2.1 – Execução do Hino Nacional

1.2.2 – Fala da Presidência (Senador José  
Sarney)..... 00736

1.2.3 – Fala do Presidente da Câmara dos  
Deputados (Deputado Michel Temer)..... 00740

#### 1.2.4 – Oradores

Aécio Neves (Governador do Estado de Minas  
Gerais)..... 00740

José Serra (Governador do Estado de São  
Paulo)..... 00744

Senador Eduardo Azeredo ..... 00746

Deputado Rafael Guerra ..... 00749

Senador Pedro Simon..... 00752

Deputado Henrique Eduardo Alves ..... 00756

Deputado João Almeida..... 00757

Senador Francisco Dornelles..... 00758

Deputado Luiz Fernando Faria ..... 00759

Deputado José Fernando Aparecido ..... 00761

Senador Arthur Virgílio..... 00762

Senador Eliseu Resende ..... 00764

Senadora Marina Silva..... 00765

Senador Inácio Arruda..... 00767

Senador Antônio Carlos Valadares..... 00769

Senador Jefferson Praia ..... 00771

Senador Valdir Raupp ..... 00772

Senador Eduardo Suplicy ..... 00774

Senador Romeu Tuma ..... 00775

Senador Mão Santa ..... 00780

Senadora Marisa Serrano..... 00781

Senador Alvaro Dias ..... 00782

Senador Marconi Perillo..... 00783

Senador Heráclito Fortes ..... 00784

Senadora Rosalba Ciarlini ..... 00786

Senadora Serys Slhessarenko ..... 00787

Senador Cristovam Buarque..... 00788

Senador Renato Casagrande ..... 00789

Senador Marco Maciel (art. 203, do Regimento  
Interno do Senado Federal)..... 00790

Senador Roberto Cavalcanti (art. 203, do Re-  
gimento Interno do Senado Federal)..... 00792

Senador Renan Calheiros (art. 203, do Regi-  
mento Interno do Senado Federal)..... 00793

Senador Flexa Ribeiro (art. 203, do Regimento  
Interno do Senado Federal)..... 00795

Deputado Rodrigo Rollemberg (art. 203, do  
Regimento Interno do Senado Federal) ..... 00796

Deputado Paulo Bornhausen (art. 203, do  
Regimento Interno do Senado Federal) ..... 00797

Deputado Henrique Eduardo Alves (art. 203,  
do Regimento Interno do Senado Federal) ..... 00798

#### 1.2.5 – Comunicação da Presidência

Cancelamento da sessão deliberativa ordinária  
do Senado de hoje e convocação de sessão delibe-  
rativa extraordinária, com a mesma Ordem do Dia,  
após o encerramento da presente sessão..... 00799

#### 1.3 – ENCERRAMENTO

### CONGRESSO NACIONAL

#### 2 – CONSELHO DA ORDEM DO CONGRES- SO NACIONAL

#### 3 – CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SO- CIAL

#### 4 – REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL

#### 5 – COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA (CCAI)

## Ata da 4ª Sessão Conjunta (Solene) em 3 de março de 2010

### 4ª Sessão Legislativa Ordinária da 53ª Legislatura

*Presidência do Sr. José Sarney, da Srª Serys Slhessarenko,  
e dos Srs. Marconi Perillo e Mão Santa*

*(Inicia-se a sessão às 10 horas e 54 minutos e encerra-se às 16 horas e 31 minutos.)*

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP)

– Declaro aberta a sessão.

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP)

– Esta sessão solene do Congresso Nacional destina-se a comemorar o centenário de nascimento do Presidente Tancredo Neves.

Convido a compor a Mesa o Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer; o Governador de Minas Gerais, Aécio Neves; o Governador de São Paulo, José Serra; o Senador Eduardo Azeredo, Presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado Federal; o Deputado Rafael Guerra, autor do requerimento na Câmara dos Deputados; o Senador Francisco Dornelles, sobrinho do Presidente Tancredo Neves, e o Senador Heráclito Fortes, 1º Secretário da Mesa. (Pausa)

Vamos agora ouvir, de pé, o Hino Nacional, interpretado pela cantora Fafá de Belém.

*(É executado o Hino Nacional.)*

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP)

– Neste 4 de março faria 100 anos um dos maiores homens públicos da História do Brasil: Tancredo Neves.

O tempo se comporta em relação aos grandes homens de maneira contraditória. Por um lado, lança sobre ele as névoas e as garoas da memória, tornando menos viva a sua presença; por outro, permite-nos uma visão perspectiva do passado, tomando mais contrastadas as grandes figuras que sobrevivem e sobreviverão ao seu tempo. Podemos hoje ter uma visão muito mais definida do papel decisivo que Tancredo Neves desempenhou em momentos cruciais de nossa vida republicana.

Durante os anos do regime militar, um grupo de homens compreendeu que havia uma saída pela conciliação em vez de pelo enfrentamento. Esse caminho implicava lutar para manter aberto o Poder Legislativo, manter sempre vivo o debate sobre a redemocratização e agir em silêncio no diálogo entre a Oposição e a Situação.

Tancredo Neves, que se conciliou com seu mais tradicional adversário estadual, Magalhães Pinto, na fundação de um partido político, quando se abriu essa via, compreendeu melhor do que ninguém as sutilezas da ação política e os momentos de falar e de calar. Muitas vezes, na navegação, “calou velas”, como gostava de dizer o Padre Vieira. Nunca por medo ou conveniência pessoal, sempre por interesse público.

Já muito se escreveu sobre o “espírito da conciliação”. Conciliar é admitir que não somos donos da verdade e que nossas ideias podem conviver com outras. É o campo da pluralidade, ideal democrático muito difícil de alcançar na política, em que muitas vezes se toma como inaceitável a convivência. A visão do político menor limita suas obrigações às suas verdades e dogmas e aos interesses dos partidos e facções. Outro terreno é o espaço dos estadistas, onde, acima da política, está o interesse de todos.

Para aglutinar e conciliar é necessário tecer alianças, articular, ceder, ter paciência, prudência e, sobretudo, espírito público, fora do caráter pessoal e partidário. O avesso da radicalização.

É de Tancredo a definição:

“Eu sou um pragmático e conciliador na ação, mas inflexível em matéria de princípios. Sempre que você transige princípios, ganha um episódio, mas apenas um episódio. Perde na permanência e na substância”.

Extremistas e radicais nunca transformaram o mundo. A revolução e a revolta são responsáveis pelos momentos mais tristes e sangrentos da história universal. A luta contra a iniquidade é mais eficaz pela denúncia que pela violência. A denúncia acaba com a iniquidade. A violência cria nova iniquidade.

Era assim que pensava Tancredo Neves e nesse campo se situava. De certo modo, preserva a continuidade dessa linha que está presente ao longo de nossa história, responsável pela construção política do País.

Tancredo viveu um tempo de dilaceração da sociedade e da própria humanidade. Um tempo descrito

por Carlos Drummond de Andrade, outro grande mineiro da sua geração, como um “Tempo de partidos. De homens partidos”. Um tempo de antagonismos ideológicos inconciliáveis que, expostos pelos meios de comunicação do século XX, se intensificam perante a opinião pública e torna ainda mais difícil a aproximação, sobretudo a convergência política.

Tancredo é uma falta que não pode um só momento deixar de ser invocada e uma saudade que não permite passar um dia sem doer.

Fica mais nítida em nossa história a figura de Tancredo como Patrono da Democracia, construtor da transição democrática, mártir da liberdade política.

Muitas vezes tenho afirmado que Tancredo foi o homem preparado pela História para essa missão. Ninguém melhor do que ele seria capaz de construir o Brasil em que hoje vivemos, de uma democracia exemplar, em que a sociedade civil questiona e, num sistema de capilaridade, se derrama por todo o tecido social em organizações de classes, categorias, crenças, bairros, ruas, clubes, associações. A opinião pública, nova interlocutora da sociedade, participa, expressa-se numa mídia viva, moderna, livre, sem limites, e ajuda o País a melhorar seus costumes políticos, num combate sistemático contra os abusos e desvios do poder. É natural que, nesses momentos inaugurais, excessos aconteçam. Mas o tempo os corrigirão

Minha grande missão, da qual tenho profundo orgulho, foi a de administrar o legado de Tancredo Neves.

A Nova República foi o grande divisor entre o sistema autoritário e o novo sistema democrático.

Apesar das dificuldades económicas que herdámos, o Brasil voltou a crescer e incorporou ao contingente de trabalhadores o grande excesso de desempregados, atingindo os mais baixos níveis de desemprego de nossa história. O crescimento económico no primeiro Governo da Nova República atingiu taxas de 99% do PIB *per capita* e 119% do PIB bruto, em dólares por variação cambial, segundo números da Fundação Getúlio Vargas.

A Nova República tem mostrado sua força para superar todas as dificuldades políticas, sociais e económicas, chegando aos 25 anos sem nenhuma tentativa golpista ou agitação militar, o que não se deve somente à reforma constitucional, mas a um clima de maturidade da sociedade que se iniciou com sua presença como interlocutora política.

Tancredo Neves nunca foi um cientista político nem pensador. Não era de enredar-se em doutrinas. Era um tático e um estrategista.

Ele trabalhou a linha histórica do Brasil que, ao contrário da América Espanhola, não construiu a sua

unidade nem seu Estado nação no sangue de seus irmãos, ou em cruéis batalhas de hegemonias feudais.

Tancredo construiu essa etapa importante como um oleiro, amassando pacientemente o seu barro. E o fez com o cuidado, a sabedoria e a capacidade em que ninguém o superava.

Tinha uma experiência dos homens e da política, alicerçada nos cargos e na carreira que construiu desde Vereador e Presidente da Câmara de São João del Rei, Deputado Estadual, Deputado Federal, Ministro, Líder e Presidente do partido, Senador, Governador, Primeiro-Ministro e Presidente da República.

Tancredo tem a marca de pensar em todos, e toda a sua vida é caracterizada pela palavra conciliação, que é a busca de servir a todos.

Quando a História conduz Tancredo Neves ao comando das difíceis articulações para o fim do regime autoritário, ele não chega de mãos vazias. Já era o ponto de referência quando se desejava unir. Quando Getúlio se suicida, é Tancredo Neves quem vai falar no seu túmulo. O País vive um instante de comoção, os sentimentos estão em combustão. À beira do túmulo de Getúlio estão as lágrimas, mas estão as cobranças. Estão os desejos de revanche.

Nestes momentos, a sedução do político é usar a tragédia para usufruir dividendos, destruir adversários, estimular a vingança. Há exemplos emblemáticos e notáveis na História e na literatura, como a reconstrução do discurso de Marco Antônio, à beira do cadáver de César, por Shakespeare, conduzindo o povo à vingança. Mas Marco Antônio simboliza o oportunista.

Tancredo não era esse tipo; era a sublimação do político, o estadista.

À beira do túmulo de Vargas, naquela manhã fria de São Borja, ele fala:

“Com as minhas palavras não desejo agitar a opinião pública nem trazer um elemento a mais para a instabilidade política da morte de Vargas. Por isso vos falo nesses termos, ditados pela verdade e pela franqueza”.

Mas não é somente aí.

Vem a crise de 1961, da renúncia de Jânio. Negocia-se. As paixões e interesses políticos estão na mesa, de forma irreconciliável. Nesses momentos, o que menos se pode exigir é que os perdedores não sejam atingidos pelo sentimento de revanche.

É a hora da política. Mas tem-se de encontrar um homem que assegure que a solução não seja a dissolução; que se resolva um caso emergente sem provocar outro maior.

Só há um homem para essa tarefa, que foi aceito por todos. E quando se diz que Jango Goulart foi empossado e se criam várias teses para analisar essa crise, meu testemunho de quem viveu os fatos é o de que foi o penhor do equilíbrio de Tancredo Neves à frente do Governo parlamentarista a chave da solução. Ele inspirava confiança. E como ele soube exercer sua capacidade tática de negociar! Como formou um Gabinete que, na heterogeneidade, tinha a unidade de objetivos!

É o mesmo Tancredo, grande tático, que, depois de cumprir a tarefa de evitar a rutura do regime, ao renunciar ao cargo de Primeiro-Ministro para candidatar-se a Deputado, denuncia o parlamentarismo como uma solução circunstancial.

É ainda o mesmo Tancredo que tenta mudanças no Governo Goulart, condena a rebelião dos cabos e sargentos, procura evitar a derrocada das instituições que salvara. Mas sem resultado. O PSD todo apoia a Revolução de 64, e ele, solitário, é o único a não votar em Castello Branco, de quem era amigo pessoal.

Castello Branco, também num gesto de grandeza que mostra sua dimensão, escreve em letras vermelhas, na capa do processo em que a linha dura propõe a cassação de Tancredo: *“Este, não!”* Tão seguro da dignidade e da atitude do homem público que era Tancredo, nem sequer abriu o processo.

Eleito Governador de Minas em 1982, Tancredo assume em março de 1983 e prossegue a luta, que nunca cessara, pela redemocratização. *“O primeiro compromisso de Minas é com a liberdade.” “Liberdade é o outro nome de Minas”*. Então, age no Congresso Nacional, na imprensa, na prática permanente do diálogo e de conciliação. No Governo de Minas, acerta com Aureliano Chaves o Acordo de Minas – Aureliano, outro patriota, grande brasileiro, a quem a Nação muito deve. Se um dos dois saísse candidato a Presidente, o outro apoiaria. Participa da campanha por eleições Diretas Já para Presidente no início de 1984. Prega a união nacional. Trabalha exageradamente e diz com ironia: *“Para descansar, tenho a eternidade”*.

Com apoio de amplo espectro ideológico, compõe, costura e aglutina as forças de oposição e dissidentes do Governo – como Aureliano Chaves, Marco Maciel, Antonio Carlos Magalhães, Jorge Bornhausen, eu próprio e muitos outros – e sai candidato à Presidência no Colégio Eleitoral.

Ninguém governa os tempos. Como uma tragédia grega, Tancredo Neves lidera o final da transição política convivendo com doença que, sem dúvida, só ele sabe ter. Luta contra o tempo: receia crise político-militar de desenlace imprevisível caso não resista até ser empossado. Seria o comprometimento do projeto

democrático, da Nova República. Estava informado de que o Presidente Figueiredo não daria posse a mim, o Vice-Presidente eleito. Luta desesperadamente contra o tempo, sofre. Confere seu esquema militar de apoio à transição. A doença se agrava e, com ela, o temor de crise e de retrocesso político. Decide correr o risco de perder a própria vida. Imolação?

Depois de 51 anos de vida pública, a dor implacável a 15 horas da posse na manhã de 15 de março de 1985. A internação, a indicação cirúrgica e sua tenaz resistência. Não admite ser operado antes da posse. Aos médicos resiste, luta, implora:

“Eu peço, pelo amor de Deus: me deixem até amanhã e depois de amanhã façam de mim o que vocês quiserem. Mas eu tenho uma obrigação. É um compromisso que eu tenho. Eu sei, de fonte fidedigna, que o Figueiredo não dá posse ao Sarney”.

No hospital, sua preocupação não é a saúde. É o País. É a conclusão da transição. Diz a Dornelles: *“Não me opereirei, o Figueiredo não transmite o Poder ao Sarney.”* Dornelles, no interesse de sua saúde, diz-lhe que acaba de estar com o Dr. Leitão de Abreu e que o Presidente vai transmitir o Governo.

Então, aceita a decisão de ser operado.

A dor sem fim da família. O exemplo superior de amor e dedicação de Risoleta Guimarães Tolentino Neves.

Sua longa operação rompe a madrugada até a manhã. Ao acordar da anestesia, sua preocupação é com a transição. Suas primeiras palavras: *“Então, como foi? O Sarney tomou posse? Correu tudo bem?”*

Foi o dia mais angustiante de minha vida. Queria assumir junto com ele. Assumi contra minha vontade. Por imperativo jurídico e pela vontade dele, Tancredo, que disse ao sobrinho Francisco Dornelles antes de consentir a cirurgia: *“Mas tem que ser o Sarney, Dornelles”*.

Pensa no Brasil. E, em meio às suas agruras, deseja legitimar-me, faz-me uma carta para reforçar a transição, pedindo a que todos me apoiassem. Foi o último documento que escreveu:

“Caro Sarney,

A Nação está registrando o exemplo de irrepreensível de correção moral que o prezado amigo lhe transmite no exercício da Presidência República.

Na política, o exemplo é mais importante que o discurso. O discurso é efêmero pela sua própria natureza. O seu efeito termina com a leitura de sua divulgação por mais eloquente e oportuno que ele seja. O exemplo, ao contrário,



contribui para a construção ética da consciência do nosso povo que, na solidariedade que tem demonstrado, tem me dado força para superar esses momentos.

O seu exemplo, Presidente Sarney, ficará memorável em nossa história.

Um cordial abraço para Marly.  
Tancredo Neves”.

Mártir, como bem definem as religiões, é aquele que aceita o sacrifício pela sua fé.

Tancredo é o mártir. Ele aceita morrer porque esse é seu destino, é exigência de sua fé: a democracia, a transição.

Ele sabia o que custaria chegar àquele instante. Se tivesse aceitado hospitalizar-se dias antes, a transição não ocorreria. O problema institucional estaria implantado. Por isso, no silêncio da sua dor, com as mãos frias que tantas vezes eu apertei, havia o sofrimento.

Ele caminhou até o fim. E até o fim foi fiel ao povo brasileiro.

Na figura de D. Risoleta, quero salientar que a família de Tancredo Neves foi de uma correção e dignidade que deve ser realçada. Durante o meu Governo, não me fez nenhuma cobrança e dela só recebi apoio. As filhas de Tancredo, seus filhos, seus netos foram impecáveis e dignos de reconhecimento. Calculo o que não deve ter sido para eles a dor do seu desaparecimento, o vácuo que de repente formou-se dentro deles. Eles, com patriotismo, ajudaram o Presidente, e poderiam ter sido um complicador. Esse é um aspecto que tem sido esquecido e não pode ser esquecido na história brasileira.

O legado de Tancredo está aí. Seu projeto, a que permaneci escravo, frutificou. Os que falam da década perdida acham que a economia é maior do que a liberdade.

O Brasil chegou ao fim do século com uma poderosa sociedade democrática e uma das maiores democracias de massa do mundo. Atravessamos o gargalo institucional. E tudo começou com Tancredo Neves.

Com a vitória de Tancredo, o Brasil muda. Legalizam-se os partidos ideológicos. As centrais sindicais são legitimadas. Acabam-se as leis autoritárias.

A Constituinte é convocada. Os direitos sociais avançam.

Nasce um movimento sindical legítimo, com sindicatos livres, sem tutelas ministeriais. A Igreja desatrelou o padroado das elites, buscando uma ponte política com os pobres. São importantes as consequências das ideias que incorporaram.

A partir de 1985, nossa sociedade encontrou um dinamismo efervescente, profundo, refletido pela liberdade que tomou formas de expansão e exercício. Foi

tão rápido que, já em 1989, tivemos Luiz Inácio Lula da Silva, um operário, metalúrgico, emigrante das secas, candidato à Presidência da República que quase foi eleito. E sua eleição em 2002 completa o ciclo de todas as classes sociais chegarem ao poder, mostra a ruptura no processo de domínio das elites e a mobilidade social.

Passamos a primeira década do novo século com a conquista de uma exemplar sociedade democrática e uma grande democracia de massa. Essa é a chave do futuro. As desigualdades e atrasos não podem mais ter efeito paralisante. A sociedade moveu-se. Clama por justiça social.

Com a Nova República, não se criaram somente instituições democráticas. Floresceu toda uma sociedade democrática.

As relações patrões e empregado mudam. O Brasil não volta apenas ao Estado de Direito; avança muito mais, chega ao Estado Social de Direito, marca da Nova República.

O consumidor, a cidadania, a opinião pública questionam, opinam e decidem.

Vem o vale-transporte, o vale-alimentação, o seguro-desemprego, a impenhorabilidade da casa própria, o salário móvel, a extensão da previdência social aos trabalhadores do campo, a universalidade da saúde, os direitos e conquistas sociais. O desemprego foi o mais baixo da história do Brasil.

Muitas batalhas foram perdidas, como a luta contra a inflação, mas não fomos à recessão, e, sim, retomamos o crescimento econômico. Seguindo o exemplo de Tancredo, dirigi o Governo resistindo às pressões externas.

O projeto de Tancredo inspirava, protegia, conduzia. O Brasil para todos.

O Brasil saiu tão forte que atravessou as dificuldades, quase intransponíveis, que surgiram.

Lanço os olhos no tempo. Recordo a manhã de 15 de março de 1985. Com a doença e depois a morte de Tancredo, coube-me dirigir a Nação num momento difícil, porque cheio de cobranças políticas, em toda a nossa história.

Há um tempo de semear e um tempo de colher. É possível que o tempo de colher seja mais glorioso. Mas é o tempo de semear que determina o que se vai colher. Num período de múltiplas transições internas e externas, coube-me plantar e poucas vezes colher.

No modelo de Tancredo, plantei o exemplo da paciência política, essencial à convivência democrática. Nesse ponto, fracassamos. Nossas forças se dividiram, não atenderam ao chamamento de Tancredo: “*Não nos dispersemos.*” E, divididas, dificultaram o espírito de conciliação que Tancredo tanto pregou. Mas foi tão

forte a consolidação democrática que resistiu às turbulências, e chegamos, hoje, ao mais longo período da história do Brasil sem rupturas institucionais: 25 anos. E não temos sombras e perspectivas de que o futuro não seja um avanço permanente.

Semeei o exemplo de respeitar a liberdade de imprensa, do rádio e da televisão, até os limites extremos, porque entendo que a prática da liberdade corrige os excessos. Mas Tancredo é a minha inspiração. Nada fiz sem pensar no que ele faria. Substituí-lo era tarefa maior do que eu mesmo.

Afonso Arinos resumiu, brilhantemente, a falta que Tancredo fez na frase que o definirá perante a História: *“Há homens que dão a vida pelo País. Tancredo deu mais, deu a morte”*.

Dentro de pouco mais de um mês, ter-se-ão passado 25 anos do desaparecimento de Tancredo. Passarão séculos. Sua memória está na pedra eterna da nacionalidade.

Hoje, recordamos o centenário de seu nascimento.

Ele já se encontra no Panteon da História do Brasil. É de pedra, que não sofre mais os desgastes do cotidiano.

E sua imagem eterna é do estadista, do homem que restaurou a liberdade, exemplo para as gerações da dignidade, do heroísmo, da imolação pelo Brasil.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP)

– Com a palavra o Deputado Michel Temer.

**O SR. PRESIDENTE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS** (Michel Temer. Bloco/PMDB – SP) – Sr. Presidente, Senador José Sarney; Srs. Governadores Aécio Neves e José Serra; Sr. Deputado Rafael Guerra; Srs. Senadores Eduardo Azeredo, Francisco Dornelles e Heráclito Fortes; demais Senadoras e Senadores, Deputadas e Deputados, depois da extraordinária biografia traçada pelo Presidente e escritor José Sarney, pouco me resta a dizer na condição de representante da Câmara dos Deputados do Brasil.

Já tive oportunidade, durante a inauguração do busto de mármore de Tancredo Neves, de ressaltar que há pessoas que passam e outras que ficam. Tancredo Neves ficou.

Para não repetir o que disse, lembro uma frase símbolo de Dr. Tancredo: *“Não vamos nos dispersar”*, na qual está a síntese do seu pensamento conciliador, a suma do seu pensamento agregador, a essência da ideia de conciliação, sua própria figura.

Não fosse ele naqueles momentos difíceis da nacionalidade, não teríamos esse histórico que o Presidente José Sarney acabou de traçar.

Na verdade, agora, quando a democracia se consolida definitivamente no País, é preciso reconhecer que rompemos os ciclos histórico-constitucionais de 20, 30 anos de ditadura e 20, 30 anos de democracia em grande parte graças ao exemplo do Dr. Tancredo Neves.

Portanto, mais uma vez, em nome da Câmara dos Deputados, reverencio a figura do ex-Presidente e repito a frase que ele pronunciou há muitos anos e que hoje serve para todos os brasileiros: *“Não vamos nos dispersar.”*

Muito obrigado, Sr. Presidente. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP)

– Com a palavra o Governador de Minas Gerais, Aécio Neves.

**O SR. AÉCIO NEVES** – Exmº Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador José Sarney; Exmº Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer; caro colega, companheiro e amigo Governador de São Paulo, José Serra; Senador Eduardo Azeredo e Deputado Rafael Guerra, representantes de Minas Gerais e autores do requerimento que nos permitem este reencontro com a nossa história; ilustre Senador Heráclito Fortes; caríssimo primo Senador Francisco Dornelles; Srªs. e Srs. Senadores; Srªs. e Srs. Deputados, meus amigos, antes de mais nada, quero manifestar o reconhecimento de Minas a esta homenagem que o Congresso Nacional presta a Tancredo Neves, nas celebrações do seu centenário. Se ele vem sendo generosamente lembrado pelos brasileiros em diferentes momentos, a homenagem desta Casa, estejam certos, tem significado especial, pois foi ao Parlamento que ele dedicou a maior parte da sua vida.

Tancredo esteve sempre entre essas paredes, desde a inauguração de Brasília até aquela fatídica quinta-feira de 1985 em que foi desviado de seu destino. Esta foi a sua casa, a sua trincheira cívica, o seu espaço para a alegria calorosa dos debates, mas também para os momentos fortes de resistência e de bravura. E, se olharmos bem, com os olhos da Pátria, provavelmente nós o veremos aqui. Senão em sua poltrona, atento aos debates, provavelmente nos corredores, ouvindo sempre mais do que falando, fazendo entendimentos, conjurando perigos, tecendo, sem pressas inúteis e sem pausas estéreis, as bandeiras da paz. Ele amava esta Casa.

Tancredo era genuinamente um democrata. Era também, na sua essência, um homem do Parlamento, especialmente atraído pelo debate das ideias.

Acredito que foi justamente o exaustivo exercício do contraditório que adensou suas crenças na política – e nos caminhos da política – como espaço para o di-



álogo, o entendimento e a construção dos necessários consensos em torno das grandes causas nacionais.

Mas, mais do que qualquer outra coisa, Tancredo era Minas.

Em tudo, era Minas. No feroz amor à liberdade, que ele via como outro nome da nossa terra; no amor às serranias e vales, que conhecia tão bem e tantas vezes percorreu na pregação republicana.

Ele era também Minas na profunda fé em Deus e nos santos talhados pelas mãos do genial Aleijadinho e estampados nas cores surpreendentes de Athayde nos tetos de nossas igrejas e capelas.

Acompanha-me, na memória, a sua múltipla e, ao mesmo tempo, singular personalidade.

Ele sorvia, atento, o debate ideológico que se travava no mundo, mas também se preocupava permanentemente com as coisas da sua, da nossa São João del Rei.

Ali, caminhando sobre as pedras seculares que sentiram os passos inquietos dos inconfidentes, Tancredo entendia que o núcleo íntimo e poderoso da Pátria é sempre o chão de nascimento.

O grande homem de Estado é aquele que consegue meditar sobre o destino do mundo sem descuidar de seu país; consegue refletir sobre o seu país sem esquecer a província e consegue pensar na província sem se desviar do zelo para com a pátria.

O traço mais forte de sua personalidade era, sem dúvida, a busca da conciliação. Ele só entendia a ação do homem público dentro das razões da paz e costumava reiteradamente repetir: *“Em Minas, brigam as ideias, jamais os homens!”*.

Mas Tancredo não era apenas um conciliador, um ouvinte paciente, um negociador talentoso, ameno no trato, ameno nas palavras. Há um Tancredo que talvez nem todos conheçam.

Nas horas difíceis e decisivas da nossa história, sabia acrescentar à cordialidade e à elegância a coragem cívica, especialmente quando o que estava em jogo eram os princípios democráticos e o Brasil – e aqui vejo algumas importantes testemunhas desse tempo.

Ambos – o conciliador e o defensor intransigente dos princípios que professava – se fundiram em um líder por inteiro. Um líder sempre comprometido com a ordem democrática e com a legalidade.

Sabia, como poucos, separar as circunstâncias daquilo que é fundamental. Era um permanente construtor de pontes. Pontes que aproximavam as pessoas. Pontes que faziam o País ser cada vez mais inteiro. E, acredito, poucos foram tão corajosamente coerentes como ele.

Prevaleceu, para a maioria da nossa gente, a sua presença fundamental no processo de reconquista da democracia. No entanto, ele esteve no centro – e aqui o Presidente Sarney, de forma extremamente correta, relatou-nos esses fatos – de todas as grandes questões brasileiras do seu tempo.

Sua coragem cívica e seu senso de dever político se expressaram inúmeras vezes. Percebia, com nitidez, que um dos maiores problemas do Brasil contemporâneo era não ter criado as condições de convivência política e de convivência coletiva compatíveis com o processo de modernização econômica do País.

Por isso, para ele era sempre tão vital esgotar as possibilidades de entendimento em torno das grandes causas nacionais.

Tancredo dizia muitas vezes: *“Sinto-me muito mais feliz quando faço um bom acordo do que quando derroto um adversário”*.

Sabia ele que dividir, antagonizar, aprofundar diferenças e intransigências são sempre tarefas mais fáceis e também o caminho mais eficaz para transformar dificuldades, muitas vezes, em impasses intransponíveis. *“O difícil”, ensinava-nos, “é construir o rumo e as bases para o caminho comum, é conciliar as diferenças em torno de objetivos maiores”*.

Esse exercício da conciliação lhe exigia dedicação e perseverança, exigia-lhe também humildade.

Dizia Tancredo, ensinando-nos, dentre tantas coisas: *“Transijo na estratégia se necessário, mas jamais nos objetivos e muito menos nos princípios”*.

Ao longo da sua vida pública, Tancredo seguiu seu credo de coragem e dedicação à causa democrática.

Permaneceu ao lado do Presidente Vargas e das Forças Constitucionais. Horas antes do ato extremo do Presidente, pediu a sua autorização para dali sair como Ministro da Justiça, aos 43 anos de idade, para punir e prender os militares rebelados.

Dirigiu-se publicamente à Nação, pedindo que fosse garantida a ordem constitucional e a posse do Vice-Presidente, quando da renúncia de Jânio Quadros.

Articulou a implantação do sistema parlamentarista como forma de garantir o essencial: a chegada do Presidente João Goulart ao governo. O ano de 1964 o encontrou, na Câmara dos Deputados, na condição de Líder da Maioria e do Governo que caía.

Tancredo foi uma das vozes da consciência indignada desta Nação no plenário do Congresso quando foi decretada vaga a Presidência da República com o Presidente Goulart ainda em solo brasileiro.

Enfrentou soldados para se despedir do seu Presidente, e foi o único Deputado do PSD mineiro a se abster de votar no Marechal Castello Branco, com quem tinha relações de amizade.

Acompanhou o Presidente Juscelino Kubitschek em seus depoimentos às autoridades militares e na dramática hora do seu embarque para o exílio.

Há poucos dias, inclusive, reli algumas cartas recebidas por Tancredo, e entre elas estava uma escrita de próprio punho pelo Presidente Juscelino, em que ele dizia: *“Lembro-me bem de que a sua, Tancredo, foi a última mão que apertei ao embarcar no avião com destino ao exílio”*.

E, talvez, quase como uma profecia escreveu também Juscelino: *“E tenha absoluta certeza de que a democracia ainda voltará a florescer nestas terras, porque sobraram no Brasil homens como você”*.

Mais adiante, com seu brio e sua lealdade, Tancredo enterrou todas as conveniências do momento e voltou a São Borja para honrar o sepultamento do Presidente João Goulart. E foi, nas palavras de Almino Afonso, o único político de expressão nacional a se despedir pessoalmente do ex-Presidente.

São também de Tancredo as palavras mais fortes de despedida ao Presidente Juscelino Kubitschek em antológico discurso proferido no plenário da Câmara dos Deputados.

Durante a ditadura, articulou incansavelmente. Procurou brechas, tateou saídas no escuro. Mais uma vez, teceu diálogos, construiu pontes e abriu caminhos.

Anos depois, foi às ruas, com todos os brasileiros, com a Campanha das Diretas. E, nela, ganhou o coração do País, ao lado de gigantes como Ulysses Guimarães, Franco Montoro e Teotônio Vilela.

Sabia que a hora era aquela. Sentia que o País estava maduro para fazer a sua travessia, ainda que o sonho das eleições diretas não se consumasse no primeiro momento. O importante era fazer a travessia. O fundamental, de novo, era garantir o essencial. E o essencial era virar definitivamente a página do autoritarismo.

Ele estava pronto. O País estava pronto. A ida ao Colégio Eleitoral violentava sua alma democrática. Mas era o único caminho possível. A única porta aberta pela história.

Aspas para Tancredo: *“Esta foi a última eleição indireta do País”*, foram as suas primeiras palavras como Presidente eleito.

Tancredo sabia a intensidade do compromisso que estava assumindo com a história. Não haveria retorno. Carregava consigo e em si a alma dos emboabas, combatentes anônimos que, pela primeira vez, tombaram em defesa de nossos brios e de nossa liberdade.

Estava com Felipe dos Santos, com Joaquim José, com mineiros, vendeiros das estradas, escravos alforriados, garimpeiros, brancos sem terras e sem

trabalho. Eram essas as vozes que ecoavam pelas ruas da sua São João Dei Rei, nas suas noites indormidas e que jamais abandonaram a sua alma e a sua consciência.

Tancredo viveu com a intensidade das suas convicções democráticas os seus últimos dias. A sua grande preocupação – e, mais uma vez, disse aqui corretamente o Presidente Sarney – era garantir as condições para que o processo de redemocratização do País se tornasse irreversível.

Melhor do que ninguém, conhecia a fragilidade das nossas instituições. Para isso trabalhou, noite e dia, mesmo após sua eleição. Para isso, foi ao exterior buscar apoio internacional à incipiente democracia que ajudara a construir.

Garantir o ingresso definitivo do Brasil na ordem democrática era sua preocupação no leito do hospital até os seus últimos dias. E essa preocupação balizou as escolhas que fez em toda a sua vida. Balizou também as escolhas dos seus últimos dias.

Tornaram-se, assim, proféticas as palavras que disse no seu discurso de despedida, aqui, neste plenário – e eu acompanhei sentado numa dessas cadeiras. Ao se referir à morte do Presidente Getúlio Vargas, ressaltou Tancredo: *“Ele nos deixou o ensinamento indelével de que, no serviço da Pátria, a vida é o que menos vale”*.

Portanto, senhoras e senhores, avançamos muito nesses 25 anos. Conquistamos muito. E isso não foi obra de um só homem, ou de um só governo, mas uma construção coletiva.

Acredito, no entanto, que nos tem faltado o despreendimento e a generosidade que nos aglutinaram no passado e nos permitiram que carregássemos juntos – e lado a lado – a bandeira da redemocratização.

Tem nos faltado a grandeza de líderes capazes de recuperar o sentido mais amplo da conciliação, para nos permitir convergir, todos, em torno das grandes causas nacionais.

Falta-nos enxergar e compreender que o País é muito maior que o limite estreito que tantas vezes nos impõem as circunstâncias.

Esperamos sempre – e eu de forma muito clara – que os valores e as crenças daqueles que, como Tancredo e seus companheiros, vieram antes de nós e cumpriram os seus deveres possam impregnar as convicções dos homens públicos de hoje. E aqui estão alguns dos mais ilustres. Que esses valores inspirem as novas gerações de brasileiros, na direção do País que queremos e com que sonhamos há tanto tempo.

Sobre esses deveres, dizia-nos Tancredo: *“A pátria não é o passado, mas o futuro que construímos com a nossa ação presente. Não é a aposentadoria dos he-*

*rois, mas tarefa a cumprir. É a promoção da Justiça, e justiça só se promove com liberdade!”.*

Reitero-lhes, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Parlamentares, os agradecimentos de Minas ao Congresso Nacional por esta bela solenidade em homenagem ao democrata e federalista Tancredo de Almeida Neves.

Manifesto especial agradecimento ao Senador Eduardo Azeredo e ao Deputado Rafael Guerra, grandes nomes de Minas, que tomaram a iniciativa de nos proporcionar este belíssimo reencontro, como disse, com a nossa história.

Mas não seria justo encerrar minhas palavras sem o necessário reconhecimento a V.Ex<sup>a</sup>, Presidente Sarney.

Naqueles momentos difíceis enfrentados pelo País – e sou eu testemunha permanente -, V.Ex<sup>a</sup> soube manter-se digno e leal aos valores que mobilizaram as ruas e as praças públicas: garantir as condições para que a conquista da democracia se tornasse, finalmente, um patrimônio de todos os brasileiros.

Se ainda estivesse com a nossa gente; à gente a que ele amou, serviu e respeitou, Tancredo Neves faria 100 anos amanhã.

Hoje, ele vive no coração de todos, fazendo pulsar o compromisso permanente dos homens de Minas com o Brasil.

Amigos, permitam-me chamá-los assim, amigos de Tancredo, amigos da boa prática política, encerro minhas palavras como Governador dos mineiros e peço licença, ao final, para ceder a voz ao neto que teve o privilégio de acompanhar de perto os últimos anos de vida do estadista cuja memória ora homenageamos.

Em mim há muito mais que orgulho por Tancredo. Há principalmente saudade. Uma enorme saudade. Posso vê-lo, como se fosse ontem, sentado em sua poltrona, com seus olhos apertados, enrolando a gravata, buscando o que havia e o que estava por vir nos longos caminhos ainda não percorridos.

Se, na atividade política todos os dias são de aprendizado, devo reconhecer que aprendemos mais em alguns deles.

De Tancredo, recebi as mais importantes lições, lições que elevam ao mesmo patamar a política, a ética, a coragem e o bem comum. Com ele e sua densa trajetória, conheci e compreendi o verdadeiro sentido da vida pública. Aprendi que o exercício da vida pública tem de ser o exercício da responsabilidade. E que só poderemos ser fiéis àqueles que representamos se formos antes – e sempre – fiéis a nós mesmos, às nossas próprias convicções. Porque aquele que trai a si mesmo e as suas convicções mais íntimas não merece o respeito de seus companheiros e de seus compatriotas.

No exercício do poder nunca estamos sozinhos. Mas somos sempre sós. As grandes decisões são sempre solitárias. Indelegáveis. Podemos e devemos compartilhar opiniões, estar abertos às críticas e aos conselhos, dividir tarefas, somar esforços, mas a escolha do caminho a seguir é sempre solitária.

Por isso, precisamos fortalecer diariamente as nossas convicções. Precisamos resistir às pressões que nos afastam daquilo em que acreditamos. Precisamos acostumar os olhos à luz e à sombra da política, para enxergarmos com clareza os interesses menores que se travestem de interesse coletivo.

Não podemos temer a incompreensão quando agimos de acordo com a nossa consciência e responsabilidade. Eu estou seguro disso.

Meus amigos, Tancredo vive, ao seu modo, em cada um de nós, porque em cada um de nós sobrevive algo do que um dia ele representou. Ele foi aquela esperança que nos tomou um dia e nos levou às ruas. Ele é a representação da crença viva no que somos, não no que somos, mas no que podemos ser e a convicção do que podemos fazer, quando juntos sonhamos os mesmos sonhos sobre este maravilhoso Brasil.

Nesses dias de reflexão sobre o momento nacional e também de renovação das nossas convicções, tenho buscado, nas noites maldormidas, tal como Tancredo fazia, os mesmos ensinamentos de Minas.

Por fim, deixo-lhes as palavras de Afonso Arinos de Melo Franco, um outro grande mineiro, que, certa vez, ao localizar Minas nesse permanente cenário de construção da nacionalidade, pontuou a nossa grande responsabilidade histórica.

Abro aspas para o grande mestre:

“Minas é o centro, e o centro não quer dizer imobilidade, porém peso, densidade, nucleação, vigilância atenta, ação refletida, mas fatal e decisiva.

Minas foi, é e será sempre o centro.

As suas terras tocam os climas do norte.

Participa dos climas úmidos e florescentes da orla litorânea.

A oeste, da civilização do couro.

Ao sul, confina com a riqueza paulista.

Daí a sua posição histórica, que é um imperativo geográfico, econômico, étnico.

Tende para a direita, quando a ordem periga.

Tende para a esquerda, quando o que periga é a liberdade.

Age por compensação, como as defesas orgânicas.



Posição central que alguns por vezes não compreendem, mas sempre agradecem quando, serenadas as paixões, analisam de boa-fé os resultados.”

Muito obrigado. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP) – Com a palavra o Governador de São Paulo e ex-Senador José Serra. (*Palmas.*)

**O SR. JOSÉ SERRA** – Sr. Presidente José Sarney, a quem agradeço a oportunidade de voltar a esta tribuna, depois dos anos que passei no Senado Federal, cumprimento V.Ex<sup>a</sup> pelo discurso pronunciado há pouco, um verdadeiro documento histórico, e pelo papel que desempenhou no processo nacional de transição democrática – se V.Ex<sup>a</sup> me permite dizê-lo -, o seu grande momento na vida pública.

Cumprimento também o Deputado Michel Temer, Presidente da Câmara dos Deputados, um companheiro há muitas décadas, e o meu queridíssimo amigo e Governador Aécio Neves, a quem tive oportunidade de conhecer há algumas décadas, precisamente quando era Secretário particular do Presidente Tancredo Neves, de quem veio a se tornar o grande herdeiro político. Aécio Neves herdou não só os ensinamentos, mas também toda a experiência de seu avô.

Do mesmo modo, quero saudar o Senador Francisco Dornelles, a quem conheci durante o período em que assumi a coordenação do programa de Governo do Presidente Tancredo Neves e com quem, posteriormente, trabalhei de maneira muito próxima, amiga e competente durante a Assembleia Nacional Constituinte.

Cumprimento igualmente o meu querido amigo e Senador Heráclito Fortes, o Senador Eduardo Azeredo e o Deputado Rafael Guerra, que tiveram a iniciativa de nos possibilitar participar desta homenagem.

No seu discurso de posse na Presidência, lido pelo Vice-Presidente José Sarney e que nos foi legado como um documento precioso, Tancredo Neves fez uma conclamação histórica:

“Começamos a viver hoje a Nova República. Deixemos para traz tudo que nos separa e trabalhemos sem descanso para recuperar os anos perdidos na ilusão e no confronto estéril. Estou certo de que não nos faltará a benevolência de Deus. Entendamos a força sagrada deste momento em que o povo retoma solenemente o seu próprio destino”.

Esta nova República, da qual Tancredo Neves foi um dos principais fundadores, senão o principal, completa 25 anos neste mês de março, precisamente

no mesmo dia em que Tancredo deveria tomar posse, ou seja, no dia 15.

Estes 25 anos, na verdade, são o período em que a História do Brasil conta o maior número de conquistas de indiscutível qualidade política e qualidade humana.

Em primeiro lugar, o País nunca havia conhecido um quarto de século ininterrupto de democracia. É nítido o contraste com a oligárquica República Velha, de eleições a bico de pena, sacudida por intervenções nos Estados, revoluções e instabilidades.

O período da Nova República supera igualmente a fase democrática da Constituição de 46, desfeita menos de 20 anos depois pelo golpe que derrubou João Goulart.

A Nova República foi muito além no tempo e na expansão, sem precedentes, da cidadania, das liberdades civis e políticas e na eliminação das restrições ao direito de voto.

A ampliação da participação das massas populares, longe de acarretar maior instabilidade, coincidiu com o período de completa ausência de conspirações, golpes militares, quarteladas, intervenções preventivas e epílogos políticos trágicos ou temerários. Bem diferente do período anterior, no qual tivemos Aragarças e Jacareacanga durante o Governo de Juscelino Kubitschek; o movimento do Marechal Lott, de 11 de novembro de 1955; o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, e a renúncia de Jânio Quadros, em 1961.

Desde a questão militar do Império, passando pela primeira década da República, pela Revolta da Armada, pelo Tenentismo, pelas Revoluções de 24, de 30 e de 32, pela insurreição comunista de 1935; pelo golpe de novembro de 37 e pelo golpe de 64, é a primeira vez na história da República que desaparece da política brasileira a hipótese de golpe dos quartéis – na prática, hoje isso é algo impensável.

Essa tranquilidade – vejam bem – não se deveu à ausência de fatores de instabilização. Eles aconteceram. E, como exemplo, cito a própria doença e a morte do Presidente eleito no momento da transição do regime militar para o civil e o processo de **impeachment**, que levou ao afastamento de outro Presidente eleito. Nem mesmo a conjuntura econômico-social foi sempre favorável. É preciso lembrar que, no caso do golpe de 1964, um dos fatores invocados era precisamente a estagnação e a superinflação da época.

A Nova República teve seus dissabores. Ao contrário da fase recente de estabilidade, boa parte dos últimos 25 anos se desenrolou sob o signo da superinflação, com o agravamento dos conflitos distributivos a eles associados. E não faltaram, depois, grandes

crises financeiras mundiais: 1994-1995, 1997-1998 e 2007-2008, a maior desde 1929.

O País ficou ainda muitos anos sem alcançar crescimento econômico sustentado. Não faltaram reveses sérios, que, em outras épocas, teriam abalado as instituições: a frustração do Plano Cruzado e os numerosos planos que se sucederam, alguns com medidas draconianas, como o confisco da poupança.

Não obstante tudo isso, a Nova República fundada por Tancredo conseguiu completar com normalidade uma conquista que permaneceu fora do alcance dos regimes do passado: a alternância tranquila no Poder de forças político-partidárias antagônicas. No passado, havia sempre polarização e radicalização. Foi o que aconteceu, por exemplo, em 1954-1955, e, com consequências mais graves, de 1961 a 1964.

Neste último quarto de século, a alternância passou a fazer parte das conquistas adquiridas. Ninguém mais contesta a legitimidade das vitórias eleitorais e do natural desejo dos adversários vitoriosos de governar sem perturbações.

O resultado é ainda mais impressionante quando se observa que uma dessas alternâncias, aparentemente a mais contrastante, foi a chegada ao poder do Partido dos Trabalhadores, que encarnava, a princípio, se não uma força desestabilizadora, ao menos um comportamento radical e deliberadamente à margem da política nacional.

A propósito, por mais paradoxal que pareça, o PT acabou por ser um dos principais beneficiários da eleição do primeiro Presidente civil e das conquistas sociais e culturais da nova Constituição, e soube, posteriormente, ao longo de seus períodos de governo, colher os bons frutos das mudanças institucionais e práticas como o Plano Real, o PROER e a Lei de Responsabilidade Fiscal.

Esse último exemplo, aliás, o do Plano Real e da estabilização, é especialmente notável. Os Governos militares, apesar de 21 anos de poder discricionário em termos de elaboração de leis, de normas com elevado grau de repressão social e sindical, fracassaram por completo na tentativa de liquidar a herança da inflação que vinha da segunda metade dos anos 50 e, mais remotamente, da 2ª Guerra Mundial.

Pior do que isso, a inflação acabou sendo agravada ao ser criado o instrumento da indexação da moeda, que tanto iria complicar e tornar rígido o combate à inflação.

Ao mesmo tempo, os Governos militares conduziram o País para a gravíssima crise da dívida externa, a partir de 1981 e 1982, dando início a quase uma década e meia de estagnação econômica. O Brasil que, entre 1970 e 1980, foi o país de maior crescimento médio

entre as 10 maiores economias do mundo, parecia ter esquecido a fórmula do crescimento.

Pois bem. O período de um quarto de século da Nova República, sem repressão, sem poderes especiais, conseguiu finalmente derrubar a superinflação. E fez mais: resolveu o problema persistente da dívida externa e até deu começo a promissora retomada do crescimento econômico e à expansão do acesso das camadas de rendimento mais modesto ao crédito e ao consumo, inclusive de bens duráveis.

Mas, senhores, a esta altura, duas observações acautelatórias se impõem.

A primeira é a de que as conquistas da segunda redemocratização não foram resultado de milagres instantâneos. Ao contrário, elas custaram esforços enormes e, com frequência, só se deram depois de muitas tentativas e erros. É por isso que o período tem de ser analisado na sua integridade, êxitos e fracassos juntos, porque esses são partes inseparáveis do processo de aprendizagem coletiva, para o qual contribuíram numerosos dirigentes e cidadãos, numa linha de continuidade, não de negação e de ruptura.

O Plano Real, por exemplo, não teria acontecido não fossem as experiências com os planos anteriores.

A segunda reflexão acautelatória é a de que nenhuma conquista é definitiva, nenhum progresso no Brasil e no mundo é garantido e irreversível. Assim como não somos escravos dos erros do passado, tampouco devemos crer que a eventual sabedoria dos acertos de ontem e de hoje se repetirá invariavelmente hoje e amanhã.

É necessário ter isso presente, porque a estabilidade, o crescimento, os ganhos de consumo ainda não têm garantidas as condições de sustentabilidade no médio e longo prazos.

Nosso dever é, por conseguinte, o de assumir com humildade e coragem a herança destes 25 anos, não para negar o passado, mas para superá-lo, a fim de fazer mais e fazer melhor. Não é apenas por uma coincidência deste momento com o aniversário dos primeiros 25 anos da Nova República que devemos reclamar essa denominação para a fase da história em que vivemos. Durante a Nova República, o Brasil mudou – e mudou para muito melhor.

Os fatos que aponte, indiscutíveis na sua consistência e na sua imensa importância, atestam o discernimento e a sabedoria que deram perenidade à obra dos grandes responsáveis pela Nova República. E aqui evoco os nomes de alguns que já nos deixaram, além de Tancredo Neves: Ulysses Guimarães, Franco Montoro, Leonel Brizola, Teotônio Vilela, José



Richa, Mário Covas, Sobral Pinto, Raimundo Faoro e Celso Furtado.

Quero dizer também que tive, em 1984, a grande honra e satisfação de ser levado pelo Governador Montoro a uma reunião com o então Governador de Minas, o Presidente Tancredo Neves, em Araxá, Minas Gerais. Na oportunidade, o Governador Franco Montoro explicitou ao Presidente Tancredo Neves que, dadas as circunstâncias, poderia ser possível não haver eleições diretas para Presidente e que, nesse caso, São Paulo apoiaria Tancredo, apoiaria Minas. Esse gesto político veio a ter grandes e positivas consequências para o nosso País e para a fundação da Nova República.

Mas o exemplo inspirador de Nelson Mandela está aí para nos mostrar que a grandeza do instante fundador não se esgota no momento da partida, continua a fazer diferença no futuro. As fases da história não podem ser arbitrariamente datadas a partir de um ou outro governante ao qual queiram alguns dedicar um culto de exaltação; elas só terão coerência se corresponderem a instantes decisivos da mudança institucional: a República; a Revolução de 1930; a primeira redemocratização, em 1946; o golpe de 1964, e a segunda redemocratização ou Nova República.

A razão não é difícil de compreender e está presente em Maquiavel: os fundadores de uma nova ordem na base da virtude, em grande parte, determinam como haverão de viver os homens e as mulheres de acordo com as leis, com a Constituição e com o exemplo que eles dão.

O Brasil de hoje, senhoras e senhores, tem a cara e o espírito dos fundadores da Nova República: senso de equilíbrio e proporção; moderação construtiva na edificação de novo pacto social e político; apego à democracia, à liberdade e à tolerância; paixão infatigável pela promoção dos pobres e excluídos, pela eliminação da pobreza e pela redução das desigualdades. É na fidelidade a esse legado que haveremos de manter e superar o que até aqui se tem feito e realizar mais e melhor para o crescimento integral do povo brasileiro.

Viva Tancredo Neves!

Longa vida à Nova República! (*Palmas prolongadas.*)

**O SR. TASSO JEREISSATI** (PSDB – CE) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP) – Pela ordem, concedo a palavra ao Senador Tasso Jereissati.

**O SR. TASSO JEREISSATI** (PSDB – CE. Pela ordem.) – Sr. Presidente, gostaria de pedir permissão a V.Ex<sup>a</sup> para fazer uma sugestão.

São inúmeros os oradores inscritos para homenagear a Nova República e o Presidente Tancredo Ne-

ves. Considerando que esta sessão solene não pode se prolongar pela tarde inteira e que várias pessoas gostariam de ficar até o final – e, entre essas pessoas, familiares e amigos do ex-Presidente Tancredo Neves que se deslocaram até aqui –, faria a V.Ex<sup>a</sup> a seguinte proposição: se os outros estiverem de acordo, sugiro que, além dos 2 oradores proponentes, seja concedida a palavra a um representante de cada partido para homenagear o saudoso Tancredo Neves. Dessa forma, fariam esses oradores em nome de todos os Senadores e Deputados, isso se V.Ex<sup>a</sup> achar que essa proposta é razoável.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP)

– A Mesa vai proceder na forma...

**O SR. PEDRO SIMON** (PMDB – RS) – Sr. Presidente, peço a palavra.

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP)

– Com a palavra o Senador Pedro Simon.

**O SR. PEDRO SIMON** (PMDB – RS. Pela ordem.) – Sr. Presidente, apenas para dizer que houve algum descuido da 1ª Secretaria. Eu também sou um dos proponentes desta sessão.

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP)

– V.Ex<sup>a</sup> está inscrito para falar.

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP) – Concedo a palavra ao Senador Eduardo Azeredo, subscritor do requerimento de realização desta homenagem.

**O SR. EDUARDO AZEREDO** (PSDB – MG. Sem revisão do orador.) – Sr. Senador José Sarney; Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer; Sr. Governador Aécio Neves; Sr. Governador José Serra; Sr. Deputado Rafael Guerra; Sr. Senador Heráclito Fortes; Sr. Senador Francisco Dornelles; Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores; Sr<sup>as</sup>. e Srs. Deputados; senhoras e senhores, com muita emoção e grande honra, subo hoje à tribuna do Senado para homenagear um grande brasileiro: Tancredo de Almeida Neves, cujo centenário celebraremos amanhã, dia 4 de março.

Venho não para relatar a sua belíssima carreira de homem público e de pessoa incomum. É mais que reconhecido e justamente merecido o seu lugar na galeria dos estadistas mais notáveis da história nacional. Por isso, aqui estou para rememorar e enaltecer não apenas o político e a sua obra, mas para prestar um preito de admiração, respeito e saudade à pessoa de Tancredo Neves, com quem tive a honra e o privilégio de conviver.

Dele me são inesquecíveis sua personalidade e seu estilo, que pude conhecer de perto, nas relações de amizade que os meus pais e a minha família com ele mantinham, e também no relacionamento pessoal

que travamos por algum tempo, quando me iniciava na vida pública como membro do antigo MDB e como um dos quadros que integraram a sua administração no Governo de Minas.

Detrás do homem público e dos cargos dos quais se investe há sempre o ser humano. E é este quem verdadeiramente dá sentido à sua biografia política. As motivações, os gestos e as ações de cada político se explicam nas raízes da sua formação pessoal e se manifestam concretamente no seu caráter, pensamento e atitudes.

Constitui, assim, um desafio compreendê-lo em sua realidade, para aquilatar o que vai em seu pensamento e sentimentos e seus objetivos mais autênticos.

Pois, bem, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Senadores, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Deputados, o que desejo dizer, já na perspectiva possibilitada pela distância do passado e dos fatos históricos, é que a pessoa Tancredo Neves representa para nós a identidade congruente entre o ser humano e a sua imagem. Não existisse a pessoa discreta, ponderada, comedida, moderada, concentrada, inteligente e perscrutadora como foi Tancredo, não haveria o Tancredo Neves estadista, o político talhado para enfrentar e resolver os difíceis problemas que ocorrem em crises aparentemente insolúveis.

Os grandes estadistas surgem nessas situações especiais e até únicas. De tempos em tempos, ao longo da História, as circunstâncias revelam homens públicos que encarnam as mais profundas necessidades e aspirações de um povo para responder junto com ele as questões candentes que o afligem. Por isso, são estadistas na verdadeira acepção da palavra.

Assim aconteceu, por exemplo, durante a Segunda Grande Guerra, com Roosevelt, Churchill e Stálin. Com as qualidades e os defeitos pessoais que cada um portava, eles fundiram em si os anseios e as características mais marcantes de seus respectivos povos para, em meio aos mais dolorosos percalços, conduzirem-nos na luta pela consecução dos objetivos nacionais mais altos.

O mesmo se pode dizer, senhoras e senhores, de Tancredo Neves na História republicana brasileira! Segundo o arquétipo tão bem definido pelos ingleses, ele sempre foi *“o homem certo no lugar certo”*!

Com menos de 40 anos de idade e ainda no primeiro ano de seu primeiro mandato como Deputado Federal, em 1951, já recebia incumbências desafiadoras que só aparecem para quem pode aceitá-las.

Na história, bem lembrada pelo Presidente Sarney, de toda a caminhada de Tancredo, a partir do seu primeiro mandato como Deputado Federal até sua morte, em 21 de abril de 1985, nunca o nosso grande

brasileiro e mineiro fugiu das convocações para gerir e solucionar conjunturas críticas que resultavam dos espasmos periódicos das frágeis instituições da democracia recém-instaurada com o final do Estado Novo.

E por que Tancredo traçou essa trajetória? Por que sempre arrostou obstáculos e jamais esmoreceu diante deles, mesmo quando pareciam intransponíveis? Porque simplesmente ele tinha o caráter com têmpera apropriada para a luta. Não a luta de bravatas, querelas e incitações, em busca de aplausos fáceis da plateia, mas a luta determinada, corajosa, paciente, persistente e, muitas vezes, silenciosa, travada por quem sabe onde quer chegar, orientado por convicções profundas e princípios fundamentais.

Tancredo encarnou a crença liberal e a fé na democracia, e com elas fincou os marcos do seu caminho político.

Ele encontrou forças para lutar até a exaustão, que o levou à morte em meio à tragédia e à glória, porque persistiu nas certezas íntimas de que não há regime melhor do que a democracia; não há valores maiores mais importantes do que a liberdade, a ética e a lealdade; e não há compromisso político maior do que servir à Nação em seu conjunto.

Esse ideário ele o levava à prática, sistematicamente. E, assim, reunia em si e no seu entorno energia para combater com coragem e prudência; resistir com paciência e inteligência e construir com determinação e cooperação. Com esses 3 vetores formava o plano de uma ação política consequente, seja na Oposição, seja na Situação.

Os exemplos de coragem foram inúmeros e aqui já lembrados, como a sua lealdade a Getúlio Vargas no seu cargo de Ministro da Justiça. Abdicou de disputar a reeleição para a Câmara em 1954 para ficar no posto de Ministro da Justiça, ao lado de Getúlio, até a madrugada fatal de 24 de agosto daquele mesmo ano. Pranteou o velho Presidente, denunciando com todas as letras, à beira do túmulo, a conspiração que o empurrou para o suicídio.

Outro exemplo de lealdade: a participação ativa na eleição de Juscelino Kubitschek a Presidente da República e na luta para garantir sua posse. Ainda jovem, com apenas 51 anos de idade e 4 anos de experiência como Deputado Federal, assumiu, em 1961, o cargo de Primeiro-Ministro, ainda que, de antemão, soubesse da curta duração do Parlamentarismo, mas foi a solução que se mostrou adequada para o momento.

Entre os próprios aliados de oposição ao regime militar, Tancredo enfrentava os mais radicais, preservando-os, porém, da ira e da perseguição ditatoriais. Também não teve timidez em defender a disputa no

Colégio Eleitoral como caminho para derrotar o regime militar e eleger, em 1985, o primeiro Presidente civil.

Na sua costumeira discrição e para manter coesa a marcha em prol da redemocratização, manteve silêncio sobre a doença que o acometia e que, ao final, o impediu de assumir a Presidência. Foi profunda, todos lembram, a frustração dos milhões de brasileiros que fizeram de Tancredo fiel depositário de suas maiores esperanças, consubstanciadas na Nova República. Porém, a obra foi concluída!

No vetor da resistência, Tancredo exerceu todo o seu talento de exímio estrategista e tático inimitável, que ele desenvolveu continuamente ao longo das batalhas que enfrentou. Em 1954, ainda no ímpeto do início de sua carreira política, aprendera com Getúlio Vargas os limites da contraposição à força bruta. Já Ministro da Justiça, Tancredo queria a prisão dos líderes militares e civis que pregavam a destituição do Presidente constitucionalmente eleito, mas Vargas o dissuadiu e respondeu o repto com o autossacrifício.

Na crise de 1961, Tancredo fez João Goulart acolher gradualmente, até o limite do que a honra pessoal e política permitia ao Presidente, algumas das imposições feitas pelos chefes militares que vetavam a sua posse, após a renúncia de Jânio Quadros.

Em 1980, depois de ter fundado o antigo Partido Popular, de mãos dadas com seu ex-adversário Magalhães Pinto, que 20 anos atrás o havia derrotado ao Governo de Minas, o herói que hoje reverenciamos agiu com flexibilidade e rapidez. Reincorporou o PP ao PMDB e abriu caminho para a sua eleição ao Palácio da Liberdade. Vendo mais longe ainda, reforçou e preparou o principal partido de oposição para avançar na conquista do Palácio do Planalto, ainda que pela via indireta do Colégio Eleitoral.

Na arrancada final rumo à implantação da Nova República, pela qual ansiava a Nação inteira, Tancredo Neves excedeu-se em engenho e arte política.

Senhoras e senhores, Tancredo Neves concebia a política como visão de futuro, planejamento dos passos, inteligência e moderação nas ações, disciplina e muito trabalho, dedicação e esforço racionais, e não apenas a política como produto do ímpeto e das emoções que naturalmente também acompanham essa atividade política.

Com maestria incomum, teceu um a um os fios do manto da Nova República, que recobriria a Nação com as vestes de democracia e liberdade, que tinham sido esfarrapadas pela ditadura. Com base na realidade de que a política é a arte da aliança – mais do que apenas arte do possível como se costuma cantá-la –, ele aplicou de uma só vez todas as habilidades que o

consagraram como estadista e patriota: Tancredo foi articulador, negociador e tribuno.

Esse perfil, conforme salientei em minha fala, temperou-se na fusão de suas características pessoais com os seus valores, princípios e atitudes enquanto político. Daí resultou o estadista que, como também já frisei, nasce dos valores e da identidade cultural de um povo e irrompe com força e brilho telúricos em circunstâncias históricas que necessitam de um líder para expressá-los em toda a sua plenitude.

A sensibilidade, o amor à leitura constante e à fruição da arte, especialmente da música erudita; o trato lano, paciente e afável com o outro; o fino humor e ironia nas frases e observações atentas e pertinentes; as manifestações de indignação diante dos abusos e injustiças; o zelo com a coisa pública e a parcimônia nos gastos do dinheiro do contribuinte estavam na formação pessoal de Tancredo Neves e estão nas fontes legítimas da identidade de Minas, e, especificamente, de São João del Rei, onde ele nasceu e viveu e onde, hoje, lhe segue os passos, com talento, o seu neto, o Governador Aécio Neves.

O Governador José Serra no seu discurso e em recente e brilhante artigo publicado pela revista **Veja** destaca a herança de Tancredo e dos demais grandes líderes que foram seus aliados: Ulysses Guimarães, Franco Montoro, Leonel Brizola, Teotônio Vilela, José Richa, Mário Covas, entre outros. Tomo a liberdade de acrescentar nomes de outras personalidades que optaram por apoiar a redemocratização, entre as quais cito o ex-Governador e Vice-Presidente Aureliano Chaves, o ex-Prefeito Olavo Setúbal, o Deputado Federal Thales Ramalho, bem como o ex-Governador Hélio Garcia, o ex-Senador e Governador Antonio Carlos Magalhães, os Senadores aqui presentes Marco Maciel e Pedro Simon, e o Presidente desta nobre Casa, Senador José Sarney – a quem coube, ao final, conduzir a transição democrática.

“O Brasil de hoje” – escreve o Governador de São Paulo – “tem a cara e o espírito dos fundadores da Nova República: senso de equilíbrio e proporção; moderação construtiva na edificação de novo pacto social e político; apego à democracia, à liberdade e à tolerância; paixão infatigável pela promoção dos pobres e excluídos, pela eliminação da pobreza e pela redução da desigualdade. É na fidelidade a esse legado que haveremos de manter e superar o que até aqui se tem feito e realizar mais e melhor para o crescimento integral do povo brasileiro”.



É o que o PSDB faz nas cidades e Estados que administra.

Senhoras e senhores, Minas Gerais vê chegar ao fim o mandato do Governador Aécio Neves. Neto de Tancredo, o Governador Aécio Neves faz, em Minas Gerais, um trabalho de grande relevância. São 7 anos de trabalho profícuo, de retomada do desenvolvimento do Estado, de habilidosa articulação política e visão de político moderno. Como consequência, são 7 anos de melhorias para a população mineira.

Com certeza, Tancredo, se aqui estivesse, estaria compartilhando, com orgulho, desse avanço alcançado em Minas Gerais, onde Aécio dá continuidade ao legado de seu avô.

Senhoras e senhores, concluindo, quero lembrar que Tancredo de Almeida Neves soube deixar exemplos de dedicação à Pátria, à liberdade e à democracia. Tancredo foi um estadista autêntico, um estadista verdadeiro.

Muito obrigado a todos. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP) – Concedo a palavra ao nobre Deputado Rafael Guerra, um dos autores do requerimento para a realização desta sessão.

**O SR. RAFAEL GUERRA** (PSDB – MG. Sem revisão do orador.) – Exm<sup>o</sup> Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador José Sarney; Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer; prezado Governador de Minas Gerais, Aécio Neves; prezado Governador de São Paulo, José Serra; Senador Eduardo Azeredo; Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Deputados, senhores familiares de Tancredo Neves, senhoras e senhores.

Tive a honra de propor a esta Casa a homenagem que hoje se presta ao grande líder brasileiro Tancredo Neves, por ocasião do centenário de seu nascimento. E agradeço a todos os colegas Parlamentares que aprovaram esse requerimento.

Muitos dos aqui presentes, entre os quais me incluo, tiveram o privilégio de testemunhar alguns dos muitos feitos desse estadista, em particular a sua contribuição para a construção e reconstrução do regime democrático entre nós. Meditando sobre sua obra, pareceu-me ser bem uma síntese do papel por ele desempenhado em nossa história recente o de vê-lo como um pacificador da política brasileira.

Há no seu nome, como lembrava anos atrás o jurista e cientista político Celso Lafer, como que uma premonição de facetas marcantes de seu caráter que floresceram ao longo de sua fecunda carreira política. O nome Tancredo vem de duas raízes teutônicas, *dank* e *rad*, que representam o que toma decisões pensa-

das, ponderadas, e, com isso, é capaz de aconselhar com sabedoria e realizar com solidez.

Há muitos estilos de liderança. Muitas vicejam na divisão, na exacerbação dos conflitos, na escavação de valas entre os grupos e no erguimento de barreiras entre os cidadãos. Política, para essas lideranças, é o que os estrategistas chamam “jogos de soma zero”. Nesses jogos, para um dos jogadores ganhar, o outro é condenado a perder. Fazer política, nessa visão, significa extremar as distâncias entre “nós” e “eles”, acarreta definir o outro não apenas como adversário, mas sim, sobretudo, como inimigo. Implica encarar o conflito político como desembocando sempre numa escolha plebiscitária entre propostas radicais e inconciliáveis. Se, muitas vezes, o exercício desse papel pode ter um impacto conjuntural, não resiste ao passar do tempo, porque destrói, quando a vida política necessita de construções duradouras, a serem usadas pelo conjunto, não apenas por este ou aquele segmento.

Sr. Presidente, Tancredo Neves abominava as lideranças polarizadoras. Nas suas próprias palavras, na grandiosa peça oratória que foi a sua despedida do Senado, para assumir o Governo mineiro, no começo de 1983:

“Só os ingênuos, ou os politicamente retardados, a essa altura do século ainda alimentam a crença de que o radicalismo ideológico seja o único processo de promover mudanças, reformas e transformações em países como o Brasil. Nada mais falso. Ele suscita o ódio e inspira violência, é eficiente na destruição, mas impotente na construção e incapaz de levar a efeito obra política estável e eficaz. Mesmo os partidos políticos, até mesmo os mais provados nas lutas democráticas, quando se enrijecem em torno dos seus postulados, colocando-os acima da realidade política, são levados pela dinâmica da gravidade dos acontecimentos a praticarem o confronto, estágio perigoso e indesejável em meio ao quadro inconsistente e cambiante de nossa precária situação política.”

Ao contrário dessa visão conflituosa, Tancredo era um construtor de pontes, um articulador de convergências, um descobridor de denominadores comuns, permissores da ação coletiva sem interrupção de seu progresso.

Recapitulo brevemente alguns dados de sua biografia, que demonstram como se forjou essa excepcional liderança. Nascido em São João del Rei, Minas Gerais, em 4 de março de 1910, Tancredo Neves formou-se em Direito, foi promotor público e, em

1935, entrou para a vida política. Foi eleito Vereador de sua cidade, onde sua família deitara raízes já no século XVIII.

A carreira política do Dr. Tancredo, como era conhecido, poderia ter terminado logo em seguida, em 1937, com o advento do Estado Novo. Essa cesura autoritária na política brasileira o fez perder o mandato, forçando-lhe o abandono da política e a volta à prática do Direito.

Mas, como o testemunharam muitos amigos, Sr. Presidente, significou aquele fato uma violência contra uma vocação autêntica e irreprimível. Assim, a redemocratização, em 1945, trouxe-o de volta à cena pública. Já em 1946, tornou-se Deputado Estadual pelo Partido Social Democrático, o famoso PSD. Quatro anos depois, elegeu-se, pela primeira vez, Deputado Federal.

Suas habilidades e seus talentos começavam a ser percebidos. Em 1951, aos 41 anos de idade, foi nomeado Ministro da Justiça do segundo Governo Getúlio Vargas, cargo que ocupou até o trágico fim daquela administração. Com toda a certeza, o cruel desfecho, que foi o suicídio do Presidente, corroborou em seu espírito a convicção dos malefícios da polarização política, da política do ódio e dos conflitos sem mediação.

Fiel ao Presidente Vargas, não se desincompatibilizara a tempo do cargo de Ministro e não se candidatara a cargo eletivo. Mas suas qualidades pessoais fizeram com que fosse indicado para cargos na direção de importantes bancos públicos, como o Crédito Real de Minas Gerais, o Banco do Brasil e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, tendo exercido a presidência desse último até o início do Governo Jânio Quadros.

Alguns analistas de então o viam como um coringa para a Administração Pública. A essa altura – início dos anos 60 -, era homem bem formado, experiente e extraordinariamente habilidoso. A história, porém, mostrou ser ele muito mais do que esse coringa.

Na crise de governabilidade decorrente da renúncia de Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1961, no dizer do próprio Tancredo, uma guerra civil parecia iminente. A ameaça às instituições, a instabilidade latente e a desconfiança generalizada exigiram uma solução emergencial, mas que era para ser posta em prática por líderes com credibilidade.

De novo recorro às suas palavras:

“Condenado ao ostracismo em virtude de revés eleitoral, sou convocado a tentar a obra hercúlea de pacificação nacional. Não havia tempo a perder. Cada minuto inaproveitado era um risco a mais no nosso quadro político já por demais conturbado.”

Sr. Presidente, nos episódios daquele momento, novamente se patenteou sua capacidade política extraordinária como líder que torna exequíveis os acordos e solucionáveis os impasses, quando muitos já desesperam em encontrar saídas. Sua maturidade e inteligência, juntamente com o culto aos princípios maiores da nacionalidade, explicavam a confiança, já naquele momento generalizada, que merecia o homem público.

Com a elaboração institucional então posta em prática, pôde o Vice-Presidente João Goulart ser empossado Presidente, mas, na qualidade de titular de um sistema parlamentarista de governo, arranjo ainda inédito em nosso período republicano. Sendo um dos que conceberam e negociaram a solução, tornou-se Tancredo Neves chefe do seu primeiro Gabinete, como Primeiro-Ministro.

Não se tratou de uma solução corriqueira para um problema menor. Era imperativo impedir um golpe militar que interromperia o experimento democrático da chamada República de 46. Com o parlamentarismo, atalhou-se esse golpe que Tancredo, com sua formação política e jurídica e sua experiência do Estado Novo, sabia não ser solução, senão fonte de novos problemas.

Infelizmente, sua posição não era compartilhada com influentes setores das elites políticas daquele momento, temerosas com o avanço da incorporação populista de crescentes camadas da população, antes excluídas da cena política. Muitos acreditavam no salvacionismo militar como barreira ao populismo, sobretudo quando vivíamos no plano internacional a Guerra Fria, que dividia o mundo em blocos antagônicos e tinha inevitáveis rebatimentos dentro da política nacional. O golpe foi apenas adiado e viria com ímpeto maior poucos anos depois.

Não se permitiu ao Governo parlamentar ser exercido em plenitude e, assim, demonstrar serem possíveis, pela via da negociação política, soluções mais duradouras, porque obtidas não pelo confronto e polarização, senão pelo encontro de denominadores comuns, uma caminhada menos suscetível de recuos.

Perante as incompreensões com relação ao Governo que chefiava, Tancredo se limitava a brincar: “*Sou mineiro e se alguém é mineiro não é radical. Se for radical, não é mineiro*”. Em 1964, o País soube quanto valia esse ensinamento.

Tancredo Neves havia aprendido, com a experiência do Estado Novo, e depois com a crise que levou ao suicídio de Vargas, serem a oposição violenta e as tentativas de contragolpe a forma de reação mais conveniente para governos de exceção, os quais se



implantavam e se mantinham exatamente pelo uso da força.

Sr. Presidente, o regime militar, instaurado em 1964, apresentou, entre o final dos anos 60 e meados dos anos 70, um bom desempenho econômico. Chegou-se a cunhar o termo “milagre brasileiro” para caracterizar o período. O sucesso econômico tornava árdua a tarefa da Oposição na conquista dos corações e mentes da população brasileira. Os resultados econômicos eram fortes e veementes a favor do Governo, embora se pressentisse efêmera a sustentação daquela realidade.

Na prática, a arquitetura econômica do regime dependia da continuação dos financiamentos. Nada muito diferente do quadro que se observa em 2010. Naquela época, a exemplo de hoje, a voz da Oposição era abafada por resultados, cuja sustentação dependia do fluxo de capital estrangeiro. A economia brasileira, ao início de 1983, era contagiada pelas restrições externas, em sequência às crises do petróleo e aos problemas do México. A taxa de inflação mensal pulou de 7,6% ao mês, em dezembro de 1983, para 10,5%, um ano depois. Os financiamentos internacionais desapareceram. Em função disso, o déficit em transações correntes – estatística que indica o grau de dependência do capital externo – forçou um forte ajuste recessivo, iniciado em 1981, com o PIB variando menos 4,25%. Em 1982 e 1983, as taxas de crescimento foram, respectivamente, 0,8% e menos 3%.

O modelo econômico mantido pelo regime militar havia se esgotado. As estatais conduziram o País ao sobre-endividamento. A interferência do Governo na regulação microeconômica, definindo incentivos fiscais específicos e escolhendo setores vencedores, acabou por criar o caos na macroeconomia. O governo de exceção ruiu pela base.

Nada obstante a *débâcle* econômica do regime autoritário, era preciso encaminhar uma solução política. Mais uma vez, a sociedade brasileira buscava uma liderança capaz de construir pontes que permitissem uma saída pacífica, mas inequívoca, da situação autoritária, um personagem público que viabilizasse tanto a saída do imbróglio político como a condução do País a uma democracia estável. Esse era o cerne da chamada distensão: obter urna saída de um regime esgotado, na economia e na política, sem, contudo, ameaçar a transição com radicalismo.

De novo, como resultante de um processo de seleção natural, encontra-se em Tancredo Neves o estadista capaz de articular a saída do impasse. Impasse havia, entre outras razões, por não ter a grande mobilização das Diretas Já logrado êxito na aprovação da emenda propugnada pelo movimento. Se aprovada,

não iria satisfazer alguns requisitos da distensão, pois, apesar da bancarrota do regime em vigor, seus titulares não aceitariam uma solução não negociada.

Sr. Presidente, exemplo do que ocorrera em 1961, Tancredo foi de novo convocado. Naquele momento, realizava uma grande aspiração política de sua vida, a de administrar seu Estado natal. Agora, caber-lhe-ia catalisar os esforços de redemocratização mediante composição política equilibrada. Mais uma vez, incumbia-lhe ser o garantidor de uma solução política para a Nação.

Apesar de aclamado como reconstrutor da democracia, não faltou quem se recusasse a participar do esforço por ele liderado, grupos que apostavam em seu fracasso e para isso trabalhavam. Optavam pelo que o cientista político italiano Giovanni Sartori denominou ação “deslegitimadora”, a qual consiste no exercício de uma oposição irresponsável, pretensamente revolucionária. Nesse ambiente, Tancredo teve que lidar, além da insegurança dos militares, que impunham condições e acordos exageradamente prudenciais, para convalidar sua autoridade negociadora, com as demandas claramente despropositadas, naquele momento da história do Brasil, do Partido dos Trabalhadores.

Em dezembro de 1984, a revista *Veja* publicou a seguinte afirmação do então Presidente do PT, o sindicalista Luiz Inácio da Silva:

“O pacto social de Tancredo pretende apenas calar a boca do trabalhador. Não há sentido algum em se pretender uma trégua nas reivindicações sociais, inclusive com a paralisação de greves, enquanto não for resolvido o problema da fome do povo”.

Ainda assim, perseverou. Mostrou com isso sua qualidade de estadista, lidando com as forças da chantagem, sem abrir outro foco de atrito. Fez isso e sabe-se lá o quanto essa dura experiência possa ter contribuído para seu cansaço e para a evolução da patologia que o acometeu.

Em seu discurso de janeiro de 1985, Tancredo sustenta:

“Não vamos nos dispersar. Continuemos reunidos, como nas praças públicas, com a mesma emoção, a mesma dignidade e a mesma decisão”.

Esta é a essência do ensinamento desse brasileiro sem par: um País unido, decidido e digno.

Enfim, Tancredo foi, no cenário dos grandes vultos, a figura que lutou, com denodo e inteligência, pela consolidação de princípios em prol da democracia e da pacificação da família brasileira. Honra à glória e ao mérito.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP)

– Com a palavra o Senador Pedro Simon, também requerente da homenagem.

**O SR. PEDRO SIMON** (PMDB – RS. Sem revisão do orador.) – Exmº Sr. Presidente José Sarney; querido amigo, Governador Aécio; prezado amigo, Governador Serra; demais integrantes da Mesa; senhores e senhores.

Já foram tantos os oradores, já se falou tanto, que fico a me perguntar qual o ângulo que devo abordar. Acho que devo abordar um ângulo que deixe claro que, antes de chegar a candidatura de Tancredo ao Colégio Eleitoral, houve uma luta muito grande.

É bom lembrar que esses Anos de Chumbo da ditadura foram duros e dramáticos. Foram anos difíceis para a resistência. Durante um tempo grande, uma grande divisão. Aqueles que achavam que o MDB era um partido de mentirinha coonestavam o regime. Queriam a guerrilha; queriam a luta armada; faziam sequestros.

Em 1970, o MDB quase desapareceu, derrotado pelo voto em branco – porque muitos dos líderes determinavam que o povo votasse em branco -, e o MDB entrou em terceiro lugar: primeiro, ARENA; segundo, voto em branco; terceiro, o MDB.

Foi um longo período, dramático e cruel. Parecia que iria durar a vida inteira. Nós, da resistência, éramos ridicularizados por muita gente, inclusive ilustre e importante. Grandes líderes. Eu acho que olhavam para nós, dizendo: *“Coitados desses jovens, um regime militar forte que elege um Presidente ditador depois de outro! A Igreja está do lado, toda a grande imprensa, a burguesia, o empresariado, a classe média. De onde essa gente vem com a ideia de que vai derrubar a ditadura na luta democrática? Isso é piada”*.

Ali, a figura de Tancredo Neves foi realmente importante.

Tancredo, Ulysses, Teotônio, Montoro, Covas foram figuras realmente muito importantes, que colocaram o seu nome e a sua honra à disposição dessa caminhada; caminhada que, repito, parecia impossível: *“Ah, não vai acontecer nada!”* Assim, meio como está acontecendo hoje, com relação à ética e à seriedade: *“Não vai acontecer nada”*.

Mas a caminhada valeu. A luta valeu. A antecandidatura valeu. Principalmente quando se conseguiu que os jovens fossem às ruas, que os jovens tomassem as praças.

Lembro-me, Governador Serra, do aniversário de São Paulo, quando, pela primeira vez, fizemos uma grande demonstração pelas Diretas Já. A Rede Globo só publicou o aniversário de São Paulo. Publicou a ida pelos parques, pelos jardins, a beleza do aniversário de

São Paulo. No dia seguinte, os jovens viravam as caminhonetes da *Globo*, protestando contra aquele *Jornal Nacional* que não contava o que havia acontecido.

As televisões tiveram que entrar, e entraram. E publicaram um dos momentos mais extraordinários da história deste País: o povo e os jovens nas ruas. E Tancredo estava à frente; Tancredo, Teotônio, Ulysses.

Foi uma campanha magnífica a das Diretas Já, que o regime militar derrubou. Não deixou. Cercou esta Casa. Ameaçou que, se passasse, fechava o Congresso. E por meia dúzia de votos não passou. Conseguiu ampla maioria, mas não a maioria necessária para a emenda constitucional.

Eu me lembro – ah, eu me lembro! – da tragédia que aconteceu. Parecia que a nossa caminhada, a nossa luta, havia chegado ao fim. Não havia mais o que fazer. Não havia mais o que fazer. Esperar o quê?

E a tese que se lançou, quando Serra disse que realmente Montoro fora a Minas propor o nome de Tancredo... Nós entendemos desde o início: o candidato, na eleição direta, era o Dr. Ulysses. Mas até pelo que era o Dr. Ulysses – pela luta, pela caminhada, pelo debate, pelas guerras -, e porque ele tinha afrontado os militares, era impossível conseguir rachar o Colégio Eleitoral e trazer o grupo da ARENA e do PDS para o nosso lado, com o Dr. Ulysses. E ninguém mais do que o Dr. Ulysses reconheceu isso.

A candidatura do Dr. Tancredo era a natural. Quem a ela poderia fazer frente, com outra candidatura, era exatamente Montoro. E ele teve este gesto de grandeza: ele foi quem lançou o Dr. Tancredo à Presidência. Ele, o Governador do Paraná, o querido Beto Richa, e mais alguns foram até Tancredo. Ele deveria ser o candidato. Parecia uma campanha ridícula, mas o MDB tinha lançado 2 antecandidatos, Dr. Ulysses e o General Euler, para desmoralizar o Colégio Eleitoral. O Colégio era ridículo, imoral, indecente. Era um escândalo!

De repente, o MDB fala em ir para o Colégio. Como eles iriam explicar à sociedade essa transformação de posição? Daí a frase de Tancredo, que ficou célebre: *“Nós vamos ao Colégio para destruir o Colégio; nós vamos ao Colégio para consolidar a democracia. E se Deus quiser – dizia Tancredo -, essa será a última vez que um Colégio Eleitoral elegerá um Presidente”*.

Não foi fácil. No MDB, tivemos muitas resistências.

O PT – quem diria, o PT! – não foi ao Colégio Eleitoral. Se dependesse do PT, nosso amigo Dr. Maluf seria o Presidente da República, porque ele não foi ao Colégio Eleitoral. Aliás, o PT não foi ao Colégio Eleitoral – alegria compreensível, mas verdadeira. (Risos.) Não foi ao Colégio Eleitoral e, mais tarde, na hora da

votação final: *“Está em votação a Constituição do Brasil”*, o PT também não compareceu.

Se dependesse do PT, nós não tínhamos Constituição. A Assembleia Nacional Constituinte teria terminado um fiasco sem Constituição. Não sei por onde nós caminharíamos.

Cumpra registrar que o PT expulsou Airton Soares, Bete Mendes e alguns Deputados que, à revelia, votaram no Tancredo. Foram expulsos do partido. Vejam como foi difícil aquela situação. Vejam como, na hora de esclarecer as coisas, nós tivemos de mostrar o que foi feito, como foi feito e de que maneira foi feito. Nós tivemos coragem.

Recordo-me de que, na nossa reunião, na qual se estabeleceu o grupo que levou à Aliança Democrática – Presidente Sarney, Marco Maciel, Aureliano Chaves, Tancredo, Ulysses, eu -, naqueles debates, eu dizia que não iria, no Rio Grande do Sul, pedir ao eleitorado do MDB licença para ir ao Colégio. Eu sempre fui contra, eu sempre dizia que não era para ir ao Colégio, e ia pedir licença?

Todavia, se o povo do Rio Grande do Sul me mandasse para o Colégio, eu iria para o Colégio. E foi o que aconteceu. Fizemos uma convenção fantástica no Rio Grande do Sul, com a participação de milhares de pessoas, prefeitos, vereadores, jovens e mulheres, uma convenção enorme, que lotou o Ginásio de Esportes. E colocamos em votação. Foi uma coisa interessante. Decidimos, por unanimidade, ir ao Colégio e votar no Dr. Tancredo.

O Rio Grande do Sul era a favor do Dr. Ulysses, mas reconheceu que o homem era Tancredo. Era justificado. E aconteceu a vitória do Dr. Tancredo. Aconteceu menos do que se poderia imaginar. Tivemos uma saída democrática.

Se nós analisarmos a história do Brasil, a história de vários povos no mundo na luta pela democracia, é difícil encontrar um episódio que seja mais épico, mais lindo, mais puro, mais transparente do que esse.

Não houve a participação da grande imprensa. A Igreja não estava conosco. A burguesia não estava conosco. Os jovens estavam conosco. Os caras-pintadas estavam conosco, foram para as ruas e encheram as praças no dia da eleição de Tancredo e Sarney. E o militares recuaram.

É claro que o mérito do Dr. Tancredo é fantástico. O diálogo do Dr. Tancredo é fantástico. A constituição do Governo do Dr. Tancredo é fantástica. Foi um jogo de xadrez, peça por peça.

Lembro-me de quando saímos do Congresso Nacional, o Dr. Sarney, Presidente; o Dr. Ulysses, Presidente da Câmara, para assumir a Presidência. Nós

tínhamos levado 25 anos na luta para um dia chegar lá, e o Palácio estava vazio.

V.Ex<sup>a</sup> se lembra, Governador Aécio? Só estavam lá as pessoas indicadas pelo Dr. Tancredo, porque seriam os homens que ocupariam a Chefia da Casa Civil, e só estavam lá os homens que o Itamaraty havia indicado para fazer parte do novo Governo. O Dr. Figueiredo saiu pelos fundos e deixou o Palácio absolutamente vazio.

Eu lembro que eu me virei para o Dr. Ulysses e disse: *“Ficou tão fácil assim?”* Parecia, depois dessa luta de 25 anos, que seria uma loucura, e foi essa facilidade total. E foi isso.

Realmente, o Figueiredo não deu posse ao Dr. Sarney. Saiu pela porta dos fundos e foi ao Palácio visitar o Dr. Tancredo e a sua esposa. E nós assumimos o Governo.

O preparo do Dr. Tancredo para chegar a esse dia com essa tranquilidade é uma coisa fantástica. A armação do Dr. Tancredo, peça por peça, a partir do General Leônidas, do Ministério do Exército, e continuando pelo General Ivan, no SNI. E naquele dia da posse já estava alguém comandando o IV Exército colado ao homem da revolução, a alguém do terceiro, a alguém do segundo, a alguém do primeiro. O esquema estava todo preparado, assim como a escolha dos homens.

Tancredo fez um trabalho fantástico. Repito: um trabalho fantástico. Mas o que impressiona é que os médicos de Tancredo diziam que ele não deveria fazer aquela viagem à Europa e aos Estados Unidos. Um gênio que nem o Dr. Tancredo – um gênio – se consultava pelo telefone com o seu médico em Minas Gerais: *“Olha, mande-me uma nova receita, porque estou começando a sentir aquelas dores de novo.”* E o médico de Minas Gerais mandava a receita, o Dr. Tancredo tomava o medicamento e melhorava.

Foi uma epopeia a doença do Dr. Tancredo. A ansiedade que ele tinha de tomar posse não era qualquer problema com relação ao Presidente Sarney nem ao Dr. Ulysses, que podia ser o homem, mas ele achava, tinha convicção de que o Figueiredo não daria posse a não ser a ele. E veja que situação estranha: ele estava certo, pois o Figueiredo não deu posse, saiu pelos fundos. Mas nem ele nem ninguém esperou e imaginou que não daria posse ao Presidente da República, que a Presidência estaria vazia e seria aquela facilidade.

Nós estávamos ali no hospital, no quarto ao lado, onde se decidiu o destino do Dr. Tancredo. V.Ex<sup>a</sup>, Senador, é que fazia a intermediação. Nós estávamos ali na sala ao lado do último quarto, mas V.Ex<sup>a</sup> podia entrar lá, conversar com o Tancredo, conversar com os médicos e voltar para nos contar o que estava acontecendo.



Ele queria porque queria tomar posse. Dizia: *“Facam depois o que quiserem comigo, mas eu tenho que tomar posse.”* E o tempo foi passando. No fim, nem para o avião que estava preparado para levá-lo a São Paulo dava mais tempo. Chegou-se a falar na posse dele, às 9 horas, no hospital, que ele tomaria posse no hospital, mas não deu tempo. Os médicos disseram que não dava para esperar até às 9 horas.

Um fenômeno que vamos ter de analisar e encontrar um dia é aquela multidão de gente na sala de cirurgia. Ninguém consegue explicar. Um grande amigo nosso, Senador do Acre e médico, estava lá dentro da sala de cirurgia. O Dr. Antônio Carlos, um brilhante político, mas médico – é o que se sabe –, depois de formado, nunca botou um jaleco, estava lá com mais de 30 pessoas.

Pode-se dizer que, se não fosse Tancredo, se não fosse um Presidente da República, se fosse um João da Silva qualquer, a cirurgia teria sido tranquila, serena. Mas como era o Presidente da República e como havia todas aquelas questões, deu no que deu.

Sr. Presidente, é importante salientar – e seu neto Aécio contou muito bem – que é difícil encontrar na história do Brasil uma figura igual à de Tancredo. Quando dizem que o Dr. Tancredo era um homem sereno, da tranquilidade, eu não sei.

Em 1954, um guri de 35 anos, Ministro da Justiça, quando o Ministro da Guerra estava fazendo a ligação com os golpistas e o Governo, para tentar fazer um entendimento em que Getúlio se licenciaria, a fim de realizarem as apurações, e depois ele voltaria, na última hora, quando o General disse: *“Não, eles não admitem a volta, a renúncia é definitiva”*, o Dr. Tancredo disse: *“Presidente, dê essa missão a mim, eu saio daqui e nós prendemos esses golpistas. Em uma hora o assunto estará resolvido.”*

O Dr. Getúlio, que já devia estar com a carta-testamento escrita praticamente entregue, não concordou. Mas a mesma caneta com a qual escreveu a carta-renúncia ele fez questão de dar ao Dr. Tancredo Neves. O mais jovem foi o que teve a atitude mais firme e mais corajosa. E não foi de contemporização, não; foi de luta e de resistência.

Em 1964, sua atuação realmente foi significativa na história deste País. A fórmula parlamentarista foi uma grande saída para a crise. E Tancredo, Primeiro-Ministro, conseguiu um esquema, conseguiu organizar um Governo de altíssimo nível, de figuras de primeiríssima grandeza, e estava fazendo um grande governo. Triste hora aquela em que decidiram fazer o plebiscito e derrotaram o parlamentarismo. Aliás, se Tancredo tivesse ficado Primeiro-Ministro o tempo todo, o parlamentarismo não cairia. São coisas da vida.

Juscelino, já candidato lançado à Presidência da República pelo PSD, e Lacerda, candidato à Presidência da República, lançado pela UDN, uniram-se para derrubar o parlamentarismo. Naquela hora, Tancredo Neves, Primeiro-Ministro, Deputado, teve de renunciar, teve de deixar o Ministério, porque aprovaram uma emenda, no parlamentarismo, estabelecendo que Deputado, para ser candidato, não podia ser Ministro. Por conta da essência do parlamentarismo, o Parlamentar é Deputado, e Deputado e Ministro não pode ser candidato à reeleição. Por isso, Tancredo teve que cair, e com ele praticamente caiu o parlamentarismo.

Em 1964, a atitude de Tancredo foi espetacular. Meu amigo Aécio, desculpe-me, mas o discurso de Tancredo nesta Casa não foi de paz e amor; foi duro, de radicalização, denunciando a ditadura, denunciando o arbítrio. Como é que o Presidente da Casa diz que a Presidência está vaga e entrega a Presidência para a Presidência da Câmara, se o Presidente da República estava em lugar sabido, ali em Porto Alegre? E ele declara que o Presidente da República estava em lugar vago e não se sabe onde; declara que está em lugar que não se sabe onde e fora do Brasil; declara vaga a Presidência da República!

Quem gritou? Quem protestou? Tancredo Neves. *“É uma vergonha! O que vocês estão fazendo é uma indecência, é uma imoralidade! Deem 2 horas, e o Presidente vem aqui. Duas horas. Ele está ali, em lugar certo. Está na Casa do comandante do III Exército, em Porto Alegre. Deem 2 horas, e ele vem para cá!”*. Foi Tancredo. Foi Tancredo que agiu e protestou.

Tancredo tornou-se grande amigo de Castello Branco. Tancredo foi o coordenador da candidatura de Juscelino; foi o grande herói na candidatura de Juscelino, naquela grandeza. Eles queriam derrubá-lo, e ele conseguiu contemporizar, era o grande mestre e aliado e quase confessor de Juscelino.

Lacerda estava fazendo a Escola Superior de Guerra, e houve praticamente um ato de violência, de radicalização contra Juscelino. O Dr. Juscelino Kubitschek pediu a Tancredo que fosse lá assistir à reunião para contrabalançar a figura de Lacerda. Assim ele conheceu Castello Branco. Ficou amigo de Castello Branco. Foi padrinho de casamento da filha de Castello Branco.

Mas na hora de votar para Presidente da República em Castello Branco, ele disse a Juscelino: *“Eu conheço Castello Branco. Eu sei quem ele é. O senhor vai pagar o preço.”* *“Não, mas estão me garantindo que, votando nele, ele garante a eleição de 1965.”* *“O senhor vai pagar o preço.”* E Tancredo não votou.

Juscelino votou em Castello Branco para Presidente da República. Tancredo não votou. E disse com

todas as letras: “*É meu amigo. Eu gosto dele. É um homem de bem, mas não é um democrata. Não podemos confiar nele.*” Esse era o Tancredo.

É bom esclarecer a figura do Tancredo. Em todos os momentos, na hora de tomar decisão, ele tomou. Lá no suicídio de Getúlio, lá na derrubada do Jango; aqui, na instalação da ditadura, ele sempre tomou uma decisão.

Olha, eu não entendo como o Brasil ainda não sente isso. O Brasil tem 2 mártires. Eu sou um homem de fé. Se eu fosse apenas descendente de árabe, eu diria *maktub*, está escrito, mas, como homem de fé, vou além.

Tiradentes nasceu em São João del Rei e morreu no dia 21 de abril. Numa causa em que os grandes líderes, os heróis, os homens intelectuais se acovardaram, ele se manteve firme e morreu esquartejado.

Tancredo Neves nasceu em São João del Rei e morreu no dia 21 de abril. Tiradentes, esquartejado por fora, teve seu corpo cortado em vários pedaços. Tancredo, esquartejado por dentro: 7 cirurgias. É uma coincidência realmente quase extraterrena.

O dia 21 de abril deveria ser o dia de Tiradentes e o dia de Tancredo, 2 mártires da liberdade na história deste País. (*Palmas.*)

Tive a honra de ser amigo fraternal do Dr. Tancredo. Com emoção, eu, guri, no dia de São Francisco, via Tancredo, com a vestimenta de franciscano da Ordem Terceira, carregar o andor. Levado muito por Tancredo, hoje também sou franciscano.

Perguntava a Tancredo por que ele era da Ordem Terceira. E até mexia com ele. Uma época lá atrás, bem lá atrás, ser da Ordem Franciscana era chique, as pessoas importantes eram da Ordem Franciscana. E ele me respondeu: “*Olha, Pedro, estudei muitas biografias, de políticos, de militares, de intelectuais e de santos, mas nenhuma pessoa teve a grandeza, a sublimação que tinha São Francisco.*”

Tenho muito orgulho de ser amigo de Tancredo. Hoje nós temos que falar aqui – perdoem-me meus irmãos -, mas temos que falar em Tancredo, temos que falar no Dr. Ulysses – não vamos esquecer da figura do Dr. Ulysses -, temos de falar no velho Teotônio, temos de falar no Montoro, no Covas. Tancredo era o chefe. Essa foi uma geração.

Que me perdoem os arautos do poder de hoje, mas foi a história mais bonita que viveu o povo brasileiro, a página mais bonita da história do Brasil. Sem um tiro, sem uma bala, sem ódio e com amor construímos isso que foi dito aqui. São 25 anos de democracia, 25 anos de liberdade, 25 anos em que se elegeu um Presidente. Esse Presidente foi afastado, mas democraticamente entrou seu sucessor, democraticamente

se elegeu um Presidente, e depois o operário chegou à Presidência da República.

Estamos agora numa hora muito bonita. Muito bonita.

Sou muito sincero e muito franco. Acho que na história do Brasil, olhando as figuras que aí estão, não vejo ninguém melhor candidato à Presidência da República pelo PT do que a Ministra Dilma Rousseff. O PSDB pode ter a vaidade de ter o José Serra e de ter o Aécio Neves, 2 pessoas extraordinárias em dignidade, seriedade e correção. (*Palmas.*) Se fôssemos escolher, à margem dos partidos políticos, na beleza, na pureza, na alma, na santidade, na dignidade, daria Marina Silva. É o que há de mais puro e mais belo na vida brasileira. E, perdoem-me, mas se o PMDB tivesse uma direção, um comando real e concreto, teria um grande nome, o companheiro Roberto Requião. Acho difícil escolher no PT alguém melhor do que a candidata que ele tem. Acho difícil escolher no PSDB melhor do que esses grandes líderes. Acho difícil escolher na pureza alguém melhor do que a Marina. Acho difícil escolher no PMDB alguém melhor do que o Requião.

Se vamos homenagear o Dr. Tancredo, se vamos homenagear a continuidade de sua história, que façamos aqui o compromisso que foi dito e repetido: não vamos nos dispersar. Vamos praticar a democracia; vamos para a eleição que está aí; vamos fazer um ato de compenetração de que vamos buscar a dignidade, a ética, a seriedade, a responsabilidade; e vamos, entre os 4 nomes, escolher alguém que, junto com os outros, governe este País.

Tancredo, amigo; Tancredo, irmão, muito amor. Tenho certeza de que lá em cima onde tu estás, estás olhando para teu País. Tenho certeza de que tu cumpriste tua missão, homem pacífico sim, mas firme sempre, numa história do Brasil em que não se costuma tanto olhar para sua história.

Olhando para qualquer país, os nomes brotam, brotam e brotam, mas no Brasil parece que esquecemos. Mas Tancredo é a nossa história; a história mais linda, a página mais extraordinária da vida brasileira, porque Tancredo se confunde com o povo brasileiro.

Foi o povo, foi a gente, foram os jovens que fizeram essa página. Tancredo foi quem a representou.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP) – Comunico ao Plenário que os Governadores de Minas Gerais e São Paulo têm que sair, por causa de compromissos assumidos em seus Estados.

Passarei a presidência dos trabalhos ao Senador Marconi Perillo para que S.Ex<sup>a</sup> continue a chamar os oradores inscritos e eu possa acompanhar os Srs. Governadores até a saída da Casa.



**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP) – Concedo a palavra ao Sr. Deputado Henrique Eduardo Alves.

**O SR. HENRIQUE EDUARDO ALVES** (Bloco/ PMDB – RN. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Senadores, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Deputados, faz 100 anos que Minas Gerais trouxe ao mundo aquela que seria uma das maiores vocações políticas exercidas na história deste País. Falo de um homem público cujo destino foi a expressão da lealdade incontestável aos princípios democráticos e à probidade. Sem desvios à coerência que lhe pautou as atitudes, Tancredo Neves, forjado no aço puro das consciências, nunca fraquejou ante a injustiça, ante a ingratidão, ante os reveses. Nunca se acovardou ante o perigo. Nunca deixou de ter uma atitude clara, desassombrada e definitiva em todos os episódios que caracterizaram a sua época.

Desde que iniciou sua carreira como promotor de justiça em São João Del-Rei, até ser eleito Presidente da República, dedicou toda vida a um ideal que sempre sustentou: a democracia.

Tinha as qualidades morais do mineiro: o senso da retidão, o orgulho da independência, a fidelidade às ideias ligadas às raízes de sua formação cristã e jurídica. Sempre cultivou ideais de reformas que tornassem este Brasil livre das espoliações e da dependência econômica.

Em sua trajetória política trilhou caminhos difíceis, mas sem trair o espírito de Minas, nem as lições patrióticas bebidas na história libertária dos mártires da Inconfidência Mineira. As injustiças que sofreu, principalmente na época em que a noite fechada do arbítrio cobriu de pejo esta Nação, aterrorizando, cassando, assassinando os mais dedicados brasileiros daquela época, não encontraram nele fraqueza, ao contrário, esbarrraram em uma fortaleza que liderou, ao lado de outros próceres, como o Doutor Ulysses Guimarães, a arrancada para a redenção de nosso povo do jugo da ditadura que subjugava as mentes nascidas para ser livres.

Meu partido, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro, foi a trincheira onde, mais do que atuar, ele construiu e nela combateu. O próprio nome Movimento Democrático Brasileiro, poucos o sabem, foi criado por Tancredo Neves.

Tive a honra de com ele conviver e dele ser amigo. Meu pai, Aluísio Alves, percorreu o Brasil com Tancredo Neves, tanto na campanha das Diretas Já, quanto na vitoriosa campanha dele à Presidência da República, e teve a missão de, após a posse do Vice-Presidente José Sarney, e por nomeação deste, ocupar o cargo de Ministro da Administração, por fidelidade ao convite de Tancredo, que criou aquele cargo, a fim

de dar dimensão ministerial a uma tarefa hercúlea que se tornara por demais sufocada na pequena estrutura do antigo DASP.

Então, falar de Tancredo Neves, para mim, é profundamente íntimo, não só por eu ser Deputado Federal do PMDB desde os meus 21 anos de idade, mas também pelos laços de afinidade que nos uniu. Nesses 40 anos de minha vida pública, tive a felicidade de, assim como Aécio Neves, que continua a missão que lhe deixou seu avô, dar prosseguimento à missão política de meu pai, de modo que Tancredo Neves e Aluísio Alves, hoje na memória desta Casa, juntos sintam-se honrados também nas gerações que lhes sucedem.

Portanto, trago as expressões de saudade emanadas do meu partido. O PMDB cultua Tancredo Neves como um dos seus principais heróis, que elevaram mais alto, na dignidade, altivez, e fraternidade o nome do Brasil!

Até hoje nos vêm à memória, com forte emoção, aqueles comoventes dias que afligiram a todos nós, durante o período em que Tancredo Neves se submetia às intervenções cirúrgicas e que nossa esperança de que ele escapasse à morte, aos poucos, foi esmaecendo.

Homenagear Tancredo Neves pelos 100 anos de seu nascimento de é ecoar as batidas de um coração de estudante, forte, novo, de acordo com os ensinamentos que ele nos legou.

Portanto, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro, o partido de Tancredo Neves, faz deste momento de homenagem um momento de reflexão: há que renovar a esperança, há que se cuidar do mundo, há que se cuidar da vida, com muito sonho, cultivando a folha da juventude, sem desvios e, principalmente, sem perder a fé.

Sr. Presidente, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Congressistas, das sessões de que participei esta de hoje é uma das mais bonitas, emocionantes e justas de toda a história que vivi nesta Casa, nestes meus 40 anos de vida pública. Assim sendo, em razão do tempo e para que ela continue assim, eu quero propor a V.Ex<sup>a</sup>, em nome dos Parlamentares da Câmara dos Deputados, dos Líderes partidários – e todos gostariam de exprimir a mesma emoção que estou expressando aqui, muito rapidamente, em razão do tempo de vários pronunciamentos de ilustres Senadores -, que os Parlamentares Líderes de seus partidos na Câmara encaminhem por escrito seus pronunciamentos, deixando, portanto, que a sessão continue com a honrada e muito especialíssima palavra dos Srs. Senadores.

Apenas por este tempo de que aqui participamos, já podemos registrar que esta foi sem dúvida uma das

sessões mais bonitas, mais emocionantes e mais justas da história do Congresso Nacional.

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP)

– Eu espero que os senhores oradores da Câmara dos Deputados aceitem o apelo de V.Ex<sup>a</sup>.

Peço ao Senador Marconi Perillo que estabeleça um horário para cada orador, de modo que todos tenham a oportunidade de falar.

*O Sr. José Sarney, Presidente, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Marconi Perillo.*

**O SR. PRESIDENTE** (Marconi Perillo. PSDB – GO) – Concedo a palavra ao ilustre Deputado João Almeida, pela Liderança do PSDB na Câmara dos Deputados, por 5 minutos.

**O SR. JOÃO ALMEIDA** (PSDB – BA. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente do Senado Federal, Senador José Sarney, ilustre Presidente desta sessão neste momento, Senador Marconi Perillo, ilustres Deputado Rafael Guerra, Senadores Pedro Simon e Eduardo Azeredo, proponentes desta sessão de homenagem a Tancredo Neves, Governadores Aécio Neves e José Serra – este já deixou o recinto; o Governador Aécio Neves continua aqui, para nossa alegria, contamos ainda com sua presença -, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Deputados, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores, a longa e profícua caminhada de Tancredo Neves fez dele um vulto luminoso da nossa história. Inaugurada no distante 1935, quando exerceu seu primeiro mandato, sua vida política não apenas testemunhou os acontecimentos que marcaram o processo político brasileiro, mas nele enredou-se, até tornar-se o homem público de dimensões grandiosas e históricas que foi.

Morto em 21 de abril de 1985, dias após ser guiado à mais alta Magistratura do País, parecia maior do que vivo, tal a obra política gigantesca que acabara de legar à Nação brasileira.

Tancredo Neves era homem público inato. A política lhe era congenial. Nasceu para servi-la e com ela praticar a arte com que os povos do mundo caminham rumo à liberdade e à construção da sociedade democrática.

Para ele, a política era a alma civil dos seres humanos. Foi nessas profundidades insondáveis que garimpou a maior de suas virtudes. Não lhe encantava a brutalidade com que os espíritos competitivos atribuíam à luta política um mero confronto adversarial. Consistia o labor político para esse refinado estadista na conquista dos consensos que conduzissem a Nação à paz e à prosperidade.

Era inabalável a sua convicção de que a democracia não é apenas um regime político, destinado a

estabelecer as necessárias e imprescindíveis regras da governação. Neste sentido, ultrapassou os limites do pensamento liberal, para se incluir entre os mais avançados dos democratas.

Ensinou-nos que a vida em liberdade implica a legitimidade do outro, a valorização da opinião e o diálogo. Neste ambiente, a atividade política não é uma luta entre indivíduos ou partidos que se confrontam, mas um espaço de iguais, onde se articula e negocia os superiores interesses do povo.

Tancredo Neves atravessou, com sabedoria e moderação, as graves crises da República.

O tirocínio do político mineiro foi fator preponderante na conturbada conjuntura que culminou com o suicídio de Getúlio Vargas. Levantou bem alto sua voz em favor da legalidade institucional e confortou a Nação com sua extremada lealdade ao Presidente morto e ao futuro democrático do Brasil.

Não foi diferente seu comportamento em 1961, nos episódios surpreendentes da renúncia do Presidente Jânio Quadros. Em meio às labaredas do incêndio político, para resgatar a legalidade ameaçada, Tancredo Neves, mais uma vez, tornou-se autor de uma engenharia política que afastou a Nação do golpe de Estado e da guerra civil. A introdução do parlamentarismo permitiu atravessar a crise, ainda que não fosse suficiente para criar instituições consistentes e duradouras.

Quanto mais negra era a noite de arbítrio entre nós e as esperanças se pareciam se desmanchar no ar, mais a figura de Tancredo Neves se erguia nas brechas das sofridas frustrações para recordar “*que na vida das nações, dias são dias de História e todos os dias são dias difíceis*”.

Os esforços políticos de anos a fio e as lutas heroicas travadas pelo povo brasileiro vão encontrar, naquele homem singular, o intérprete fiel e o condutor habilidoso. A ditadura militar que se instalara no País desde os idos de 1964 aluía seus tenazes mecanismos de dominação, ao impacto das lutas populares. Tancredo Neves teve a audácia de levá-las até à vitória final.

Não foi com renúncias, leniência, empáfias ou narcisismos que conduziu a nau a ele confiada por Ulysses Guimarães, vencida a longa travessia marítima, para aportar, com todos os seus tripulantes, no continente democrático.

O regime exangue vivia seus dias crepusculares. O que dava com uma mão tirava com a outra. Não pôde conter a anistia política, mas negou aos cidadãos a soberania do voto em eleições livres e diretas.

Transitando nessa difícil conjuntura, Tancredo proclamara que não há pátria onde falta democra-

cia. Não teve medo de buscá-la onde ela estivesse e foi por esta razão que vaticinou, em seu discurso na convenção partidária que o indicou candidato a Presidente da República, que *“esta foi a última eleição indireta do País”*.

Tancredo Neves veio em nome da conciliação, não da luta fratricida. Em nome da paz, não da guerra. A transição democrática no Brasil, por ele conduzida, não levou ao extermínio o adversário, mas aniquilou suas criações criminosas; não levou às barras da Justiça com rigor os que cometeram crimes durante o regime de repressão, mas banuiu a tortura e a violência política da consciência nacional.

Vinte e cinco anos já se passaram. Ao longo desse tempo, nosso País vem se tornando, pouco a pouco, um lugar melhor para se viver, ter esperanças e criar os nossos filhos. A transição política liderada por Tancredo Neves nos restituiu a paz e descortinou os caminhos do futuro.

Ainda há muito por fazer, sempre haverá, mas nunca voltaremos atrás para reviver aqueles tempos de amargura e ódio!

As gerações se sucedem e trazem com elas a herança dos antepassados. Aqui neste augusto plenário esteve – talvez aqui ainda se encontre – um legítimo herdeiro dessa tradição mineira: o neto de Tancredo, Aécio Neves.

Governador de Minas Gerais, Aécio Neves já presidiu a Câmara dos Deputados, exibindo a sobriedade que caracteriza seus conterrâneos. Nessa magna função, converteu-se de pessoa em personalidade.

Foi fácil perceber que na figura daquele jovem estava concentrada a herança dessa tradição política, que fez de Tancredo um símbolo da conciliação política, da construção de consensos democráticos e da firmeza das convicções morais e ideológicas, magnificadas na conversação e no diálogo.

Receba, portanto, ilustre Governador, as sinceras homenagens do nosso valoroso partido, estenda a toda a família do ilustre homenageado nossos preitos de reconhecimento e louvor e tome-os como sinal de nossas esperanças em V.Ex<sup>a</sup>, pelo muito que já fez pelo Brasil e pelo muito que, estamos certos disso, ainda fará.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Marconi Perillo. PSDB – GO) – Com a palavra o ilustre Senador Francisco Dornelles, que falará pela Liderança do Partido Progressista.

**O SR. FRANCISCO DORNELLES** (PP – RJ. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Senador Marconi Perillo, Senador Eduardo Azeredo, Deputado Rafael Guerra, Deputado Luiz Fer-

nando, demais Sr<sup>as</sup>. e Srs. Parlamentares, senhoras e senhores, na homenagem que o Congresso Nacional hoje presta à memória do Presidente Tancredo Neves, deve ser ressaltado que o homenageado ocupou todos os cargos do Poder Legislativo: foi Vereador em São João del Rei, Deputado Estadual de Minas Gerais, Deputado Federal em várias legislaturas e Senador da República.

Em 1953, Tancredo Neves deixou o cargo de Deputado Federal e assumiu o Ministério da Justiça no Governo Getúlio Vargas. E foi nesse período que presenciou uma das maiores crises e tragédias da vida política do País, que resultou na morte do Presidente Getúlio Vargas.

Na ocasião, o político conciliador de Minas Gerais não vacilou um momento sequer em preparar a defesa das instituições democráticas, tendo mesmo se oferecido, como conta o historiador José Augusto Ribeiro e como aqui mencionou o Senador Pedro Simon, para assumir o então Ministério da Guerra, prender os generais rebeldes e comandar a resistência.

Esse mesmo político, 7 anos depois, em 1961, rejeitou o confronto defendido pelo Governado Leonel Brizola e conduziu a ampla negociação que permitiu a chegada de João Goulart à Presidência da República.

A atuação de Tancredo Neves nessas duas situações não mostrou nenhuma incoerência. Mostrou, sim, grande capacidade de identificar o fato e o momento, o que é fundamental no jogo da política.

Em 1954, Tancredo entendeu que a negociação proposta pelo Vice-Presidente da República, Café Filho, para o afastamento de Getúlio Vargas era o caminho para um golpe que só foi abafado pelo movimento de 11 de novembro. Em 1961, a negociação objetivava o caminho mais seguro para se debelar o golpe contra João Goulart, permitindo sua chegada à Presidência e a manutenção do Estado Democrático. No Gabinete Parlamentarista por ele chefiado, Tancredo Neves mostrou grande capacidade de coordenação e de liderança.

A mudança do regime presidencialista para o parlamentarismo ocorreu em poucos dias, durante uma grave crise política, e foi realizada sem grandes estudos que definissem com clareza a competência do Presidente da República e do Primeiro-Ministro. O primeiro Gabinete Parlamentarista no Brasil se apoiou mais na base do que se chama “humanograma” do que em bases institucionais. E tudo só funcionou quando foi possível amplo entendimento entre o Presidente e o Primeiro-Ministro.

As grandes metas do Gabinete Parlamentarista de Tancredo Neves eram a retomada da estabilidade



política e da segurança institucional, ambas enormemente dificultadas pela posição política de grupos radicais.

A chegar a Belo Horizonte depois de ter deixado o cargo de Primeiro-Ministro, em junho de 1962, Tancredo Neves foi abordado por um jornalista com a seguinte pergunta: “*O senhor pode indicar uma grande obra que constitua uma marca do seu Gabinete Parlamentarista?*”. E ele respondeu: “*O meu Gabinete vai ser visto pela história não pelo que fez, mas pelo que impediu que fosse feito*”.

Realmente, tudo que Tancredo Neves procurou evitar em 1961 e 1962 foi feito posteriormente, em 1963, o que resultou no movimento de 1964.

Tancredo Neves assumiu o Governo de Minas Gerais em 1983 e, em prazo muito curto, mostrou seu compromisso e sua prioridade com a ordem financeira, o que lhe permitiu ganhar a confiança da equipe econômica e em muito facilitou a rolagem da dívida pública do Estado.

Em 1984, Sr. Presidente, Tancredo Neves me chamou ao Palácio da Liberdade. Gostaria ele que eu levasse pessoalmente ao então Presidente da República, João Figueiredo, a seguinte mensagem: iria ele atender ao apelo do PMDB e disputar a Presidência da República e que, no caso de vitória, seu governo olharia para frente, pois o que houvesse ocorrido ontem pertenceria à história. Ao ouvir isso, o Presidente Figueiredo me olhou e disse: “*É uma pena que o Dr. Tancredo deixe o Governo de um grande Estado para sofrer uma derrota galopante no Colégio Eleitoral*”.

Quando o Presidente entendeu que Tancredo Neves iria sofrer uma derrota galopante no Colégio Eleitoral, Tancredo já havia, por meio de uma ação eficaz e silenciosa, praticamente concluído o mais amplo trabalho de união nacional que conheceu a História do Brasil.

A campanha presidencial de 1984-1985 teve momentos complexos e difíceis que só foram contornados pela competência política e pela grande capacidade de Tancredo Neves de conciliar humildade com firmeza e coragem.

Sr. Presidente, a homenagem ora prestada à memória de Tancredo Neves no Congresso ocorre em circunstâncias altamente significativas nos campos político e pessoal. O Presidente Sarney, que hoje preside o Congresso, atuou com a maior diligência no desenho da Aliança Democrática e no desmonte de complexos obstáculos encontrados no caminho da vitória eleitoral.

O Governador Aécio Neves, à frente do Estado de Minas Gerais, vem exercendo trabalho da maior relevância, o que faz com que seu nome atravesse as

fronteiras do Estado que governa e ele se consolide como uma grande liderança nacional.

Para terminar, Sr. Presidente, quero dizer que, ao homenagear a memória de Tancredo Neves, o Congresso Nacional está também assumindo os compromissos que marcaram sua vida ou até mesmo sua morte, ou seja, a defesa do Estado de Direito, o respeito às liberdades fundamentais da pessoa, o compromisso com a justiça social.

Muito obrigado. (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE** (Marconi Perillo. PSDB – GO) – Esta Presidência cumprimenta o querido e ilustre Senador Francisco Dornelles, sobrinho de Tancredo Neves, uma das principais referências éticas e morais desta Casa e que, à frente de vários Ministérios, muito ajudou na consolidação da via democrática no Brasil.

É uma grande satisfação presidir esta sessão e ouvir o pronunciamento de V.Ex<sup>a</sup>.

**O SR. FRANCISCO DORNELLES** (PP – RJ) – Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Marconi Perillo. PSDB – GO) – Concedo a palavra ao nobre Deputado Luiz Fernando Faria, pela Liderança do Partido Progressista na Câmara dos Deputados.

**O SR. LUIZ FERNANDO FARIA** (PP – MG. Sem revisão do orador.) – Exm<sup>o</sup> Senador Marconi Perillo, Exm<sup>o</sup> Senador Francisco Dornelles, Presidente do meu partido, PP, o que nos honra muito, Exm<sup>o</sup> Senador Mão Santa, Exm<sup>o</sup> Senador Eduardo Azeredo, Exm<sup>o</sup> Deputado Rafael Guerra, nosso colega de bancada de Minas Gerais, familiares do homenageado, Dr. Tancredo de Almeida Neves, Srs. Senadores, Srs. Deputados, minhas senhoras, meus senhores.

É motivo de muita honra assomar a esta tribuna do Congresso Nacional para prestar, em nome do meu partido, o Partido Progressista, e do povo de Minas, uma justíssima homenagem, no centenário de seu nascimento, a um dos maiores homens públicos do nosso País, o ilustre mineiro Tancredo de Almeida Neves, um dos raros brasileiros a ser aclamado como grande estadista pelos seus concidadãos ainda em atividade na vida pública.

Com uma carreira de mais de meio século, o Dr. Tancredo, como era chamado pelos mais íntimos, soube como poucos exercer em sua plenitude, em sua essência, a difícil arte da política. Fazia-o de forma conciliatória, sem demagogia, de maneira ponderada e dentro do realismo que requer o verdadeiro espírito republicano, necessariamente voltado a bem servir à coisa pública e ao interesse comum.

Como bom mineiro abominava o radicalismo e dizia sempre: “*Se é mineiro não é radical; se é radical não é mineiro*”. Conciliador contumaz, sabia, como pou-

cos, promover e costurar acordos, levando a contento e a bom termo grandes embates políticos, alcançando sempre um consenso entre as partes envolvidas.

Porém, em momentos cruciais, nos instantes em que se exigia paciência e responsabilidade, quando não era possível vencer o radicalismo, não fugia do confronto. Exemplo disso foi o ocorrido nos dias 23 e 24 de agosto de 1954, que antecederam o trágico final da crise no Governo de Getúlio Vargas. Em reunião ministerial, Doutor Tancredo propôs resistência armada ao golpe. Diante da ponderação de seus interlocutores de que seriam massacrados, disse: *“Poucos homens têm a oportunidade de morrer por uma boa causa”*. E aquela, Sr. Presidente, era, sem dúvida nenhuma, uma boa causa.

Foi nessa época, aos 42 anos, como Ministro da Justiça, no convívio com o Presidente Getúlio Vargas e no enfrentamento de uma grave crise de governo que esse ilustre mineiro de São João del Rei consolidou ainda mais as suas convicções democráticas e a vontade de lutar sempre por uma verdadeira justiça social em nosso País.

Outro fato ilustrativo da coragem política do notável estadista deu-se na noite de 13 de junho de 1964, quando Juscelino Kubitschek embarcava solitariamente induzido ao exílio na Europa. Tancredo Neves foi um dos poucos a levar-lhe um abraço de solidariedade e apoio. Em momento oportuno, JK escreveu ao amigo, iniciando uma longa troca de correspondência naquele difícil período, quando registrou: *“Lembro-me bem de que a sua foi a última mão que apertei antes de dirigir-me ao avião. Naquele instante de brutalidade, a sua presença me confortou.”*

Durante a sua carreira pública, Tancredo Neves teve atuação marcante em todos os momentos difíceis do nosso País. Foi figura presente da República na maior parte do século XX. Com a instituição do Estado Novo, teve seu mandato de Vereador, na sua querida São João del Rei, cassado. Foi o grande artífice e articulador da paz após a renúncia de Jânio Quadros, em 1960, quando o País esteve às portas de uma guerra civil. Com a instauração do parlamentarismo, ocupou o cargo de Primeiro Ministro em 1961 e 1962. Foi um dos líderes responsáveis pelo movimento do retorno do País à legalidade democrática durante o regime ditatorial instalado em 1964, protagonizando memoráveis jornadas no Congresso Nacional, como já dito por outros oradores, e nas ruas, em 1983 e 1984, ao lado de homens públicos da envergadura de Ulysses Guimarães, Teotônio Vilela, Mario Covas, Leonel Brizola, Luiz Inácio Lula da Silva, Fernando Henrique Cardoso, Pedro Simon, entre outros.

Tancredo de Almeida Neves era um democrata inarredável. Os valores que praticava eram o equilíbrio, a tolerância e a conciliação. Entendia a ação política como a promotora da paz, do entendimento, do consenso e do continuado empenho na direção da verdadeira justiça social.

Acreditava piamente que o desenvolvimento econômico e o bem-estar social do cidadão dependem da plena ação do homem público responsável e comprometido com o seu ideário e com o seu povo.

Amou profundamente o Brasil e o povo brasileiro. Em seu discurso de despedida, aqui mesmo neste plenário, em 1983, para assumir o Governo de Minas, disse: *“O Brasil não admite exclusivismos do Governo ou da Oposição. O Governo e a Oposição, acima de seus compromissos políticos, têm deveres inalienáveis com o nosso povo”*. Nada mais atual, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Parlamentares.

Convém lembrar outra grande virtude que sempre distinguiu o nosso homenageado, a de exercer, como poucos, a arte de escutar.

Como ressalta a autora teatral Carla Faour: *“Escutar é mais que ouvir... Muitos dizem que a fala distingue o ser humano dos outros animais. Discordo. Saber escutar é o que nos dá humanidade”*. Ninguém era mais humano do que o Dr. Tancredo Neves.

Em sua brilhante vida pública, foi elevado, sempre através do sufrágio nas urnas, a todos os cargos ambicionados pelos homens públicos: Vereador em São João del Rei; Deputado Estadual; Deputado Federal; Senador da República; Governador de Minas Gerais. Ocupou ainda os cargos de Ministro da Justiça de Getúlio de Vargas e de Primeiro-Ministro durante o parlamentarismo em 1961 e 1962.

Em 1984, com a derrota da Emenda Dante de Oliveira, que instituiu a eleição direta para Presidente da República, Tancredo Neves foi escolhido para representar a Aliança Democrática no Colégio Eleitoral, e assim foi feito Presidente do Brasil em 15 de janeiro de 1985.

Senhoras e senhores, falar de Tancredo Neves é fácil, pois ele nos deixou um indiscutível e valioso legado; o difícil é ser como ele foi, é fazer o que ele fez. Assim, a melhor forma de homenageá-lo é seguir o seu exemplo: fazermos da política o caminho para um Brasil melhor, o caminho para o Brasil dos sonhos de Tancredo Neves.

Quero prestar também minha sincera homenagem aos ilustríssimos familiares do Presidente Tancredo Neves, na figura singular de sua querida esposa, Risoleta Neves, dos seus filhos, irmão, netos e sobrinhos, de quem recebeu sempre o necessário apoio na sua brilhante vida política. Abraço especialmente o seu neto



Aécio Neves, hoje Governador de nossa querida Minas Gerais, e seu sobrinho Francisco Dornelles, Senador da República pelo nosso partido, o PP.

Sr. Presidente do Congresso Nacional, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Senadores, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Deputados, queridos familiares, autoridades presentes, senhoras e senhores, poucos têm a honra de constar do pequeno rol de grandes estadistas brasileiros. Temos hoje, às vésperas do centenário de seu nascimento, a alegria de prestar uma justa homenagem a um deles, o inesquecível e saudoso Presidente Tancredo de Almeida Neves.

Esta era a nossa homenagem ao Dr. Tancredo Neves, em nome do Partido Progressista, o nosso partido. *(Palmas.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Marconi Perillo. PSDB – GO) – Concedo a palavra ao Deputado José Fernando Aparecido de Oliveira, que solicitou esta homenagem ao lado de outros ilustres Senadores e Deputados.

**O SR. JOSÉ FERNANDO APARECIDO DE OLIVEIRA** (PV – MG. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Senadores; Sr<sup>as.</sup> e Srs. Deputados; minha querida Senadora Marina Silva, referência ética e moral não só deste Senado, mas do Congresso Nacional; senhoras e senhores, há momentos na vida das nações, de seus povos e de seus homens que são especialmente marcantes do ponto de vista da memória e do significado. Hoje o Brasil celebra, e principalmente o meu Estado, Minas Gerais, os 100 anos de nascimento de um dos mais insígnies homens de nossa história recente, um homem que, sem abrir mão de suas convicções, sem transigir na firmeza de seu caráter, do seu amor permanente pela liberdade, foi um exemplo e um paradigma do exercício da democracia, na defesa da democracia, na recuperação do Estado de Direito em nosso País. É com honra que reverencio o seu nome neste Plenário, o nome do ex-Ministro da Justiça, do ex-Primeiro Ministro, do ex-Governador e Presidente da República, Tancredo Neves.

Lembrar Tancredo é lembrar a sua luta pelo direito dos trabalhadores; é lembrar da sua caminhada junto de Getúlio, na defesa dos interesses nacionais contra a cobiça estrangeira e a desídia da conspiração interna que reuniu o que havia de pior no espectro político da Nação, naquele momento, para acuar o Presidente Vargas, empurrando-o para o suicídio no Palácio do Catete.

Lembrar Tancredo é lembrar a luta contra o Golpe, ainda nos anos JK, e, depois, desde a renúncia de Jânio Quadros, com a árdua negociação da solução parlamentarista, até a derrubada do Presidente João Goulart, e ouvir a clara voz da sua indignação ecoar, seus gritos se destacando aqui ao lado, no Plenário da

Câmara dos Deputados, em abril de 1964, no episódio repugnante em que se declarou vaga a Presidência da República, abrindo caminho para a instauração da ditadura.

Lembrar Tancredo Neves é ouvir a sua voz rouca derramando-se como um manto de rebeldia e esperança, Estado a Estado, cidade a cidade, sobre as praças atapetadas de gente, na campanha das Diretas Já e na sua eleição para a Presidência da República.

Ver a confiança em um novo País transformar-se em dor e perplexidade, as lágrimas de brasileiros de todos os quadrantes refletindo a agonia e o sacrifício de seu líder, sua morte a impedir qualquer tentativa de retrocesso, garantia maior da vitória da liberdade, marco, ao mesmo tempo, do encerramento de uma longa noite de barbárie e do nascimento e alvorecer de um novo País.

Sr<sup>as.</sup> e Srs. Parlamentares, trago também a minha homenagem em nome de minha família e em nome do meu partido, o Partido Verde. Meu pai, José Aparecido de Oliveira, tinha profunda admiração por Tancredo e foi, até o fim, seu fiel companheiro de ideias e de ação política. Unia-os, além dos sentimentos éticos, a intransigente defesa dos interesses de Minas e do nosso País.

Essa identidade de ideias se revelava principalmente na defesa dos recursos naturais brasileiros. Um tio de meu pai, o Engenheiro Clodomiro de Oliveira, havia sido, como secretário de Artur Bernardes, intransigente defensor da soberania nacional sobre os minerais, e esteve na linha de frente contra a desnacionalização das jazidas minerais de Itabira, opondo-se, com firmeza, à concessão das reservas à empresa Itabira Iron, antiga Vale do Rio Doce, hoje apenas Vale.

E o que vale, Senador Marconi Perillo, nesta luta? Eu me orgulho de mantê-la viva em Minas, contando com a aliança do PTB do Rio de Janeiro, representado pelo Deputado Brizola Neto aqui na Câmara dos Deputados. Temos atuado, sem descanso, a fim de que os lucros obtidos com o minério sejam compartilhados com as regiões produtoras, com *royalties* decentes, como os do petróleo, e não com as migalhas que são entregues aos Estados e Municípios saqueados pelas mineradoras.

Queremos para o nosso minério o mesmo tratamento que tem o petróleo, afinal são bens naturais não renováveis pertencentes à União, regidos pelo mesmo art. 20 da Constituição Federal.

Todas essas razões me trouxeram a esta tribuna para lembrar-lhes que, como poucos, Tancredo foi e é Minas, na universalidade de Minas. Como poucos, ele foi e é mineiro e brasileiro, na universalidade de seus valores de homem simples, de ideais límpidos e

puros, como a água fria que mata a sede do cansado caminhante, e lhe restitui, luz e sombra correndo sobre as pedras do tempo, a energia necessária para voltar a caminhar, para avançar na luta pela liberdade, pela cidadania, pela soberania, pela justiça social, pela dignidade humana.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Marconi Perillo. PSDB – GO) – Concedo a palavra ao ilustre Senador Arthur Virgílio Neto, pelo Partido da Social Democracia Brasileira.

**O SR. ARTHUR VIRGÍLIO** (PSDB – AM. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Parlamentares, senhoras e senhores convidados remanescentes nesta sessão de homenagem a Tancredo Neves.

Obviamente, eu preferiria ter falado ainda na presença de José Serra, de Aécio Neves, que representava a família de Tancredo Neves, mas, de todo modo, o dever fundamental mesmo é se fazer homenagem a Tancredo em qualquer circunstância; e eu não poderia escapar dela.

Por razões pessoais, familiares até, Tancredo era um grande amigo de meu pai, Senador Arthur Virgílio Filho; conviveram por longos anos no Congresso Nacional e viveram juntos a tormenta que foi o final do Governo do Presidente Goulart. Meu pai era Líder do PTB e do Governo Goulart no Senado, e Tancredo era Líder do Governo Goulart na Câmara dos Deputados. Estiveram juntos com Jango até o momento final da despedida no aeroporto, quando Jango foi para o Rio Grande do Sul, na tentativa de organizar uma resistência naquele Estado.

Eu, pessoalmente, apesar da distância de idade, pude privar, com bastante intimidade, da amizade do Presidente Tancredo Neves. Sempre tenho, e o uso até como amuleto – não há nenhum gabinete que seja ocupado por mim, gabinete pessoal, o da Liderança, não; por onde quer que eu passe, e foi assim no Ministério, foi assim na direção do PSDB, foi assim na Liderança do Governo Fernando Henrique, no passado -, o retrato do Presidente Tancredo Neves, junto com uma mensagem de apoio de Henfil a minha primeira candidatura em 1978. Funcionam para mim como um exemplo e até como um amuleto.

Falou-se tudo. O Senador Pedro Simon fez um discurso com pontos que eu adoraria ter podido abordá-los. E eu registrava ainda há pouco para Roberto Freire, para alguns companheiros, que essa inveja saudável tem de ser perdoável pelo Papa. Simon fez um discurso com pontos que eu gostaria de ter abordado, mas abordou antes e melhor, porque passou em revista essa coisa ampla que é Tancredo Neves, o Tancredo Neves que pertence a tantos e que pertence

ao Brasil; o Tancredo Neves que pertence, por exemplo, ao partido do Senador Inácio Arruda, o PCdoB, que esteve com ele do começo ao fim da jornada. Das Diretas, emendamos logo com a campanha pela eleição de Tancredo ao Colégio Eleitoral. Tancredo pertence ao PCB, de tantas tradições, que tampouco hesitou em nenhum segundo; pertence ao MR-8, que não fez qualquer restrição, inclusive à participação do Presidente Sarney, acho, na chapa; pertence ao grupo Só Diretas, aquele que hesitou em apoiar Tancredo, mas, ao final, terminou apoiando e compreendeu que a opção era Tancredo ou Maluf. E a restrição que faziam à candidatura de Sarney era descabida porque, assim como não cabia à Frente Liberal, fundamental para nós ganharmos a eleição no Colégio Eleitoral, escolher o nosso candidato a Presidente – nas diretas, seria Ulysses e, na indireta, teria de ser Tancredo, pela sua amplitude e capacidade de ampliar -, não cabia a nós outros, Senadora Marina, escolhermos o vice que seria lançado pela Frente Liberal para compor a chapa vitoriosa conosco.

Não cabia, portanto, a meu ver, aquele purismo. Não cabia aquela execração discursiva que o PT fez no Colégio Eleitoral. Era uma bancada pequena de 8 valorosos Deputados, 3 dos quais votaram em Tancredo e foram expulsos por isso. Esqueceram aqui o nome do Deputado José Eudes, que foi expulso junto com Bete Mendes e Aírton Soares. Eles pagaram um alto preço. Nenhum dos 3 encontrou mais caminhos políticos. Eles pagaram um enorme preço por terem se afastado de um partido forte, do peso do Partido dos Trabalhadores.

Eu diria que Tancredo pertence inclusive ao PT, que hoje não se fez representar aqui. O Governo, de maneira indelicada, não enviou nenhum representante. E estranho isso, sinceramente. Era melhor ter enviado alguém, teria ouvido o discurso do Senador Pedro Simon. Aliás, faz parte da democracia ter bons ouvidos e faz parte da democracia não silenciar quando se entende que há algo a se manifestar de contrariedades.

Tancredo pertence a todos. Tancredo pertence a Paulo Maluf – na frente do Senador Simon estava sentado o Deputado Paulo Maluf -, que prestou inestimáveis serviços à democracia brasileira. Eu sou arquiadversário de Paulo Maluf no Congresso Nacional desde que aqui cheguei; não deixei de ser quando interrompi isso para exercer funções executivas no meu Estado. Mas Maluf prestou inestimáveis serviços na transição democrática, quando se manteve candidato mesmo sabendo que ia perder. Se alguém pode registrar um serviço prestado à Pátria por Paulo Maluf, eu diria que foi esse. Maluf legitimou a eleição de Tancredo, não deixou margem para qualquer agitação

militar, não deixou margem para nada que significasse uma tentativa queremista em torno de Figueiredo, que demonstrou também desejo de cumprir com o processo da abertura lenta e gradual, que era idealizada por eles no regime. Então, Tancredo pertence a Maluf também. Vejam o homem de que estamos falando!

Aqui se falou muito na lealdade de Tancredo, lealdade a Getúlio, lealdade a Juscelino, lealdade a Jango, lealdade a Lott. E como foi difícil ser leal a Lott, em uma eleição avassaladoramente pró-Jânio Quadros. Os mais coerentes, os mais valentes membros daqueles que não eram da UDN, enfim, faziam aquela chapa Jan-Jan, aquela chapa Jânio e Jango, para facilitar a vitória de Jango, o que era meritório, mas pegando a carona nas eleições governamentais, na popularidade de Jânio Quadros.

Tancredo Neves perdeu a eleição para Magalhães Pinto. Aliás, não para Magalhães Pinto, mas para Jânio Quadros. Ele ficou com Lott até o final. Tancredo apoiou Lott sabendo que fazia um trabalho de difícil execução.

Houve, Senadora Marina, um episódio muito interessante. Era carreata para cá, passeata para acolá, caminhada para mais adiante, e o Dr. Tancredo dizendo ao Marechal Lott que ele tinha de sorrir, o que não era fácil para aquele homem honrado, que salvou a democracia dos golpistas que não queriam a posse de Getúlio Vargas, dando ele próprio o golpe preventivo que salvou a democracia, e, portanto, aquele se justificava o 11 de Novembro. O Dr. Tancredo dizia: “Sorria, Marechal”. E o Marechal dava aquele sorriso que não era dele.

Um dia aparece uma pessoa e diz: “*Marechal, meu marechal*”. E Tancredo diz para Lott: “*Lott, abaixe-se. Fale com ele*”. Lott se curva e cumprimenta o cidadão. E ele diz: “*Meu Marechal, eu servi com o senhor no Exército brasileiro*”. Lott, então, abriu um sorriso daqueles de candidato. Ele ficou realmente feliz de encontrar um camarada de armas: “*Onde você serviu comigo?*” E ele disse: “*Em Uruguaiana*.” Aí, ele, como candidato, disse: “*Mentiroso, eu nunca servi em Uruguaiana*”. Esse era o candidato que Tancredo apoiou até o final.

Peço mais um pouco de tempo, Sr. Presidente, para fazer aqui uma rápida colocação, que tem muito a ver com o meu partido.

Eu não tenho dúvida alguma de que José Serra é candidato a Presidente da República – nenhuma dúvida. E, por outro lado, não vejo que seja cabível essa pressão que se faz, que não é boa para Aécio, não é boa para Serra, pressão essa do tipo: “*Serra tem que ser candidato, com Aécio de vice. Senão, não dá*.” Eu não consigo ver isso.

Eleição não é decidida por vice. Aécio tem de saber se quer ser vice ou não, se Minas aceita que ele seja vice ou não, de maneira livre, de maneira tranquila. Ele pode colaborar com a campanha de Serra de maneira ampla, como candidato a Senador, por exemplo, como candidato a vice, como candidato a Senador, segurando a campanha em Minas e garantindo uma ampla vantagem num Estado que o idolatra, que lhe tem o máximo respeito.

Por outro lado, eu não vejo que se possa estigmatizar Serra, porque ele tem cumprido com o seu dever.

Tem havido campanha ilegal, isto sim. Tem havido campanha fora do tempo, isto sim. Então, vamos imaginar que esse é o padrão e passar para nossos filhos que o padrão é fazer campanha ilegal, fazer campanha fora do tempo, usar máquina, abusar da máquina? Eu não consigo imaginar que seja esse o resultado e que isso leve a bons resultados eleitorais no Brasil maduro de hoje.

Por outro lado, Aécio herdou de seu avô Tancredo a genética, a marca da lealdade. E de seu pai, Aécio Cunha, que foi meu colega de Congresso, assim como Tancredo Neves.

As pessoas, Senador Simon, não se lembram do outro lado de Aécio. Ele tem outra carga genética muito positiva, pelo lado da UDN, que é Tristão da Cunha, um dos grandes Deputados que a UDN já teve em todos os tempos, membro da banda de música da UDN. Como alguém pode questionar a lealdade de Aécio? Como alguém pode questionar a fidelidade de Aécio ao seu partido e a sua biografia? Como alguém pode questionar isso? Eu não consigo supor, nem ele consegue supor, nem a história saberia supor.

Portanto, eu hoje fico muito feliz de ver aqui no Senado o tributo do Brasil, com exceção do PT, estranhamente, com exceção do PT – e ainda há tempo de se fazer o gesto simbólico de falar para uma sessão esvaziada. Mas que falem! O tributo a Tancredo é obrigação de todos!

Tancredo pertence também ao PT, que não o queria na Presidência; pertence a Maluf, que legitimou a sua eleição, permanecendo até o final; pertence aos brasileiros todos, que só ganharam com a democracia; pertence aos trabalhadores, que só cresceram com a implantação do País, porque quem primeiro perde quando se instala qualquer sistema autoritário em algum país é sempre o trabalhador; são sempre os menos favorecidos.

Fiquei feliz de poder ver hoje toda essa passagem em revista da história recente do País. O discurso de Sarney foi um discurso bom. O discurso de Simon foi irretocável. O discurso de Aécio e de Serra foram



seguros. Mais alguns falaram de maneira correta, de maneira culta, de maneira construtiva.

Eu percebo, em cada um que ainda espera a vez de falar, mesmo sabendo que a sessão, do ponto de vista simbólico, já se esvaiu, uma demonstração muito clara de amor pelo Brasil. Percebo uma vontade muito grande de resgatar um dos momentos mais bonitos da história.

A Emenda Dante de Oliveira mobiliza o povo. Dr. Ulysses, com a grandeza que é dos grandes homens, diz: “*Não sou candidato na eleição direta, porque melhor do que eu é Tancredo.*” Tancredo vence e houve a sua morte, algo que não se podia imaginar. Sarney assume.

Faço críticas duras à gestão de Sarney no campo econômico, mas não faço críticas à gestão de Sarney no campo político, até porque legalizou os partidos ilegais; partiu para a Assembleia Nacional Constituinte; conduziu, de maneira correta, a transição democrática. Esta não é a hora de me colocar em oposição ao Presidente Sarney por equívocos, que julgo graves, de sua gestão à frente do Senado Federal. É hora de se fazer história, de se registrar, com calma, com tranquilidade, com ponderação, aquilo que é a história. E a história deve registrar que ele foi aprovado no teste de substituição a Tancredo no campo político; foi aprovado no teste de substituição a Tancredo no campo da condução da transição democrática.

Portanto, eu aqui registro, com muito carinho, a saudade, o apreço e a admiração por Tancredo Neves, que, sobretudo a esta altura, deve ser mais do que saudade, apreço e admiração; deve ser exemplo para todos nós.

Um País de tancredos haverá de casar a ética com o desenvolvimento, com a seriedade e com o absoluto respeito à democracia.

Muito obrigado, senhoras e senhores.

Era o que tinha a dizer.

*Durante o discurso do Sr. Arthur Virgílio, o Sr. Marconi Perillo deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Mão Santa.*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – Após brilhante e contundente pronunciamento de Arthur Virgílio, representando o PSDB nesta homenagem a Tancredo Neves, tenho a honra, entre os grandes homens da história de Minas – que é a mais bela história do Brasil –, de chamar um dos maiores filhos de Minas: Eliseu Resende, representando o DEM de Minas Gerais.

A maior riqueza de Minas não são os minérios; é sua gente.

Sófocles, o grande filósofo, disse: “*Muitas são as maravilhas da natureza, mas a mais maravilhosa é o ser humano.*”

Aí está sintetizada a maravilha da gente de Minas: Eliseu Resende.

**O SR. ELISEU RESENDE** (DEM – MG. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Muito obrigado, Senador Mão Santa.

Sr<sup>as.</sup> e Srs. Senadores, evocar a figura ímpar de Tancredo Neves implica contemplar uma boa parte da história política do Brasil nos últimos 60 anos. Mais de uma vez, Tancredo esteve no centro dos acontecimentos cruciais da vida política nacional ao longo desse período.

Falo pela Liderança do Democratas, mas para mim, em particular, essa evocação da memória de Tancredo é especialmente emocionante, porque, sendo seu conterrâneo e contemporâneo – nasci em Oliveira, cidade vizinha de São João del Rei -, minha trajetória política inevitavelmente interceptou ou tangenciou a sua história.

Estivemos, Tancredo e eu, algumas vezes, em campos opostos. Disputamos eleições, fomos adversários políticos, mas éramos bons amigos e dedicados companheiros, uma vez que estivemos orientados por uma mesma ideia do que era melhor para Minas Gerais e para o Brasil. Admirava o estilo de Tancredo, sua serenidade, sua discrição, seu equilíbrio, sua capacidade de nunca perder de vista o interesse público, mesmo quando era seu destino pessoal que estava em jogo.

Essas qualidades, aliás, eram por todos reconhecidas. Não é por acaso que, logo após a crise da renúncia de Jânio Quadros, o nome de Tancredo – destinado a ser um dos ícones da Oposição no período militar subsequente – surgiu como o nome de consenso para a solução de compromisso, que foi a curta experiência parlamentarista que permitiu a posse de João Goulart.

Em 1982, no primeiro grande momento democrático, no processo de abertura política que culminou com a Constituição de 1988, Tancredo e eu nos enfrentamos em uma eleição histórica, disputando o Governo do Estado de Minas Gerais. A disputa foi boa, empolgante, acirrada; a campanha, memorável. Tancredo elegeu-se Governador dos mineiros e, poucos anos depois, deixou o Governo de Minas para ser eleito Presidente da República.

Aquela eleição de 1982 foi um momento excepcional: o primeiro movimento da composição que levou o Brasil de volta à plena democracia. O tabuleiro do jogo político no período imediatamente subsequente foi definido ali.



O movimento das Diretas Já ganhou fôlego com o apoio dos Governadores oposicionistas recém-eleitos, entre eles Tancredo Neves, peça importantíssima no tabuleiro definido em 1982 – ele que, comandando Minas Gerais, associava a esta posição de grande destaque o talento do notável político. O nome de Tancredo Neves logo se impõe como o foço de convergência.

Coube ao meu partido, à época sob a sigla PFL, liderar a histórica tomada de decisão de apoio a Tancredo, para finalmente elegê-lo no Colégio Eleitoral. A tragédia de sua morte acaba mudando as páginas da história. Hoje pergunta-se: quem sabe o que poderia ter acontecido ao Brasil se Tancredo tivesse vivido para terminar seu mandato?

Figura paradigmática quando vivo, Tancredo Neves tornou-se um verdadeiro mito. E não por acaso. São inesgotáveis as referências em torno de sua sabedoria política, de seu discernimento fino, de sua engenhosidade, de sua prudência, de sua capacidade de conciliação e de sua moderação.

Tancredo passou a personificar, para os brasileiros, um estilo de fazer política que é generoso sem deixar de ser aguerrido, que não despreza a competição nem se intimida com o confronto, mas sabe acolher os adversários e encontrar o meio termo da conciliação.

Quero lembrar aqui, Sr. Presidente, Senador Mão Santa, que Tancredo Neves legou-nos não apenas o seu exemplo e a sua história, como também um herdeiro político digno, na figura de seu neto Aécio Neves – que esta semana homenageará o avô com a abertura oficial, em Belo Horizonte, do Centro Administrativo Tancredo Neves, nova, corajosa e grandiosa sede do Governo mineiro.

Antigo adversário do avô, tive a honra de associar-me ao neto. Foi caminhando junto com ele, na campanha de 2006, que tive a felicidade de receber a confiança de mais de 5 milhões de eleitores mineiros para eleger-me Senador pelo meu Estado.

Tenho muito orgulho dos laços que me ligam ao Governador Aécio, cujo trabalho em Minas Gerais é impecável. Seu Governo é exemplar. E não tenho nenhum medo de exagerar quando digo isso. O que Aécio fez por Minas Gerais, nos mandatos que lhes concederam os mineiros, nos campos administrativo, econômico, fiscal, social, terá reflexos benéficos ainda por muitos anos em nosso Estado e no Brasil. Não foi outra coisa, aliás, que consolidou o seu nome no cenário político nacional. Ficamos, todos os mineiros, pensando com nossos botões: se fez o que fez por Minas, o que não faria Aécio pelo Brasil?

Tenho certeza de que Tancredo Neves teria também orgulho do trabalho de seu neto, assim como estou certo de que Aécio Neves deve muito aos orácu-

los de seu avô. Quem sabe algum dia, o neto estará completando a trajetória política que a morte impediu o avô de cumprir. Fazemos votos, todos os mineiros, para que assim seja.

Sr. Presidente, encerro dizendo que, ao deixar na história do Brasil uma marca indelével, Tancredo marcou a carreira política de todos nós, seus contemporâneos, tenhamos sido seus adversários ou seus aliados.

Que seu exemplo continue inspirando e iluminando as novas gerações de políticos. São os votos que todos fazemos neste dia de hoje.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – Após as brilhantes palavras de Eliseu Resende em homenagem a Tancredo Neves, representando Minas Gerais, sua história e sua brava gente, vamos ouvir agora a nobre Senadora Marisa Silva, perdão, Marina Silva. É que eu fiquei perturbado pela maneira com que Pedro Simon descreveu S.Ex<sup>a</sup> Então, olhava para o Pedro Simon e troquei o “n” pelo “s”, porque ele disse que S.Ex<sup>a</sup> é uma santa neste Senado Federal.

**A SRA. MARINA SILVA** (PV – AC. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente – a quem agradeço as gentis e carinhosas palavras -, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Parlamentares, quero inicialmente parabenizar os Senadores e os Deputados que tiveram a iniciativa da realização desta sessão solene.

De fato, como disse o Senador Arthur Virgílio, ainda que agora esteja esvaziada, esta sessão não perde o vínculo e o laço político e social que temos de ter com esse fato histórico e sobretudo dialogar com as pessoas que a estão assistindo, que também querem ouvir o posicionamento de cada um que aqui se manifesta.

Não poderia deixar de dizer o quão foram importantes os depoimentos e os discursos feitos nesta homenagem. Alguns pela força do conteúdo, pela importância política dos que aqui se manifestaram – e tivemos o Presidente Senador José Sarney; o Governador José Serra, o neto do Presidente Tancredo Neves, o Governador Aécio Neves, e tantos outros.

Gostaria de homenagear aqueles que fizeram discursos na pessoa do Senador Pedro Simon. Nada é mais forte do que a força do relato em que S.Ex<sup>a</sup> mostrou os fatos da história não apenas com o dourado da tinta, mas com a marca que a pena deixa no papel. S.Ex<sup>a</sup> mostrou que Tancredo negociava, mas também que Tancredo se insurgia, como se insurgiu Tiradentes. Uma das frases de S.Ex<sup>a</sup> que mais me tocaram foi quando disse que um teve o corpo esquartejado literalmente; o outro, foi esquartejado por dentro e na alma, em benefício do Brasil. Cumprimento

S.Ex<sup>a</sup> pelo lindo discurso, como a todos aqueles que me antecederam.

Vou falar brevemente, e quero lamentar a ausência – deve haver alguma razão forte para isso – do Senador Aloizio Mercadante e do Senador Eduardo Suplicy, que nunca faltam a eventos como este. Não tenho procuração para defendê-los, mas sinto-me parte da história. Naquela época, equivocadamente, achávamos que o caminho era outro, mas o caminho escolhido por aqueles que decidiram ir ao Colégio Eleitoral para conquistar a democracia, ainda que por um atalho, não por via de eleições diretas, estava correto. Hoje, a democracia está consolidada em nosso País.

Eu fazia parte dessa visão, hoje criticada com justa razão, mas na História há sempre um porém. Nelson Rodrigues, para legitimar mais ainda a assertiva do Presidente Tancredo Neves, dizia que toda unanimidade é burra. Talvez para que aquela decisão fosse inteligente era preciso que houvesse alguém na Oposição que alertasse que algo poderia ser diferente, reivindicando a força do ideal. E alguns diziam: já que não temos o ideal, vamos fazer o que é possível para chegar a esse ideal mais na frente e todos nos beneficiaremos da sua concretização.

A história é assim, é feita do contraditório. Gostaria, pois, de fazer essa ressalva, porque não tenho dúvidas de que, se aqui estivessem os líderes do Partido dos Trabalhadores, estariam fazendo também esse reconhecimento.

Como fiz parte dessa história durante 30 anos, quero, em meu nome e no do PT, partido a que obviamente não pertencio mais, fazer essa autocrítica sem desqualificar as restrições feitas naquela época ao Colégio Eleitoral.

Vou, muito rapidamente, ler o que escrevi, porque não tenho a força do relato dos que me antecederam, sobretudo do Senador Pedro Simon.

Esta sessão é a reafirmação de que a história de Tancredo Neves se confunde com a história recente do nosso País. A figura de Tancredo Neves é cercada de vários adjetivos, sendo os mais comuns político conciliador e hábil articulador político. Acrescento outro. Tancredo Neves era um homem capaz de ler a realidade, decifrando a sua própria linguagem.

Sempre repito Nádia Bossa, que diz que a realidade responde na língua em que é perguntada. O Presidente Tancredo Neves foi capaz de fazer as perguntas na linguagem e na língua da realidade e, por isso, talvez tenha conseguido, durante sua trajetória política, a maior parte das melhores respostas.

Sr. Presidente, quero dizer com isso que Tancredo Neves fez a leitura política correta, em um momento crucial para o nosso processo de redemocratização,

quando a eleição indireta se apresentou como o caminho possível para avançarmos no processo de saída do período ditatorial.

Lembremos que a abertura era inevitável e acompanhada pelos 2 últimos Governos militares que ainda mantinham o tensionamento da política em patamar muito alto. Basta recordar a frase do Presidente João Figueiredo, ao ser perguntado sobre as possíveis resistências à abertura do regime: *“Quem não quiser que abra, eu prendo e arrebento”*. De um lado, as pressões existentes na sociedade que clamava por redemocratização; de outro, o aparato militar que ainda tentava controlar a transição, como se vê nos seus termos autoritários, e, inclusive, ao manter ativos os serviços de informação e de pressão, mesmo que enfraquecidos.

Foi uma fase ambígua, em que o autoritarismo buscava se relegitimar frente à sociedade, tentando se transformar em pai e concedente da redemocratização.

Nesse cenário, as eleições indiretas, via Colégio Eleitoral, apareciam como uma forma de, como diz, “mudar para que tudo permanecesse a mesma coisa”, ou seja, eleger políticos identificados com o regime militar. Para uma sociedade que vinha da derrota da Emenda Dante de Oliveira, defendida pelo movimento das Diretas Já, a eleição direta parecia muito insatisfatória.

Aí entra o papel histórico do Presidente Tancredo Neves na negociação para associar a eleição indireta à convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, por meio da qual a sociedade poderia se reconectar novamente com as rédeas institucionais do País.

Hoje, sob a perspectiva da História, penso que o ensinamento do Presidente Tancredo Neves foi o de ter tido a visão de que esse era o caminho mais efetivo naquele momento.

Muitas vezes, a condução de um processo não se dá exatamente como queremos; o caminho se mostra menos claro do que gostaríamos. Enxergar as possibilidades da construção do novo por meio de formas antigas é uma qualidade que o Presidente Tancredo Neves possuía. E sua postura foi, com certeza, decisiva na sua história.

Sempre nos perguntamos como teria sido caso Tancredo não tivesse morrido no momento em que exercia uma liderança com ampla aceitação popular e ascendência sobre as articulações políticas. Jamais saberemos.

Mas o importante é conhecer bem o seu contexto, seu tempo, seu exemplo, para enfrentarmos os desafios que hoje também não são pequenos.

E atualmente já temos condições de avançar e ousar muito mais no processo político. A sociedade brasileira está madura e organizada, para nos dar su-

porte. Contudo, ainda é forte e arraigada uma cultura política propensa a pensar apenas na medição do passado, ao invés de perceber que a linha da história é para a frente.

Foi essa a atitude que fez com que Tancredo Neves se colocasse em muitos momentos adiante de seu tempo e da História, para dizer com todas as letras que, ainda que ela seja feita em certas circunstâncias por determinados homens e mulheres que tiveram a ousadia do gesto, não podemos ficar inibidos em também construir a História.

Diante de tudo isso, Sr. Presidente, a aprendizagem que temos é de que o Brasil, neste momento, homenageia a trajetória, o percurso de um homem capaz de dar a sua contribuição, manejar adequadamente o contraditório, procurar estabelecer os consensos necessários para conquistar aquilo que era o benefício de todos.

Devo dizer, Sr. Presidente, que o Brasil a que me referi, mais maduro neste momento, passa por crucial desafio. Existem aqueles que estão querendo tratar a História apenas como uma reedição do que já foi feito e aqueles que insistem em que devemos integrar as melhores conquistas, mas também transitar para um futuro que só pode ser construído a partir de duas pilstras: o reparo e a aprendizagem com os erros do passado, a integração das conquistas da forma mais generosa e sincera possível, o reconhecimento para todos aqueles que a construíram, deixando a sua marca para aquilo que será o Brasil que queremos ver.

Sr. Presidente, agradeço a V.Ex<sup>a</sup> a generosidade da escuta que me propicia neste momento. Há uma coisa que acontece muito com os homens que de fato dão contribuições relevantes para a história. Ou o destino faz com que eles tenham a clarividência de se apartar do processo, como fez Mandela, ou, de alguma forma, são subtraídos desses papéis por alguma razão. Aqueles que integram a comunidade, aqueles que criam a comunidade, já dizia Freud, são também estrangeiros dessa comunidade.

Talvez o Presidente Tancredo Neves não tivesse se apartado da dinâmica política após a reconstrução da democracia e de alguma forma algo o apartou dessa reconstrução.

Estamos aqui aprendendo também uma grande lição. Aquele que integra, que faz uma grande esforço para construir algo grandioso, que é maior do que ele, que é maior do que tudo, tem de, depois da conquista, ter um olhar resvalado, como fez Mandela. Mas, ao resvalar o olhar de si, pelas circunstâncias dramáticas, ele eterniza o olhar da História para si mesmo, porque agora é alguém que contribuiu e continuará contribuindo pelo melhor da tradição.

Que possa servir de exemplo para todos nós, neste momento tão importante da vida do Brasil, com democracia, com algumas conquistas, mas com muitos desafios para serem ainda resolvidos, conquistados, e muitos problemas ainda a serem debelados.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – Após o pronunciamento da Senadora Marina Silva, prestando homenagem aos 100 anos de Tancredo Neves, convidamos para usar da palavra o Senador do PCdoB do Ceará Inácio Francisco de Assis. Vamos parar por aí. Francisco de Assis, um nome tão bonito. Então, de agora em diante, V.Ex<sup>a</sup> vai ser batizado Inácio Francisco de Assis e vai dar um tempo ao nome Arruda.

**O SR. INÁCIO ARRUDA** (PCdoB – CE) – Inácio Francisco de Assis Mão Santa.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – Onde houver um erro, leve a verdade, e V.Ex<sup>a</sup> sempre traz aqui a verdade. Corrijo o seguinte: um dos melhores heróis da nossa política, da redemocratização, olvidado, foi João Amazonas, Líder do PCdoB. Ele teve a lucidez de chamar os esquerdistas e guerrilheiros a participar do Colégio Eleitoral.

**O SR. INÁCIO ARRUDA** (PCdoB – CE) – É verdade.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – Rendo esta homenagem. Um equívoco foi feito aqui entre aqueles que lutaram pela redemocratização, pela lucidez e pela coragem de João Amazonas, que Inácio Francisco de Assis representa.

**O SR. INÁCIO ARRUDA** (PCdoB – CE. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores, cumprimento os autores da proposição desta sessão solene conjunta, o Senador Eduardo Azeredo, o Deputado Guerra, o Senador Simon.

A iniciativa permite àqueles que atuam na vida política com um mandato... Sempre se quer apartar a política do povo, considerando que só os que têm mandatos são políticos, como se o dono do jornal, o dono da televisão, o dono das empresas, as pessoas que estão na comunidade, nos sindicatos, nas associações de moradores ou mesmo em casa não fizessem política a todo instante e a toda hora.

Esta homenagem permite a todos nós examinar a trajetória de um brasileiro de Minas, é verdade. Disse aqui seu neto que Afonso Arinos tratava Minas como se ela fosse o centro, que ora pudesse pender para a Direita, ora para a Esquerda, de acordo com as circunstâncias políticas do País.

Minas nos ofereceu Tancredo Neves com uma trajetória especialíssima na vida política brasileira. Quem quiser debruçar-se sobre a história vai encontrá-lo em momentos significativos já amplamente dissecados,



examinados na década de 50 em Minas, desde São João del Rei, quando foi Vereador, Presidente da Câmara, assumindo todos esses postos na sua carreira até chegar ao Senado, ao Governo de Minas e à Presidência da República.

A trajetória é do período difícil, das definições do Brasil, porque esse é um problema central, é estabelecer um projeto para a nossa Nação, para o nosso povo, o que sempre esteve em causa. Essa é uma luta duríssima que se trava até hoje. A nossa Nação se ergue, põe-se de pé, faz-se respeitar; constrói-se um modelo de desenvolvimento capaz de envolver seus filhos, seu povo, de oferecer um País extraordinariamente rico em tudo, na natureza, na capacidade do seu povo miscigenado, fruto dessa colonização brutal praticada pelos europeus, mas miscigenado com os europeus, com os negros, com as tribos nativas do nosso povo, a grande nação Tupinambá, que ajudou a formar nosso povo e a nossa língua portuguesa. O que falamos é fruto da língua originária, alguns dizem, da língua galega, mas da língua intercessão com o tupi, com a língua dos bantos e de várias outras tribos africanas que para cá vieram como escravas. Esse é o nosso povo.

Tancredo representa para todos nós brasileiros essa busca do Brasil, do seu projeto, do caminho brasileiro, do desenvolvimento, do crescimento, que tem enfrentado grandes dificuldades para se estabelecer.

Houve dificuldades e arbítrio praticados durante o Governo de Getúlio Vargas. Nós assistimos à tentativa de Getúlio Vargas de construir um projeto de Nação, um projeto do País. Assistimos lá atrás, com José Bonifácio e Floriano, uma luta dura em nossa Nação. Para quê? Para não deixar uma nação grande, rica e populosa de pé. Esse é o problema central.

Por isso, Sr. Presidente, Srs. Senadores, ao propor esta homenagem a Tancredo Neves, tratamos da história do Brasil, da sua presença, do seu significado, do seu papel.

Lá atrás, ainda houve sucessivas tentativas de impedir esse projeto, que veio com a eleição de Getúlio Vargas, com a sua morte, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros, João Goulart. Houve a luta para se manter o governo democrático, a necessidade das reformas em nosso País, até que os que tramaram contra a Nação, contra o povo, conseguiram, finalmente, dar o Golpe em 1964.

Daí em diante a luta foi difícil, dura e precisou de homens da estatura de Teotônio Vilela, Franco Montoro, Leonel Brizola, no exílio, Juscelino Kubitschek, também no exílio, João Goulart e tantos que resistiram no plenário do Congresso Nacional, como os Senadores e Deputados. Entre eles, podemos citar a presença de

Tancredo Neves e de Ulysses Guimarães, figuras extraordinárias de nossa história.

Nós, juntamente com muitos da Esquerda brasileira, comunistas, socialistas, muitos democratas, homens da Igreja, padres, freis e bispos, nos engajamos numa luta mais dura. Perseguidos, colocados obrigatoriamente na clandestinidade, tivemos de existir por outros meios.

O PCdoB teve de existir indo para o interior do País. Tivemos de enfrentar a ditadura, o terror, o assassinato de muitos dos nossos combatentes de forma covarde, num luta difícil, desigual. Mas enfrentamos, porque a nossa causa era a causa do Brasil, a da democracia brasileira, a da nossa liberdade. E não tínhamos dúvida do que deveríamos fazer.

E quando, digamos assim, os ventos mais favoráveis se abriram, quando a luta do povo se mostrou em melhores condições, permitindo a anistia, garantindo uma lei que trouxesse os brasileiros de volta, que trouxesse para cá João Amazonas, Brizola, Arais, trouxesse esse povo todo, garantindo a eleição direta para Governadores, não podemos esquecer os candidatos anteriores, a candidatura de Ulysses à Presidência da República, o General Euler Bento, que enfrentou aquela situação para garantir um meio de o País respirar na política.

Sr. Presidente, chegou a hora de uma movimentação maior. Realizou-se na Praia Grande a I Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras em 1981. E o centro daquele movimento, já com a União Nacional dos Estudantes proscrita, mas agindo abertamente nas mãos de um Aldo Rebelo, Deputado Federal pelo PCdoB, reuniu-se ali na Praia Grande, na I CONCLAT – Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras. Tomamos a decisão de enfrentar e dizer que era a hora de afastar a ditadura da cena política brasileira.

Então, uniram-se os trabalhadores, os estudantes, as donas de casa, o povo brasileiro, que já não aceitava mais a ditadura, na busca da alternativa.

Elegemos vários Governadores no campo da Oposição. Entre eles estavam Tancredo, Brizola, Franco Montoro e tantos outros eleitos em situação ainda adversa, mas a política já permitia respirar.

A bancada do campo popular, da tendência popular dentro do PMDB, aumentou no Congresso Nacional, alargou-se. Os comunistas estavam ali entre aqueles da tendência popular porque nosso partido estava proscrito, precisava fazer política dentro do MDB, depois PMDB.

Sr. Presidente, é nessa hora da política, da batalha política, que examinamos quem cumpre o papel histórico, quem tem a responsabilidade de cumprir o papel histórico. Quando em manifestações no Brasil



inteiro, eu estava sem mandato, não era Vereador, não era Deputado, não era nada disso, mas era o Presidente da Federação de Associação de Moradores de Fortaleza e, nessa qualidade, fui escolhido para coordenar a campanha das Diretas Já em Fortaleza, realizamos grandes manifestações com todos eles, Tancredo, Ulysses, Arraes, Brizola, nas principais praças das cidades brasileiras, entre elas a Praça José de Alencar, em Fortaleza, numa grande manifestação popular, até chegar a hora de decidir. E o Congresso Nacional não teve força suficiente para tomar a decisão de que a eleição teria de ser direta, pelo povo.

Naquela hora, os comunistas olharam a cena política. E, conforme V.Ex<sup>a</sup>, João Amazonas, juntamente com Haroldo Lima, vendo aquele cenário da política brasileira com sabedoria, disseram que o Colégio Eleitoral fazia parte do entulho da ditadura militar, e a forma mais sábia de liquidá-lo era dentro dele mesmo.

Não tivemos dúvida. João Amazonas foi à casa de Tancredo junto com nosso Líder, Haroldo Lima. Conversei agora com Aécio, que se lembra desse episódio. Amazonas foi até Tancredo para dizer que ele não poderia se subtrair dessa responsabilidade. Ele era o responsável por aquela transição, ele tinha a obrigação de liquidar com o Colégio Eleitoral. E o que liquidaria com o Colégio Eleitoral era sua vitória.

Com sua vitória, iríamos respirar mais liberdade e mais democracia; com sua vitória, teríamos a Assembleia Nacional Constituinte; com sua vitória, teríamos o compromisso de que os partidos políticos poderiam viver aberta e livremente no País; com sua vitória, a UNE não seria proscrita, seria legal; com sua vitória, as centrais sindicais teriam atuação livre no País, seu movimento operário popular teria atuação livre na nossa Pátria.

Sr. Presidente, o Partido Comunista do Brasil uniu-se a essas figuras extraordinárias da política, da arte e da cultura popular. Podemos citar, entre tantos, Fafá de Belém, que aqui cantou; a figura extraordinária de Milton Nascimento, que fez canções belíssimas, entre elas *Coração de Estudante*, para embalar aqueles momentos da vida política e libertária do povo brasileiro.

Hoje, 25 anos depois de sua morte, podemos comemorar o seu centenário, dizendo que prevaleceu a democracia e que temos melhores condições de dar passos mais avançados ainda no Brasil. E ele foi um desses modelos.

Por isso, Sr. Presidente, faço esta homenagem em meu nome e do PCdoB. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – V.Ex<sup>a</sup> teria mais 1 minuto para concluir seu pronunciamento. Uso então esse tempo para uma reflexão e para aplaudir o PCdoB, que se fez presente, represen-

tado por esse extraordinário Líder, sucessor de João Amazonas, o nosso Inácio Francisco de Assis Nunes Arruda, Senador pelo Ceará.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – Seguindo a lista de inscritos, para prestar sua homenagem ao centenário de nascimento de Tancredo Neves, concedo a palavra ao Líder do PSB. Esse partido extraordinário, nascido de Miguel Arraes, escolheu para Líder um dos Congressistas mais influente e capaz, o Senador Antônio Carlos Valadares, que representa o Estado de Sergipe.

**O SR. ANTÔNIO CARLOS VALADARES** (PSB – SE. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Mão Santa, obrigado pela referência elogiosa.

Começo este pronunciamento homenageando, em primeiro lugar, figuras ilustres, lideranças inesquecíveis da vida e da política mineira que deixaram em nossa história magníficos exemplos de coragem, de devotamento, de lealdade e de sabedoria que ilustraram, sem dúvida alguma, a passagem do mineiro na vida desta Nação, a começar pelo Mártir da Independência, Tiradentes, e de homens sábios e éticos como Milton Campos, Juscelino Kubitschek, Murilo Badaró e os integrantes da família Bonifácio.

Hoje podemos dizer, até por dever de justiça, que o Estado de Minas Gerais está bem representado por seu jovem Governador Aécio Neves, que faz uma administração primorosa, padrão de honestidade, de eficiência e de coerência com os ensinamentos que recebeu do seu avô, Tancredo Neves, cuja memória estamos homenageando nesta sessão solene.

Posso registrar duas ou três passagens da minha vida política que fizeram com que eu me encontrasse com Tancredo Neves. A primeira vez, no início de 1984, quando o Brasil trepidava com a possibilidade da eleição, pelo Colégio Eleitoral, de um oposicionista. Estive em Minas Gerais, na qualidade de Vice-Governador do Estado de Sergipe, para visitá-lo – ele ainda não havia decidido pelo seu afastamento do Governo de Minas – e incentivá-lo a enfrentar a batalha e promover as mudanças de que o Brasil precisava no seu regime democrático, na sua vida partidária.

Ali, no Palácio das Mangabeiras, Residência Oficial do Governador do Estado, construída sob os auspícios de Juscelino Kubitschek, com projeto de Carlos Niemeyer, fiz essa visita. E me impressionaram sobremaneira os ensinamentos que recebi de Tancredo Neves: a paciência, a ponderação, a sabedoria com que dirigia suas palavras e com que se comportava diante do contexto em que teria de tomar a decisão de deixar o Governo de Minas.

Em seguida, Sr. Presidente, Tancredo esteve em Sergipe, meu Estado, já como candidato, e, na resi-

dência do ex-Governador Seixas Dória, eu o encontrei de novo. Sua face era o retrato vivo da tranquilidade. Estava cansado em razão da campanha, mas iria fazer na Praça Fausto Cardoso, em Aracaju, o último comício de sua caminhada. Foi o maior comício que eu já vi em toda a minha vida: milhares e milhares de pessoas encheram a Praça Fausto Cardoso naquele dia histórico de sua despedida da campanha eleitoral.

Eleito Presidente da República, infelizmente, não pôde assumir o seu mandato, e, em seu lugar, o Vice-Presidente José Sarney, a quem a História reservou esse destino, deu continuidade ao seu projeto, deixando que os Ministros escolhidos por Tancredo permanecessem à testa da Administração.

Sr. Presidente, escrevi um discurso que gostaria que V.Ex<sup>a</sup> incluísse nos Anais desta Casa, na forma regimental, pois é a homenagem que o PSB, por meu intermédio, não poderia deixar de prestar nesta hora ao Tancredo Neves, que, embora não tenha sido empossado Presidente, tomou posse dos corações de todos os brasileiros, indistintamente, pelos seus exemplos no passado, pelo sacrifício que empreendeu para fortalecer a democracia e, acima de tudo, pelo trabalho que realizou no Congresso Nacional para conscientizar os Parlamentares de que a democracia é o melhor regime.

Para finalizar, Sr. Presidente, Senador Mão Santa, anotei uma pequena parte de um discurso que ele pronunciou na Ordem dos Advogados do Brasil no dia 3 de outubro de 1980, quase 5 anos antes de sua morte. Foi um discurso visionário, que tinha por objetivo o fortalecimento do Poder Legislativo como condição *sine qua non* para a existência de um regime realmente democrático.

O que diz Tancredo Neves?

“O dinamismo da reforma é o Poder Legislativo. Fortalecê-lo, tornando-o autêntico, através de eleições limpas e lisas, fazendo dele a lídima expressão da soberania nacional e o instrumento eficiente de nossas mudanças políticas, econômicas e sociais, é a tarefa mais importante que incumbe às lideranças brasileiras. É ele que força o Executivo a se tornar fecundo e realizador. É nele que se debatem as grandes decisões para os grandes problemas nacionais. É por ele que o povo, através de seus representantes, postula as suas reivindicações, apresenta as suas inquietações, angústias e protestos. Da sua vitalidade se julga a força de um regime democrático. Quando inoperante, hierático e claudicante, expressa, nas suas deficiências e deformações, a precariedade do regime que espelha e serve. Mas,

se forte, respeitado e fecundo, está refletindo o vigor das instituições democráticas que nele se sustentam e dele recebem a seiva de seu vigor”.

Esta é uma homenagem que Tancredo Neves presta ao Poder Legislativo em um dos mais brilhantes discursos já proferidos em sua vida. E todos nós o admiramos por tudo o que ele fez para o Brasil.

Sr. Presidente, volto a pedir a V.Ex<sup>a</sup> a inclusão do meu pronunciamento nos Anais da Casa.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – V.Ex<sup>a</sup> será atendido, de acordo com o Regimento.

#### *PRONUNCIAMENTO ENCAMINHADO PELO ORADOR*

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores, nesta sessão especial, temos a oportunidade de lembrar e homenagear Tancredo Neves, um dos mais valorosos políticos brasileiros do século XX.

O significado de Tancredo para a nossa Nação se mostra não apenas por ele ter sido protagonista dos mais significativos momentos políticos de nossa história entre 1954 e 1985, mas, sobretudo, pela forma como se portou.

Em todas as ocasiões, comportou-se de maneira digna e corajosa, sem medo de enfrentar represálias. Em todos os momentos se mostrou de uma grandeza e de uma capacidade de ação exemplares.

Em todas as oportunidades se apresentou na linha de frente em defesa da democracia, mesmo quando todos ou quase todos tramavam contra as nossas instituições do Estado.

em 1954, quando a conspiração contra Getúlio incendiava a imprensa e o parlamento, Tancredo, na condição de Ministro da Justiça, trabalhava de maneira sobre-humana para apresentar soluções que pudessem garantir a continuidade democrática.

Com a morte de Getúlio, os ânimos golpistas só voltaram a se manifestar no início da década de 1960, com a renúncia de Jânio Quadros da Presidência da República. A posse de Jango só foi possível, em grande parte, graças ao trabalho de conciliação feito por Tancredo.

Em seguida, durante o parlamentarismo, foi Primeiro-Ministro por 9 meses, período em que tentou aprofundar a tarefa de pacificar a política nacional por meio da elaboração de um consenso em tomo da garantia das instituições.

A saída de Tancredo do Governo retirou um ator apaziguador do cenário político e colaborou para o acirramento dos ânimos. O golpe militar de 1964 foi, em grande parte, consequência da falta de elementos

apaziguadores que pudessem garantir a continuidade das instituições democráticas.

Durante os anos de chumbo, Tancredo não se ausentou do cenário político nacional. Tomou-se, ao longo do tempo, um dos principais protagonistas da oposição ao regime.

É significativo que tenha sido o único político de expressão nacional a estar presente e discursar no funeral do Presidente João Goulart.

Não defendeu uma saída violenta, mas, sim, uma maneira de enfrentar o regime de maneira pacífica, mas determinada. De tal maneira, transformou a tribuna do Parlamento em sua trincheira contra o regime militar. Esteve primeiro na Câmara dos Deputados e depois no Senado Federal, até 1982, quando foi eleito Governador de Minas Gerais, Estado que administrou até agosto de 1984.

Durante esses anos, viajou pelo País proferindo conferências e palestras em que propugnava a conciliação nacional como a saída correta do regime militar, por meio dos partidos políticos representados no Congresso Nacional. Defendia, ainda, a renegociação da dívida externa sem o aumento do sacrifício das camadas mais pobres da sociedade brasileira.

A Emenda Dante de Oliveira e o racha do PDS – partido de sustentação do governo – abriram espaço para que uma candidatura oposicionista tivesse reais chances de vitória.

Tancredo Neves, fiel aos seus princípios de defesa da conciliação nacional, forjou um pacto o mais amplo possível. Nomeado Aliança Democrática, fundou-se em alguns princípios fundamentais para um Governo de um país redemocratizado, como Assembleia Constituinte. Tancredo ainda nos liderou enquanto estávamos atravessando o deserto, mas não pôde alcançar, como o patriarca bíblico, Canaã. O sacrifício de Tancredo não foi em vão. Creio que podemos dizer que estamos realizando os seus sonhos, querido Presidente Tancredo Neves.

Era o que tinha a dizer.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – Depois do vibrante discurso do Senador Antônio Carlos Valadares, convidamos o próximo orador inscrito, Senador Jefferson Praia, do PDT do Amazonas.

**O SR. JEFFERSON PRAIA** (PDT – AM. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Parlamentares, é com muita honra que falo pela Liderança do PDT neste momento.

“Sonhar com o impossível e o inalcançável e realizar ações concretas no horizonte do possível, até que o sonho vire realidade.”

A meu ver, esta é a frase que melhor sintetiza a vida e a obra do Advogado, Promotor de Justiça, Deputado Estadual, Deputado Federal, Ministro da Justiça, Primeiro-Ministro, Senador, Governador de Minas Gerais, Presidente eleito da República e estadista da democracia brasileira Tancredo de Almeida Neves, hoje lembrado, com admiração e saudade, na passagem de seu centenário.

Nada ilustra tão bem este ponto quanto alguns trechos luminosos da correspondência mantida entre Juscelino Kubitschek e Tancredo em plena escuridão do regime autoritário, quando o primeiro, cassado e perseguido pela ditadura militar, amargava saudades da Pátria amada no exílio europeu, e o segundo, Deputado pelo MDB de Minas Gerais, trilhava, com mineira paciência, o estreito e pedregoso caminho da oposição consentida em um Congresso Nacional fustigado pelo arbítrio e amordaçado pela censura.

Quatro meses depois do golpe de 1964, que logo roubaria o mandato senatorial outorgado pelo povo goiano a JK, escreveu Tancredo essa verdadeira profissão de fé e de esperança na vocação democrática do Brasil:

“Sinto que se aproxima do fim o eclipse que nos envergonha diante das nações civilizadas e que já está à vista o dia em que iremos restaurar o clima de dignidade democrática por que anseiam todos os brasileiros, com a revisão das brutais iniquidades que maculam nossa história política.”

Na verdade, Sr. Presidente, muito tempo – mais precisamente, 21 anos – ainda passaria até a chegada do novo amanhecer, protagonizado exatamente por Tancredo Neves, ao derrotar o candidato da ditadura na última eleição presidencial indireta, via Colégio Eleitoral, o que possibilitou a restauração do poder civil.

Nesse longo e árduo intervalo, ao lado de bravos companheiros de caminhada, como Ulysses Guimarães, Franco Montoro e Teotônio Vilela, Tancredo brindou a Oposição e a sociedade brasileira em geral com seu exemplo altaneiro de firmeza estratégica e flexibilidade tática. Firmeza no compromisso inabalável com o objetivo maior da redemocratização e do fim do autoritarismo. Flexibilidade na compreensão lúcida das ameaças e oportunidades trazidas por uma conjuntura política sempre mutável, a despeito do desejo dos tiranos de sempre, que é o de congelar o tempo histórico, a fim de eternizarem-se no poder.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Parlamentares, firme e intransigente já havia se mostrado Tancredo naqueles trágicos dias de agosto de 1954, quando, jovem Ministro da Justiça de Getúlio Vargas, não desertou



do seu posto e permaneceu ao lado do Chefe do Governo, arrostando a escalada golpista que culminaria com o suicídio do Presidente e fundador do trabalho brasileiro.

Taticamente flexível, ensinaria ele, mais tarde, a colegas oposicionistas impacientes ou desesperançados e a uma opinião pública acuada e descrente pela brutalidade do regime de 1964, que em cada pequena vitória de hoje devemos procurar as sementes de conquistas maiores no futuro.

Tancredo estava certo. Quando o regime militar entrou na sua segunda década, foram ficando cada vez mais expostas suas limitações e fissuras internas, abrindo caminho para o fim da censura aos principais órgãos de imprensa, a grande vitória eleitoral dos candidatos emedebistas ao Senado no pleito de 1974 e o fim do Ato Constitucional nº 5 durante o Governo Geisel; a aprovação da anistia e a volta das eleições diretas aos governos estaduais durante o Governo Figueiredo.

Convicto de que a política é a arte do possível e que a persistência na meta final é a chave para se atingir o impossível, Tancredo não desanimou nem mesmo em face da derrota da emenda Dante de Oliveira restabelecendo as eleições Diretas Já para Presidente da República em 25 de abril de 1984.

Percebeu que o saldo da mobilização popular, acumulado até aquela data nos comícios pelas Diretas em todas as capitais do País, com participação popular sempre crescente, não poderia ser – como de fato não foi – perdido. Foi, sim, redirecionado para o alvo do Colégio Eleitoral, onde finalmente o objetivo estratégico da redemocratização se concretizou com a sua consagração como primeiro Presidente Civil da República depois de 2 décadas de autoritarismo.

A essa meta histórica, sintonizada com as mais legítimas e profundas aspirações nacionais, Tancredo Neves não hesitou sequer em sacrificar a própria vida, recusando-se a procurar tratamento para a doença que, havia tempo, o consumia, temeroso de que a revelação dessa fragilidade viesse a ser aproveitada pelos inimigos da redemocratização.

Por isso, qual Moisés do Brasil moderno, levou o País à terra prometida da democracia, sem que, no entanto, lhe coubesse a ventura de também nela entrar.

Sr. Presidente, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Congressistas, ao aproximar-me do final de minha homenagem a esse estadista que foi uma das maiores dádivas da generosa civilização mineira à história contemporânea do nosso País, pergunto como Tancredo encararia e avaliaria a evolução política nacional neste quarto de século seguinte à sua eleição e ao seu doloroso desenlace, ele que sempre exerceu sua brilhante vocação política no

sentido de servir o povo, jamais de servir-se do público em proveito privado.

De um lado, tenho certeza de que contemplaria com orgulho a continuidade da sua obra, consubstanciada nas 5 eleições presidenciais diretas realizadas desde então, refletindo a vontade soberana do povo brasileiro na sua busca por liberdade, desenvolvimento econômico e justiça social. Ficaria feliz com o amadurecimento progressivo de nossa gente, que nos quadros do estado de direito que ele nos ajudou a reconquistar mostrou-se capaz de apoiar seus governantes eleitos na luta vitoriosa contra a hiperinflação, pela implantação de um marco sólido para a responsabilidade fiscal e pelo resgate de amplos setores sociais historicamente marginalizados e relegados a uma condição de miséria sem esperanças, graças a políticas públicas de grande alcance, como o Bolsa Família, entre outras.

De outro lado, porém, é preciso admitir que Tancredo Neves se desapontaria – e muito – com as inúmeras situações em que as liberdades jurídicas pelas quais ele batalhou tão incansavelmente foram desvirtuadas para assegurar a impunidade de criminosos de todos os tipos: desde o responsável pelo assassinato monstruoso do menino João Hélio até os corruptos que roubam com o maior descaramento o suado dinheiro do contribuinte destinado à educação das nossas crianças e dos nossos jovens, aos hospitais dos nossos doentes, à modernização e à melhor remuneração das nossas forças de segurança, à pavimentação das nossas estradas – e assim por diante.

Daí por que acredito que a maneira mais digna e sincera de cultuar a memória de Tancredo de Almeida Neves consiste em buscarmos a inspiração no seu exemplo, a fim de fazer tudo ao nosso alcance para combater esses males do presente, de forma a fortalecer nossas esperanças no futuro.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – Após o brilhante pronunciamento do Senador Jefferson Praia, convido para usar da palavra o Senador Valdir Raupp, que representa a Liderança do PMDB no Senado Federal.

Informo ao Senador Eduardo Suplicy que estamos seguindo a ordem. Está na Bandeira Nacional “Ordem e Progresso”.

**O SR. VALDIR RAUPP** (PMDB – RO. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Senadores, já dizia Fernando Pessoa que *“tudo vale a pena, se a alma não é pequena”*. A alma de Tancredo com certeza era muito grande, pois ele foi um homem de coração puro e de alma limpa.

Sr. Presidente, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Senadores, não me escaparia, jamais, o dever cívico e histórico de asso-



ciar-me aos demais colegas neste momento solene de justa homenagem ao ex-Presidente Tancredo Neves em seu centenário de nascimento.

Ao cultivar a discrição, o poder de articulação e o respeito às regras democráticas, sua trajetória política permanece como modelo exemplar de homem público, inspirando promissores projetos de vida pública na juventude brasileira.

Acima de qualquer distinção partidária e ideológica, a memória histórica de Tancredo Neves congrega amigos e adversários em um ambiente de saudade e de admiração. Não por acaso, com a presença do nobre Ministro das Comunicações, Hélio Costa, colega do Senado Federal, foi lançado ontem, em Belo Horizonte, selo comemorativo em celebração ao seu nascimento. E o PMDB não poderia estar ausente.

Na mesma linha comemorativa, Minas Gerais prestará merecida e gigantesca homenagem a Tancredo com a inauguração, amanhã, em Belo Horizonte, da nova sede do Governo do Estado com o nome do ex-Presidente, obra projetada por Oscar Niemeyer. Aliás, no mesmo dia, reabre em São João del Rei, completamente reformulado e com o patrocínio de empresas privadas, o Memorial Tancredo Neves.

Sr. Presidente, vale salientar que, na visão dos historiadores e analistas políticos, a morte súbita do Presidente Tancredo Neves, em abril de 1985, constituiu um dos mais insuperáveis traumas nacionais no recente período da redemocratização. Primeiro Presidente civil após o golpe militar de 1964, desempenhou papel crucial no delicado processo de transição democrática, erguendo pontes e alianças essenciais para a harmonização dos ânimos daquela conturbada época. E isso exigia muita competência política.

Lembro, Sr. Presidente, que, em 1984, candidato a Prefeito na pequena cidade de Rolim de Moura, em Rondônia, eu já usava a imagem de Tancredo – Tancredo que já lutava pelas Diretas Já; Tancredo que já se lançava candidato no Colégio Eleitoral. Posso dizer, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Senadores, que o Presidente Tancredo Neves, mesmo não tendo ido ao meu Município, me ajudou muito na vitória que obtive naquela eleição, ao derrotar outros 5 candidatos com mais votos do que todos eles juntos. Tenho certeza de que Tancredo, em espírito, estava lá e muito me ajudou na eleição.

Tancredo nasceu em São João del Rei no dia 4 de março de 1910. No amadurecimento da carreira política, ganhou destaque como integrante do gabinete ministerial de Getúlio Vargas – no período democrático – e ocupou o cargo de Primeiro-Ministro no curto período parlamentarista que o Brasil teve, no início dos anos 60, no Governo de João Goulart. Mais tarde, no Congresso Nacional, ocupou com distinção cadeira nobre

tanto na Câmara dos Deputados quanto no Senado Federal. Governador de Minas Gerais eleito diretamente pelo voto popular, instaurou um ambiente de protesto contra o regime autoritário, na companhia de outros ilustres homens do velho MDB. Vejam a coragem de Tancredo: Governador de um Estado importante, travou uma batalha contra a ditadura, contra o regime de exceção, ao lado de figuras ilustres, como Ulysses Guimarães, Teotônio Vilela e tantos outros.

Reconhecido como político conciliador e hábil articulador, ele ocupava o cargo de Governador de Minas pela segunda vez quando se lançou candidato à Presidente da República. Foi eleito pela via indireta no Colégio Eleitoral. Seria o sucessor do general João Baptista de Figueiredo, o último representante da dinastia de militares que se sucederam no poder desde 1964, e havia enorme expectativa em torno do Governo que chefiaria.

Lamentavelmente, às vésperas da posse em 15 de março de 1985, ainda praticamente compondo seu Ministério, foi acometido de uma infecção generalizada que o levaria à morte 31 dias depois. O Brasil chorou, Sr. Presidente, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Senadores! Eu também chorei. Aliás, pergunto: quem não chorou, quem não se comoveu com a morte de Tancredo?

Assumi o seu Vice-Presidente eleito, o nobre Senador José Sarney, que ficou encarregado da árdua tarefa de dar continuidade ao processo brasileiro de redemocratização, que culminou na retomada da eleição direta para Presidente da República em outubro de 1989.

O Presidente Sarney foi muito importante para a redemocratização do País e para transição democrática após a morte de Tancredo. Tancredo sonhou com a redemocratização do País, com as eleições diretas. Infelizmente, não pôde pilotar e concretizar esse grande projeto, mas aqueles que o seguiram o fizeram.

Em suma, Sr. Presidente, transcorridos 25 anos e 5 mandatos presidenciais, a memória dos 50 anos da carreira política do Presidente Tancredo Neves parece cada vez mais reduzida ao período de transição democrática, quando participou da campanha pelas Diretas Já e, em seguida, foi ao Colégio Eleitoral. No entanto, como bem ressaltam alguns especialistas, o legado de Tancredo deve estar acima de tudo associado à imagem de um intransigente defensor da ordem e dos princípios democráticos.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

Muito obrigado. *(Palmas.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – Após o brilhante pronunciamento de Valdir Raupp, que representou a Maioria na Casa, concedo a palavra ao nobre Senador Eduardo Suplicy.

S.Ex<sup>a</sup>, com sua maneira de ser, educada, é o primeiro orador do Partido dos Trabalhadores nesta sessão solene em comemoração ao centenário de nascimento de Tancredo Neves.

**O SR. EDUARDO SUPLICY** (PT – SP. Sem revisão do orador.) – Prezados Presidente, Senador Mão Santa, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores, eu hoje muito aprendi e me senti em confraternização com os pronunciamentos tão belos, feitos a respeito do ex-Presidente Tancredo Neves, que pode ser considerado um dos gigantes da construção da democracia brasileira.

Pude ouvir especialmente o Presidente José Sarney; os Governadores Aécio Neves, neto de Tancredo Neves, que nos deu um depoimento muito bonito, de extraordinário conteúdo e emoção mesmo, porque foi um neto que, ao mesmo tempo, tinha enorme proximidade com o avô; era como que seu principal assessor em momentos tão importantes de sua vida. Ouvi também os pronunciamentos do Governador José Serra, do Senador Pedro Simon, do Senador Eduardo Azevedo, do Deputado Rafael Guerra, do nobre Senador e sobrinho de Tancredo Neves, Deputado Francisco Dornelles, e tantos outros. Todos nos brindaram com depoimentos muito bonitos, que fazem com que tenhamos o registro de uma memória de fatos tão significativos que representaram a vida e o denodo de Tancredo Neves, a fim de que o Brasil se aperfeiçoasse como uma Nação democrática em que os objetivos de realização de justiça e de fraternidade pudessem se tornar realidade o quanto antes.

Acredito que tenha sido o Líder do PSDB que aqui registrou que o Partido dos Trabalhadores ainda não havia se pronunciado. Mas, sim, nós fazemos questão de também homenagear o Presidente Tancredo Neves. Inclusive, eu aqui falo em meu nome, mas também no do Líder Aloizio Mercadante, que ontem foi submetido a uma cirurgia. Felizmente S.Ex<sup>a</sup> está bem. Mas gostaria de dizer que falo aqui em nome também do Líder Aloizio Mercadante nesta homenagem a esse grande homem e ser humano.

Claro, é necessário que eu aqui registre um fato histórico, pois fui eleito Deputado Federal em 1982, compondo a primeira bancada do Partido dos Trabalhadores. Éramos 8; o nosso Líder era o Deputado Aírton Soares. E nós, então enfrentamos uma grande dificuldade, porque havia sido o Partido dos Trabalhadores justamente aquele que, podemos dizer, praticamente iniciou a campanha das Diretas Já, com o grande comício realizado diante do Estádio Municipal do Pacaembu, na Praça Charles Miller, em novembro de 1983.

Aquele comício foi um sucesso. E foi realizado inclusive no mesmo dia em que havia falecido Teotônio Vilela, que, naquele comício, foi objeto de uma home-

nagem do então Senador Fernando Henrique Cardoso que, há pouco, havia assumido no lugar do Governador Franco Montoro. Então, naquele dia, ele fez um pronunciamento, muito bonito e aplaudido, em homenagem ao Teotônio Vilela, que tivera tamanha participação na campanha pela democratização do País.

E eis que a campanha pelas Diretas Já ganhou grande força. Houve os enormes comícios da Praça da Sé, do Anhangabaú, da Candelária, e conforme o Senador Inácio Arruda comentou, comícios em todas as cidades brasileiras, principalmente nas capitais. Eu participei de muitos desses comícios, em Londrina, Curitiba, no Rio de Janeiro e em tantos outros Estados.

Mas aconteceu que, em 25 de abril de 1984, não alcançou o número suficiente de votos no Congresso Nacional a Emenda Dante de Oliveira, que restabeleceria as eleições diretas. Então, surgiu o grande dilema: deveríamos nós, do PT, que tanto havíamos nos empenhado pelas eleições diretas, participar do Colégio Eleitoral?

E houve até uma divisão entre nós, 8 Parlamentares. Aírton Soares, Bete Mendes e José Eudes avaliaram que deveriam participar do Colégio Eleitoral, mas eu, Djalma Bom, Irma Passoni, Luiz Dulci, José Genoíno – logo mais lembrarei do outro -, decidimos que não era o caso. E resolvemos numa convenção nacional do Partido dos Trabalhadores realizada em Diadema, onde aqueles Parlamentares defenderam que votássemos. Avaliamos que deveríamos respeitar a decisão majoritária, e largamente majoritária, do partido, uma vez que, tendo lutado tanto para que houvesse a eleição direta, então, resolvemos não participar.

Ainda há poucos dias o cineasta Sílvio Tendler me perguntou, para um documentário a respeito: o que é que você faria se tivesse, por acaso, perdido Tancredo Neves no Colégio Eleitoral para o então Deputado Paulo Maluf, que era o candidato da ARENA? Eu disse: olha, eu lutaria para que tivesse zero dias de gestão, porque me empenharia para que não houvesse a possibilidade de um Presidente senão eleito diretamente pelo povo.

Mas eu quero dizer do meu respeito e admiração por Tancredo Neves. Eu próprio tive oportunidade aqui no Congresso Nacional – ele era Senador – de transmitir a opinião sincera que nós do PT tivemos.

Gostaria aqui de enaltecer e dizer o quanto aprendemos, hoje, com todos os depoimentos tão bonitos sobre esse grande brasileiro.

Então, meu sincero abraço a todos os familiares, amigos e parentes, e a todos os mineiros, em especial, porque também considero Tancredo Neves um dos maiores exemplos que podemos seguir na construção e no aperfeiçoamento de nossa democracia.

Muito obrigado. *(Palmas.)*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – O Partido dos Trabalhadores foi bem representado por este que, sem dúvida alguma – excluindo o Presidente Luiz Inácio – é o maior líder do seu partido, Eduardo Suplicy, que chegou ao Congresso com quase 9 milhões de votos. É a população da pátria mãe, Portugal. Então, o PT foi bem representado nesta solenidade.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – Convido agora para fazer uso da palavra, como representante do PTB, esse extraordinário Senador da República que representa São Paulo e sua grandeza, Romeu Tuma.

**O SR. ROMEUTUMA** (PTB – SP. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Parlamentares, Senadora Marisa Serrano, saiba V.Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente, que eu disse que entregaria meu pronunciamento por escrito e o fiz, atendendo a apelo do Líder Tasso Jereissati no sentido de que diminuíssemos o número de oradores. Mas faço uso agora da palavra, por alguns minutos apenas, para falar um pouco sobre Tancredo Neves.

Eu convivi com ele quando fiz a sua segurança no Instituto do Coração, em São Paulo. Quando ele lá foi internado, a Diretoria do hospital me chamou para cuidar da segurança, em razão do acúmulo de populares que se aglomeravam em frente do hospital.

Foi uma coisa emocionante e talvez perversa para a população brasileira que via em Tancredo a grande esperança para consolidar a democracia em nosso País, tendo em vista que luta que tinha desenvolvido na campanha das Diretas Já não tivera êxito, mas que aceitara disputar a eleição no Colégio Eleitoral.

Não sei se a Senadora Marisa Serrano estava ouvindo, mas no pronunciamento feito por um Deputado foi dito que Tancredo tinha afirmado, como se fosse um decreto, mesmo sem ainda ter assumido a Presidência, que não haveria mais eleições indiretas no Brasil. Esse foi o primeiro decreto que, como Presidente da República, ele baixou antes de tomar posse, isso porque, de direito, ele tomou posse por um decreto especial, baixado em sua homenagem.

Decidi dar o meu pronunciamento como lido foi porque me emocionei muito. Quando Fafá de Belém cantou o Hino Nacional, eu me lembrei de que ela era a musa das Diretas Já. O que mais me emocionou, porém, foi a jovem que, com a linguagem de LIBRAS, traduziu o Hino Nacional. Era como se alguma coisa abraçasse um ente que não estava presente, o espírito de Tancredo Neves. Os movimentos que ela fazia com as mãos eram de carinho e de abraço a um ente querido. Se naquele momento fosse ler o meu discurso, provavelmente não chegaria nem à metade dele. Por isso, resolvi dá-lo como lido.

Praticamente, a história se repete. E o que podemos falar é sobre momento que vivemos, uma parte dessa história perante a pessoa homenageada.

Certo ocasião, fui convidado por Tancredo Neves para receber, em Ouro Preto, a Comenda Tiradentes. Lá estive e conversei muito com ele. Tancredo também me convidou para almoçar, em nome do Governo do Estado de Minas Gerais. Os fatos políticos evoluíram com muita rapidez, renunciando o final do Governo revolucionário e o início de uma nova etapa, com democracia. Tancredo me chamou para ir ao Palácio Tiradentes, como convidado do Governo, para conversar um pouco sobre vários fatos de que tínhamos conhecimento.

Mas, a coisa mais amarga por que passei foram aqueles vinte e poucos dias, permanentemente, no hospital. O jovem Aécio Neto, o Francisco Dornelles e o Antônio Britto, Assessor de Imprensa, comunicavam à população o que acontecia a cada hora no hospital e o sofrimento de Tancredo, operado 7 vezes no INCOR.

Fui ao Aeroporto de Congonhas buscar um médico intensivista que veio dos Estados Unidos a pedido da família. A família não negou nenhum tipo de assistência para tirar daquele estado o Presidente Tancredo Neves. Esse médico realizou vários procedimentos; colocou pulmão artificial e outros aparelhos, trouxe a temperatura do Presidente Tancredo Neves para baixo. Depois de alguns dias, ao levá-lo ao aeroporto, perguntei-lhe sobre a recuperação do Presidente Tancredo Neves. Ele me disse que poderíamos prolongar a vida de S.Ex<sup>a</sup> por meio de aparelhos artificiais, mas que de nada adiantaria, porque apenas Deus sabia como o organismo do Presidente iria responder. Aqueles palavras ficaram marcadas em mim.

Então, quando Antônio Britto anunciou oficialmente ao País a morte do Presidente eu já sabia, porque estava na sala do diretor do hospital quando um dos médicos veio comunicar que, infelizmente, Tancredo havia falecido.

O cortejo fúnebre, o sentimento das pessoas foi algo impressionante. Durante todo o trajeto, milhares de pessoas aplaudiam o carro de bombeiros que carregava, sob a Bandeira brasileira, o caixão de Tancredo Neves. Nunca vi na minha vida manifestação popular tão envolvente! Palmas seguidas de lágrimas.

É claro que já haviam acertado que o Vice-Presidente José Sarney assumiria a Presidência da República, mas Tancredo representava a esperança do povo na redemocratização do País. Nenhum de nós deixou de chorar naquele instante. E as lágrimas demonstravam que a alma do brasileiro, naquele instante, sofria pela falta que S.Ex<sup>a</sup> poderia a fazer.



Sr. Presidente, nada mais tenho dizer. Peço a V.Ex<sup>a</sup> que dê como lido meu pronunciamento, que é histórico, como o de vários outros oradores que aqui se manifestaram. Eu não poderia deixar de testemunhar sobre os vários dias em que fiquei perto de Tancredo Neves e de sua família, vendo a agonia e o sofrimento de sua esposa, de seu neto Aécio, de seu sobrinho Francisco Dornelles e todos aqueles que o cercavam.

Muito obrigado, Sr<sup>a</sup>. Presidenta. (*Palmas.*)

*Durante o discurso do Sr. Romeu Tuma, o Sr. Mão Santa deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pela Sra. Serys Slhessarenko, 2ª Vice-Presidente-CN.*

**A SRA. PRESIDENTA** (Serys Slhessarenko. PT – MT) – Muito obrigada, Senador Romeu Tuma.

#### **PRONUNCIAMENTO ENCAMINHADO PELO ORADOR**

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores, estamos reunidos solenemente para exaltar o centenário de nascimento e lembrar os 25 anos da morte de um político liberal e conciliador por excelência e que considero autêntico exemplo de honradez, retidão de caráter, fidelidade à democracia e devoção à liberdade.

*“Mineiros, o primeiro compromisso de Minas é com a liberdade!”* – esta é uma das frases marcantes que compõem o acervo de exortações produzidas pela experiência e sabedoria do nosso homenageado e que retratam seu espírito libertário.

Lembrar fatos históricos que já estão sendo ou serão descritos nesta tribuna pode tornar-se enfadonho e repetitivo. Todavia, se realmente desejamos prestar merecida homenagem a essa figura ímpar de nossa história, não há como deixar de mencionar, ainda que sucintamente, pontos marcantes de sua vida, toda ela atrelada à evolução política do País e aos interesses do nosso povo. Tanto isso é verdade que, eleito para a Presidência da República e mesmo sem haver tomado posse, pois faleceu às vésperas, Tancredo Neves figura, para todos os efeitos legais, na galeria dos que foram ungidos pela Nação brasileira como seu Supremo Magistrado, conforme determina a Lei nº 7.465, de 21 de abril de 1986, elaborada em sua homenagem.

Advogado, nascido na cidade de São João del Rei, Estado de Minas Gerais, em 4 de março de 1910, Tancredo bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Belo Horizonte, em 1932. Iniciou a carreira política no Partido Progressista – PP, por cuja legenda foi eleito Vereador de São João del Rei (mandato de 1935-1937). Elegeu-se Deputado Estadual (1947-1950) e Deputado Federal (1951-1953) na legenda do Partido Social Democrático – PSD.

De 25 de junho de 1953 até o suicídio do Presidente Getúlio Vargas, exerceu o cargo de Ministro da Justiça e Negócios Interiores. Novamente eleito Deputado Federal (1954-1955), foi diretor do Banco de Crédito Real de Minas Gerais (1955) e da Carteira de Redescontos do Banco do Brasil (1956-1958). Assumiu a Secretaria de Finanças do Estado de Minas Gerais (1958-1960). Com a renúncia de Jânio Quadros e a instauração do regime parlamentarista, tornou-se Primeiro-Ministro (1961-1962). Eleito Deputado Federal em 1963, com a extinção dos partidos políticos e a decretação do bipartidarismo pelo AI-2, de 27 de outubro de 1965, ingressou no MDB, tornando-se um dos seus mais destacados líderes. Reelegeu-se Deputado Federal seguidas vezes de 1963 a 1979.

Senador pelo MDB em 1978, com a volta do pluripartidarismo, fundou o Partido Popular – PP e, nesta legenda, continuou a exercer seu mandato (1979-1982). Ingressou no PMDB e elegeu-se Governador de Minas Gerais (1983-1984). Em virtude da derrota da Emenda Dante de Oliveira, que propunha a realização de eleições diretas para Presidente da República em 1984, foi lançado candidato à Presidência por uma coligação de partidos de oposição reunidos na Aliança Democrática, tendo como Vice o Senador José Sarney.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores e Deputados, entre tudo o que pesquisei para poder falar sobre Tancredo Neves com propriedade, creio que os textos existentes na Wikipédia, por muitos considerada como a melhor enciclopédia livre na Internet, são os mais precisos e abrangentes. Vou, por isso, reproduzi-los naquilo que acho pertinente e merecedor de figurar nos Anais do Congresso Nacional.

Tendo José Sarney como Vice, Tancredo de Almeida Neves foi eleito Presidente da República pelo Colégio Eleitoral em 15 de janeiro de 1985. Na véspera de tomar posse, em 14 de março daquele ano, precisou ser internado em estado grave, e o Vice-Presidente José Sarney assumiu o cargo. Submetido a 7 cirurgias – 2 em Brasília e 5 em São Paulo -, morreu no dia 21 de abril de 1985, na capital paulista. Presenciei a comoção que se apoderou imediatamente de milhares de populares aglomerados à frente do hospital, de onde a multidão aflita não arredara pé durante dias e noites precedentes. Cenas de desespero sucederam-se no momento em que o féretro deixava o hospital, e repetiram-se, em seguida, ao longo de todo o trajeto percorrido pelos despojos sobre um carro do Corpo de Bombeiros.

A eleição de Tancredo marcou o rompimento de quase 21 anos de regime militar iniciado em 31 de março de 1964. A chapa de Tancredo e Sarney, denominada Aliança Democrática, foi formada após a



derrota da emenda Dante de Oliveira neste Congresso, em abril de 1984, que previa eleições diretas para Presidente da República.

Tancredo de Almeida Neves foi casado com a Sr<sup>a</sup>. Risoleta Guimarães Tolentino, com quem teve 3 filhos. Recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Coimbra. Era chamado por seus próximos por “Doutor Tancredo”. É avô de Aécio Neves, atual Governador de Minas Gerais.

De ascendência portuguesa e austríaca, Tancredo era filho de Francisco de Paula Neves e Antonina de Almeida Neves, transferiu-se para Belo Horizonte, após concluir os estudos em sua cidade natal e na capital mineira. Ingressou na Faculdade de Direito, onde se revelou simpatizante da Aliança Liberal, que levou Getúlio Vargas ao poder com a eclosão da Revolução de 1930.

Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, tendo exercido o cargo de promotor público.

Durante a República Velha fez oposição a Artur Bernardes, sendo um antibernadista. São João del Rei era uma das poucas cidades em que Bernardes não ganhava.

Foi lançado na política pelo líder municipal Augusto Viegas, ao qual sempre devotou gratidão.

Quando perguntado, pela revista *Pasquim*, sobre os partidos políticos aos quais pertenceu, explicou que escolheu partidos políticos como todos fazem em Minas Gerais, “*por questões municipais*”.

Filiado ao Partido Progressista, um partido surgido após a revolução de 1930, Tancredo não pôde viabilizar sua candidatura a Deputado Estadual, em 1934, mas, em 1935, foi eleito Vereador em São João del Rei, chegando à Presidência da Câmara Municipal, assumindo a Prefeitura interinamente.

Filiou-se ao Partido Nacionalista Mineiro – PNM, depois de extinto o Partido Progressista. Decretado o Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, teve extinto o mandato de Vereador, o que o fez retornar à advocacia. Também exerceu por algum tempo a profissão de empresário do setor têxtil.

Com a redemocratização do Brasil, em 8 de abril de 1945 foi criado o Partido Social Democrático – PSD, que, em Minas Gerais, estava sob o controle de Benedito Valadares, empossado Governador em 15 de dezembro de 1933 e nomeado interventor estadual em 4 de abril de 1935.

A deposição de Getúlio Vargas em 29 de outubro daquele ano abriu caminho para as eleições de 2 de dezembro quando foram escolhidos o Presidente da República e os membros da Assembleia Nacional Constituinte, que promulgaria a nova Carta Magna bra-

sileira em 18 de setembro de 1946. Uma vez em vigor a nova Constituição, foram realizadas eleições em 19 de janeiro de 1947 para Governador de Estado e para eleger os demais membros do Congresso Nacional, assim como para compor os Legislativos Estaduais.

Nesse cenário, Tancredo Neves foi eleito Deputado Estadual pelo PSD, de Benedito Valadares, sendo designado Relator da Constituição Estadual mineira. Findos os trabalhos constituintes, assumiu a liderança de sua bancada e comandou a oposição ao Governo de Milton Campos, da União Democrática Nacional – UDN, que havia chegado ao Palácio da Liberdade após uma cisão no PSD mineiro.

Em 1950, foi eleito Deputado Federal e viu o aliado Juscelino Kubitschek ser eleito Governador ao derrotar o situacionista Gabriel Passos. Em 1953, havendo a vaga de Ministro da Justiça, que caberia a um Deputado do PSD mineiro, JK e Getúlio acordaram na indicação do nome de Tancredo. Tancredo licenciou-se do mandato e exerceu o cargo de Ministro da Justiça a partir de 25 de junho de 1953.

Entregou o cargo de Ministro quando do suicídio de Getúlio Vargas semanas após o início da crise política que culminou com um atentado contra o jornalista Carlos Lacerda e que resultou na morte do Major da Aeronáutica Rubem Florentino Vaz.

Segundo consta nos arquivos da Fundação Getúlio Vargas, Tancredo recebeu das mãos do próprio Vargas a carta-testamento que seria divulgada por ocasião da morte do político gaúcho.

Benedito Valadares, JK e Getúlio foram seus principais mestres na política.

Fiel à memória do antigo mandatário da Nação, fez-se opositor do Governo de João Café Filho e articulador da candidatura de Juscelino Kubitschek à Presidência da República em 1955. Tancredo não disputou a reeleição para Deputado Federal, em 1954, por não ter-se desligado do Ministério em tempo hábil. Foi nomeado presidente do Banco de Crédito Real de Minas Gerais pelo Governador Clóvis Salgado da Gama, substituto legal de JK quando este renunciou para concorrer à Presidência da República em 31 de janeiro de 1955.

No ano seguinte Juscelino Kubitschek nomeou Tancredo para uma diretoria do Banco do Brasil, cargo que deixou em 1958 ao ser nomeado Secretário de Fazenda do Governo de Bias Fortes, fato que o impediu de disputar as eleições legislativas daquele ano.

Em 1960 foi derrotado por Magalhães Pinto na disputa pelo Governo de Minas Gerais. Pouco mais de 1 mês após a eleição, foi nomeado presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico – BNDE,

precursor do atual BNDES, sendo demitido nos primeiros meses do Governo Jânio Quadros.

Após a renúncia do Presidente Jânio Quadros em 25 de agosto de 1961, Tancredo articulou a instalação do parlamentarismo, evitando que João Goulart fosse impedido de assumir a Presidência por um golpe militar. Como Primeiro-Ministro entre 7 de setembro de 1961 e 26 de junho de 1962, logrou êxito parcial na sua meta para pacificar os ânimos políticos nacionais. Foi obrigado a renunciar, junto com vários Ministros, para poder se candidatar às eleições seguintes para o Congresso Nacional.

De volta à Câmara dos Deputados, manteve o apoio ao Governo João Goulart até que o mesmo fosse deposto em 31 de março de 1964. Extinto o pluripartidarismo, foi convidado a ingressar na ARENA, oferta polidamente recusada em razão da presença de adversários seus da UDN, especialmente José de Magalhães Pinto, na agremiação situacionista, a ARENA.

Opositor moderado do regime militar de 1964, logo procurou abrigo sob a legenda do MDB, sendo reeleito Deputado Federal em 1966, 1970 e 1974. Em sua atuação parlamentar evitou criar atritos com o Governo e personificou uma vertente moderada da Oposição, não se negando, inclusive, ao diálogo com as forças situacionistas, postura contrária àquela adotada pelo autodenominado Grupo Autêntico do MDB.

Em 1978 foi eleito Senador por Minas Gerais e, com a reforma política empreendida pelo Presidente João Figueiredo, aglutinou os moderados do MDB e da ARENA em torno de si (inclusive Magalhães Pinto) e fundou o Partido Popular em 1980, sendo eleito presidente da nova agremiação.

No ano seguinte defendeu a incorporação do PP ao PMDB, em face de dificuldades criadas pelas regras eleitorais a serem aplicadas nas eleições de 1982, e com isso foi alçado como vice-presidente nacional do PMDB, em 1982, e, nesse mesmo ano, eleito Governador de Minas Gerais, após uma renhida disputa com o candidato Eliseu Resende, do Partido Democrático Social – PDS. Fundamental para sua eleição foi o apoio do seu Vice-Governador Hélio Garcia, profundo conhecedor dos pequenos municípios mineiros.

Renunciou ao mandato de Senador poucos dias antes de assumir o Palácio da Liberdade, sendo substituído por Alfredo Campos, e nomeou o Vice-Governador Hélio Garcia para a Prefeitura de Belo Horizonte. Mesmo à frente de um cargo executivo Tancredo não abandonou sua postura conciliatória, o que lhe garantia um bom trânsito junto ao Governo Federal. Renunciou ao Governo do Estado, em 14 de agosto de 1984, para concorrer à Presidência da República.

Tão logo foram empossados os Governadores eleitos em 1982, começaram os debates em torno da sucessão do Presidente João Figueiredo, e a ausência de um nome de consenso nas hostes do PDS denotava fissuras na agremiação governista, pois já em sua mensagem de fim de ano o Presidente da República abdicou de coordenar os debates em torno do assunto e remeteu a questão ao partido. Nisso, surgiram nomes como os do Vice-Presidente Aureliano Chaves, do Ministro do Interior Mário Andreazza, do Senador Marco Maciel e do Deputado Federal Paulo Maluf, cada qual trazendo consigo uma porção considerável do PDS.

A Oposição, por sua vez, agiu de maneira diversa ao inserir em sua agenda o restabelecimento das eleições diretas para Presidente da República, sendo que o primeiro ato dessa campanha ocorreu no Município pernambucano de Abreu e Lima, em 31 de março de 1983, dia em que o regime vigente completava 19 anos. Convocada por políticos do PMDB, a manifestação havida no Nordeste resultou em um manifesto divulgado em São Paulo em 26 de novembro do mesmo ano, quando os 10 Governadores da Oposição (9 do PMDB e 1 do PDT) exigiam o restabelecimento das eleições diretas para Presidente da República.

No dia seguinte, um comício pró-Diretas se realizou na capital paulista, reunindo 10 mil pessoas, após uma convocação feita pelo PT, fato que se repetiria entre janeiro e abril de 1984, num evento que passaria à história como o movimento das Diretas Já, frustrado pela rejeição da emenda Dante de Oliveira em 25 de abril de 1984, apesar de a proposta contar com um apoio significativo dentro do próprio PDS. Contudo, nem mesmo esse fato arrefeceu os debates em torno da questão sucessória.

Após um acordo firmado entre o PMDB e a dissidência Frente Liberal do PDS, ficou estabelecido que Tancredo Neves seria o candidato a Presidente. José Sarney, ex-filiado da ARENA, deixa o PDS para se filiar ao PMDB. Seria o candidato a Vice-Presidente.

Tancredo foi lançado candidato por ser aceito por grande parte dos militares e tido como moderado. Na área militar foi decisivo o apoio do ex-Presidente Ernesto Geisel. Essa moderação, porém, era alvo de críticas do PT, que não aceitava o Colégio Eleitoral. Sobre a própria moderação, Tancredo dizia: *“Se é mineiro não é radical, se é radical não é mineiro!”*

A chapa Tancredo-Sarney foi então oficializada, e assim os oposicionistas foram às ruas para defender suas propostas em comícios tão concorridos quanto os da campanha pelas Diretas Já. Saudado como candidato da conciliação, Tancredo Neves foi eleito Presidente da República pelo Colégio Eleitoral, numa terça-feira, 15 de janeiro de 1985, recebendo 480 vo-

tos contra 180 dados a Paulo Maluf e 26 abstenções. A maioria dessas abstenções era de Parlamentares do Partido dos Trabalhadores, partido este que expulsou de seus quadros os Parlamentares que, desobedecendo a orientação do partido, votaram em Tancredo Neves: Foram expulsos do PT: a Deputada Federal Beth Mendes e os Deputados Federais Aírton Soares e José Eudes.

A vitória de Tancredo foi entusiasticamente recebida pela população e é tida ainda hoje como uma das mais complexas e bem-sucedidas operações políticas da história política do Brasil.

Assim que foi eleito, Tancredo fez um giro internacional, encontrando-se com vários Chefes de Estado, para conquistar apoio à sua posse, considerada incerta.

Tancredo havia se submetido a uma agenda de campanha bastante extenuante, articulando apoios do Congresso Nacional e dos Governadores Estaduais e viajando ao exterior, na qualidade de Presidente eleito da República. Vinha sofrendo de fortes dores abdominais.

Aconselhado por médicos a procurar tratamento, teria dito: *“Façam de mim o que quiserem, depois da posse”*.

Tancredo temia que a chamada “linha dura” se recusasse a passar o poder ao Vice-Presidente. Acreditava que só deveria anunciar a doença no dia da posse, quando já estivessem em Brasília os Chefes de Estados esperados para a cerimônia, o que tornaria mais difícil alguma ruptura política. Porém, a sua saúde não resistiu. Sentiu fortes dores abdominais sequenciais durante uma cerimônia religiosa no Santuário Dom Bosco. Foi internado às pressas no Hospital de Base de Brasília. Ao primo Francisco Dornelles, indicado à época para assumir o Ministério da Fazenda, Tancredo afirmara que só aceitaria se submeter à cirurgia se tivesse garantias de que Figueiredo iria empossar o Vice-Presidente José Sarney.

José Sarney assumiu a Presidência em 15 de março, aguardando o restabelecimento de Tancredo. Existia grande tensão na época devido à possibilidade de uma interrupção na abertura democrática em andamento. Caso Sarney não assumisse, poderia ser empossado em seu lugar o então Presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, do PMDB. O grande risco era que ocorresse um retrocesso, já que na época os setores políticos radicais tentavam desestabilizar a redemocratização.

Devido às complicações cirúrgicas ocorridas, o estado de Tancredo agravou-se e ele precisou ser transferido, em 26 de março, para o Hospital das Clínicas de São Paulo. Durante todo o período em que ficou inter-

nado, Tancredo sofreu 7 cirurgias. No entanto, em 21 de abril, mesma data da morte de Tiradentes, faleceu, vítima de infecção generalizada, aos 75 anos.

Houve grande comoção nacional, especialmente porque Tancredo Neves seria o primeiro Presidente civil desde 1964. O Brasil, que acompanhara tenso e comovido sua agonia, promoveu um dos maiores funerais da história nacional. Calculou-se na época que, entre São Paulo, Brasília, Belo Horizonte e São João del Rei, mais de 2 milhões de pessoas viram passar o esquife. *Coração de Estudante*, uma canção do cantor mineiro Milton Nascimento, marcou o episódio na memória nacional.

O epitáfio que o Presidente eleito previra certa vez numa roda de amigos, em conversa no Senado, não chegou a ser gravado na lápide, em São João del Rei. Diria: *“Aqui jaz, muito a contragosto, Tancredo de Almeida Neves”*.

Em Março de 2008 a sepultura de Tancredo foi violada e a peça de mármore da parte superior do túmulo foi quebrada.

Neste ano, transcorre o centenário de nascimento de Tancredo Neves, evento comandado por seu neto e Governador mineiro Aécio Neves. Em 10 de março de 2010, foi lançado um selo comemorativo do centenário de nascimento do ex-Presidente. O evento fez parte de uma série de homenagens até a data da morte desse expoente da política, lembrado como político conciliador e hábil articulador.

Devido aos diferentes diagnósticos divulgados desde a primeira internação – isto é, apendicite, diverticulite e infecção hospitalar -, a doença de Tancredo foi alvo de polêmicas, seguidas de especulações quanto à existência de um tumor benigno do tipo leiomioma. Essa falta de clareza nas informações se explica pela situação política da época. Segundo depoimento do Governador de Minas Gerais, Aécio Neves – neto e então secretário particular de Tancredo -, e também do historiador e ex-Ministro Ronaldo Costa Couto, temia-se que a verdade impedisse a posse de José Sarney.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores e Deputados, por força das circunstâncias e às vezes até por obrigação funcional, presenciei grande parte dos fatos históricos que acabo de expor. Portanto, posso afirmar, como testemunha ocular, que a vida de Tancredo Neves representa importante período de nossa história pátria. Mesmo que ele não nos houvesse legado seu exemplo de dedicação à coisa pública, só essa rara correspondência histórica, já justificaria, em minha opinião, esta solene e justa homenagem que o Poder Legislativo nacional lhe presta.

Sr. Presidente, era o que eu desejava comunicar.



Muito obrigado.

**A SRA. PRESIDENTA** (Serys Slhessarenko. PT – MT) – Com a palavra o Senador Mão Santa.

**O SR. MÃO SANTA** (PSC – PI. Sem revisão do orador.) – Senadora Serys Slhessarenko, que preside esta sessão em homenagem ao centenário de nascimento de Tancredo Neves; Parlamentares presentes; brasileiras e brasileiros aqui no plenário do Senado e que nos assistem pelo sistema de comunicação.

Demóstenes é o nome do grande orador grego. Depois disseram que havia Cícero, e Cícero disse para nunca falar depois de um grande orador. Já falaram grandes oradores. Pedro Simon superou até Cícero e Demóstenes – que era gago e que já é superado pelo nosso Demóstenes, que é a cara da lei e da justiça, que bradava Ruy Barbosa.

Então, eu serei breve.

Li a biografia de Winston Churchill, Gilvam Borges e Demóstenes. Diz a biografia que Winston Churchill fez 8.848 discursos. De Tancredo Neves, não tenho essa informação, deve ter feito por aí. Estamos com aquele discurso dele que é tido como o melhor da sua carreira política. O Senado, numa inspiração de Antônio Carlos Magalhães, publicou em 2 volumes, em CD, *Grandes Momentos do Parlamento Brasileiro*, em que foram analisados os melhores pronunciamentos.

Foi escolhido esse de Tancredo Neves, embora saibamos, Mário Couto -, que vale muito mais pelo exemplo. O exemplo arrasta. Palavra sem exemplo é, como disse Antônio Vieira, o Padre, um tiro sem bala. O exemplo de vida que Tancredo deu foi se imolar pela democracia.

Quero reviver o maior discurso de Tancredo, pelos analistas do Congresso. Foi no dia 24 de setembro de 1976, numa sessão em que se homenageava Juscelino Kubitschek. Eu repetiria alguns trechos, que Juscelino, Tancredo e Tiradentes são um só no idealismo. O que ele diz aqui para Juscelino pode ser dito a ele hoje. A mesma homenagem que ele fez a Juscelino, eu a transfiro a ele próprio, cuja vida se iguala à de Juscelino e à de Tiradentes, os maiores vultos de Minas e, com certeza, do Brasil.

Então, ele diz:

“Sr. Presidente, Deputado Célio Borja, meus colegas, meus senhores e minhas senhoras, no elogio fúnebre de De Gaulle, no seu inimitável Quando os Carvalhos Abatem, o gênio literário de Malraux nos narra cena simples e comovente que presenciou, quando, em Colombey-les-Deux-Églises, era dado à sepultura o corpo do grande herói francês. Uma fila de fuzileiros navais, eretos e firmes, apresentava armas ao cortejo que desfilava,

contendo uma multidão que atrás deles se apinhava. Eis que do meio dela se destaca uma mulher do povo, uma camponesa de xale preto, humilde e triste, que, dirigindo-se a um daqueles militares, com voz ativa e enérgica, reclamou: ‘Por que não me deixam passar?’ – ‘A ordem é para todos’, foi a resposta.

Malraux, que assistia ao diálogo, pousou a mão no ombro do marinheiro e ponderou: ‘Deixa-a passar. O general ficaria satisfeito. Ela fala como a França’.”

E ele sentindo, então, que Juscelino era esse homem como Charles De Gaulle, um homem do povo e da sua história.

Grifei só alguns tópicos, Senadora Serys Slhessarenko, onde há aplausos à voz de Tancredo Neves, no melhor discurso da sua história.

Então, ele diz:

“...ao Presidente, ao servidor do povo, ao amigo de todos, que horas antes a morte tragicamente nos arrebatara.”

“Houve em cada lar uma prece, em cada alma uma lágrima, em cada oração um voto de pesar e de saudade.

É que Juscelino Kubitschek de Oliveira pertencia àquela estirpe do herói de Sófocles na Antígona. Não viera para participar o ódio, viera para distribuir o amor.”

“...até chegar aos sonhos de liberdade de Tiradentes e Frei Caneca...”

Então, ele diz que Juscelino era esse símbolo. E ele, que era franciscano, Senadora Serys Slhessarenko, era devoto de São Francisco. O nosso São Francisco andava com a bandeira *Paz e Bem*. Tancredo andava com a sua bandeira **Libertas Quæ Sera Tamen**. E esta era a sua vida.

Para ver o caráter dele – atentai bem -, em uma homenagem à Presidenta, que é mulher, e a todas as mulheres, neste discurso que relembro, o melhor discurso de Tancredo, em despedida a Juscelino Kubitschek, eu busquei, para ser breve, uma homenagem à delicadeza com que ele tratava a mulher.

Juscelino Kubitschek sendo homenageado. Vejam a sutileza e a inteligência dele, que conhecia Juscelino Kubitschek, irmão íntimo, irmão camarada dele. Ele diz assim:

“Sr. Presidente, Srs. Deputados, seja-me permitido, antes do término desta oração que os sentimentos me vão ditando e que pronuncio por honrosa delegação da Direção Nacional do Movimento Democrático Brasileiro, que eu



quebre, de leve, o protocolo solene desta magna e histórica sessão da Câmara dos Deputados para dirigir uma palavra à Excelentíssima Senhora Dona Sara Kubitschek de Oliveira...” (Palmas prolongadas.)

Olhem como ele, Tancredo, tratava as mulheres.

“...que nesses dias tristes nos surpreende com as resistências espartanas do seu espírito. O preclaro Presidente Juscelino Kubitschek, estilista primoroso como prosador e orador, nunca, ao que me conste, em qualquer fase da sua vida, buscou no ritmo e na rima a expressão de suas emoções. Sei, porém, que talvez o único verso de sua lavra ele o compôs para a sua consorte e incomparável companheira no esplendor e no tormento, e o fez esculpir numa placa que, em sua homenagem e reconhecimento do muito que dela recebera de encorajamento, ternura e amor, afixou na sua fazenda de Luziânia. É singelo e de emocionante beleza: Solar de Dona Sarah, que, com exemplar dignidade foi Primeira Dama de Belo Horizonte, de Minas, do Brasil, e é desta Casa.” (Palmas.)

Ele foi buscar na sua homenagem fúnebre o amor que ele tinha à sua companheira.

Então, nossas palavras de gratidão.

A primeira vez que o vi foi no Piauí. Quando era Governador, Hugo Napoleão o levou lá e liderou a sua campanha, que o fez Presidente da República.

Represento aqui o Partido Social Cristão e, numa distinção, 2 mineiros que mereceram a Presidência: pela lei, o Vice-Presidente Costa e Silva – por direito Presidente, não exerceu -, e Tancredo Neves, por direito eleito Presidente da República. Imolou-se. Deus o chamou.

Ó Tancredo, que com certeza é santo, abençoe Minas, o nosso Piauí e o Brasil! (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTA** (Serys Slhessarenko. PT – MT) – Obrigada, Senador Mão Santa.

**A SRA. PRESIDENTA** (Serys Slhessarenko. PT – MT) – Saúdo os militares estrangeiros aqui presentes. Sejam muito bem-vindos ao Senado da República.

**A SRA. PRESIDENTA** (Serys Slhessarenko. PT – MT) – Com a palavra a Senadora Marisa Serrano e, logo após, os Senadores Alvaro Dias e Heráclito Fortes.

**A SRA. MARISA SERRANO** (PSDB-MS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr<sup>a</sup>. Presidenta, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Parlamentares, usar a palavra nesta sessão especial é imperativo do qual não poderia me furtar. Celebrar os 100 anos de nascimento de uma figura ímpar na história da República brasileira, como

é o caso de Tancredo de Almeida Neves, é obrigação que executamos com prazer, na certeza de estar cumprindo um dever cívico que a todos engrandece.

Não me preocuparei em destacar aspectos da trajetória histórica do nosso homenageado. Outros já o fizeram, certamente com o brilho que eu não lograria ultrapassar. Penso, todavia, que a extraordinária presença de Tancredo Neves no cenário político nacional, dos anos 1930 à primeira metade da década de 1980, oferece-nos inúmeras possibilidades de análise de uma personalidade tão rica em princípios, atitudes e coerência.

É nessa perspectiva que gostaria de homenagear Tancredo Neves, optando por enfatizar o sentido de esperança que sempre marcou sua experiência de homem público. Sentimento de esperança que, como nunca antes e diferentemente do que poderia ter ocorrido com outros personagens, se expressou quando da conclusão do processo de transição do regime militar ao poder civil.

Para entender o papel que coube a Tancredo Neves desempenhar em momentos cruciais de nossa história, é necessário conhecer as características definidoras de sua atuação na vida pública. Afinal, que princípios e valores nortearam a trajetória política desse mineiro de São João del Rei?

Em primeiro lugar, registre-se sua crença na democracia como valor universal e inegociável. Longe de se traduzir em mero objetivo tático na luta política, a democracia era para Tancredo a culminância de um processo evolutivo da sociedade, razão de ser da atividade política e a condição indispensável ao exercício da liberdade. Por isso, sendo coerente do princípio ao fim, ele nunca emprestou seu apoio a regimes de força, jamais hipotecando solidariedade a autoritarismo de qualquer espécie.

Tancredo Neves concebia a política como o instrumento natural e legítimo para a consecução do bem comum. Daí sua arraigada convicção de que o fazer político pressupõe, requer e exige, antes e acima de tudo, a vocação para o diálogo. Desse modo, atuar no cenário político implicaria, em sua visão, capacidade de ouvir o outro, de conviver com ideias contrárias e de ter a humildade para mudar os próprios conceitos.

Não por outra razão Tancredo Neves se constituiu, no período republicano, na mais perfeita expressão do político conciliador. Mas atenção: nele, a ideia de conciliação jamais se confundiria com ausência de princípios a defender. Antes, a existência desses princípios é que garantiria o debate em elevada dimensão, do qual decorreriam as soluções para as questões mais relevantes.

Justamente por assim acreditar é que Tancredo sempre optou por construir pontes em detrimento de muros.

Justamente por assim agir é que Tancredo granjeou junto à sociedade brasileira o respeito devido a quem, sem negar as diferenças, opta por enfatizar pontos de convergência.

Todavia, há que ressaltar uma verdade: em Tancredo, conciliação não rima com omissão. Nele, prudência e moderação jamais poderiam ser confundidas com temor e covardia. Sem o radicalismo que, em geral, pode encantar plateias mas se mostra estéril, Tancredo sempre agiu com destemor e firmeza.

Não há contexto de crise na República brasileira, de 1954 a 1985, em que Tancredo Neves tenha se omitido. Ao contrário, em todos eles se fez presente, sempre buscando encontrar saídas legítimas e democráticas. Assim, insurgiu-se contra o golpe em marcha contra o Presidente Vargas, em 1954; defendeu a posse do Presidente legitimamente eleito, em 1955, JK de saudosa memória; esteve na linha de frente para impedir o golpe contra a posse de João Goulart em 1961; jamais apoiou o regime discricionário instaurado em 1964; e, que ninguém se esqueça, somente após derrotada a Emenda das Diretas aceitou comparecer ao Colégio Eleitoral como candidato opositorista à Presidência da República.

Aí está, Sr<sup>a</sup>. Presidenta, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Parlamentares, aquela que talvez tenha sido a principal marca da vida pública de Tancredo Neves: por ter sempre “combatido o bom combate”, por ter se postado à frente da luta pela democracia e pela prevalência da liberdade em todas as ocasiões, por acreditar na conciliação como forma de superar divergências e fazer avançar o amadurecimento político da sociedade brasileira, ele passou a representar, para a imensa maioria da população, a esperança de tempos melhores para a Nação.

Essa percepção popular não aconteceu por acaso. Uma vida inteira de doação à causa da liberdade e da justiça social fez de Tancredo Neves uma espécie de estandarte de um Brasil que poderia superar mazelas históricas, vencer abjetas desigualdades e eliminar iniquidades sociais, edificando uma Nação justa, solidária, democrática e livre.

Tancredo Neves foi isso. E, felizmente, os brasileiros o entenderam como tal. Daí a comoção nacional em torno do calvário a que foi submetido por longos dias. Sua morte inesperada representava, naquele momento, mais que o desaparecimento físico de um líder, a derrota momentânea da monumental esperança nutrida em torno de uma Nova República para um Brasil que se renovava na espera de dias melhores.

Esse é o Tancredo que ficou para todos nós, cuja memória hoje celebramos. Dele ficou o exemplo de dignidade pessoal, de patriotismo sincero e de elevada compreensão acerca do papel da política na vida da sociedade. Desprovido dos arroubos que inebriam palanques, mas que são inconsequentes na ação, supera a firmeza de princípios, a lealdade nas atitudes e o compromisso com a verdade.

Por isso, ele foi grande.

Por isso, ele se eternizou.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

**A SRA. PRESIDENTA** (Serys Slhessarenko. PT-MT) - Com a palavra o Senador Alvaro Dias.

**O SR. ALVARO DIAS** (PSDB-PR. Sem revisão do orador.) - Sr<sup>a</sup>. Presidenta, Senadora Serys Slhessarenko, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Parlamentares, ouvimos muitos discursos. Todos ressaltaram a vocação moderada, personificada pelo mineiro de São João del Rei, exercitando na plenitude sua capacidade de conciliar e negociar politicamente.

Destaco sobretudo sua vocação libertária, sua disposição de luta a favor da redemocratização do País.

Nos seus embates diários, como advogado, Promotor de Justiça ou como Vereador, Deputado Estadual, Federal, Primeiro-Ministro no Governo João Goulart, como Governador ou Presidente da República, Tancredo Neves travou árduas batalhas contra o autoritarismo e a ausência de liberdade.

Num discurso nos idos de 1982, ele dimensionava com exatidão o processo autoritário. Dizia Tancredo: “*O autoritarismo começa desfigurando as instituições e acaba desfigurando o caráter do cidadão*”. A ojeriza explícita ao autoritarismo está expressa no seu ideário: “*Para meu ideário político, o valor absoluto da vida é a liberdade. O paraíso, se estiver cercado, será sempre o inferno*”.

Sua luta não foi travada contra homens. Sua perspectiva de luta transcendia o mero personalismo da hora. Ele cunhou, entre tantos pensamentos e frases lapidares, sua visão exata nesse particular: “*Não são os homens, mas as ideias que brigam*.”

Aliás, faço um parêntese Tancredo Neves falava de improviso como se estivesse lendo, perfeição retórica imbatível.

A vocação democrática e sua fé inabalável no entendimento estão escritos em pronunciamento na convenção partidária de 1984, ao ser indicado oficialmente candidato à Presidência da República. Disse Tancredo: “*Nosso propósito é o de presidir um grande acordo nacional para a transformação do Brasil num país restaurado em sua honra, em sua riqueza e em sua dignidade*”.

Sua profissão de fé na democracia e no diálogo, exercida como um dos artífices da redemocratização, pode ser avaliada no discurso de despedida dessa Casa em 1983: *“União nacional, diálogo, entendimento, conciliação, trégua são nomes de um estado de espírito que se está formando na comunidade nacional”*. *“Os políticos existem para evitar que os impasses aconteçam”*. A maestria de Tancredo Neves demonstra que ele encarnava a figura exponencial do conciliador.

*“Tancredo, no dicionário dos nomes próprios, quer dizer conciliador, temporizador, paciente.”* Declaração do próprio Tancredo, em 1º de janeiro de 1985, ao saber que a primeira criança nascida no Rio de Janeiro tinha recebido seu nome.

A verve política do político engenhoso, cujo talento inigualável o distinguia como um articulador ímpar que jamais deixou de alimentar a fé e a esperança, está cunhada em muitos dos seus pensamentos. Ele costumava dizer que *“a esperança é o único patrimônio dos deserdados, e é a ela que recorrem as nações, ao ressurgirem dos desastres históricos”*.

Tancredo, articulador político. Lembro-me que era tão dedicado à articulação política que, quando um jovem Parlamentar assumia a tribuna da Câmara dos Deputados, Tancredo deixava o seu gabinete, sentava à frente e, ao final do discurso, dizia: *“Parabéns, eu vim aqui só para ouvi-lo”*. Era a forma de conquistar o jovem e de estimulá-lo.

A genialidade e a argúcia, muitas vezes acrescidas de uma pitada de refinada ironia, o distinguem entre uma geração de importantes políticos brasileiros.

Dizia Tancredo: *“Só examine a espuma depois que as ondas pararem de bater”*. E ironizando dizia: *“As fontes de todos os problemas são três: barra de ouro, barra de terra e barra de saia.”*

A visão apurada da realidade foi fruto de seu itinerário e da convivência estreita com as forças políticas dos mais variados matizes: *“Talvez, da minha geração, ninguém tenha convivido com mais intimidade com as grandes lideranças do País, ora do Governo, ora da Oposição, do que eu. Isso me possibilita uma visão muito mais ampla e muito mais exata dos problemas nacionais.”*

Sem negociar com o comodismo, Tancredo Neves decretou: *“Para descansar temos a eternidade.”* Ninguém foi mais incansável em prol do Brasil do que Tancredo Neves.

Eu presenciei o seguinte: às vezes, Senador Heráclito, em viagem, no avião pequeno, Tancredo fechava os olhos. Muitos imaginavam que ele estivesse dormindo. Não estava dormindo. Estava ouvindo e poupano suas cordas vocais.

A arte da negociação — que já foi denominada como “conjugação de um verbo irregular” — foi lapidada por Tancredo em cada episódio da vida política nacional. Sempre protagonizando o papel do grande articulador na busca de caminhos que conduzissem ao fim dos impasses, ele nos legou o sentimento da liberdade e do convívio pacífico entre os contendores na convergência do ideal democrático. Sua célebre frase *“o primeiro compromisso de Minas é com a liberdade”* ecoa por todo o Brasil como um brado de Nação que não se curva ao autoritarismo.

Tancredo Neves, como poucos, se entregou por completo, em detrimento da sua própria vida, ao serviço da Nação.

Muito obrigado, Srª. Presidenta. (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTA** (Serys Slhessarenko. PT-MT) - Muito obrigada, Senador Alvaro Dias.

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB-PA) - Srª. Presidenta, peço a palavra pela ordem.

**A SRA. PRESIDENTA** (Serys Slhessarenko. PT-MT) - Pela ordem, tem a palavra Senador Mário Couto.

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB-PA. Pela ordem.) - Srª. Presidenta, gostaria apenas de uma informação. Estou inscrito para a sessão ordinária. Terminando a sessão especial, haverá sessão ordinária?

**A SRA. PRESIDENTA** (Serys Slhessarenko. PT-MT) - Como não temos mais prazo para a sessão ordinária, será convocada uma extraordinária, e estará assegurada a sua inscrição.

**O SR. MÁRIO COUTO** (PSDB-PA) - Muito obrigado.

**A SRA. PRESIDENTA** (Serys Slhessarenko. PT-MT) - Com a palavra o Senador Marconi Perillo.

**O SR. MARCONI PERILLO** (PSDB-GO. Sem revisão do orador.) - Srª. Presidenta, Srªs. e Srs. Parlamentares, vivenciamos, no dia de hoje, uma homenagem simbólica carregada de muitos sentimentos de reconhecimento à estatura moral e à grande obra realizada por Dr. Tancredo Neves para a transição democrática e consolidação da democracia no Brasil.

Dr. Tancredo Neves foi importante para as liberdades e para o processo democrático brasileiro em diversos momentos cruciais, decisivos, históricos e de extrema dificuldade para o País. Hoje, podemos ouvir pronunciamentos do mais alto valor acerca da importância do Dr. Tancredo Neves para a consolidação democrática brasileira, entre os quais o discurso do Presidente Sarney, que cumpriu a missão estabelecida para o Dr. Tancredo Neves, além dos Governadores Aécio Neves e José Serra que ilustraram esta sessão especial.



Sr<sup>a</sup>. Presidenta, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Parlamentares, ao homenagear os 100 anos de nascimento do saudoso Presidente, Primeiro-Ministro, Senador, Deputado, Governador e acima de tudo político Tancredo de Almeida Neves, ousaria dizer que se o Dr. Tancredo fosse vivo estaria contente em ver realizado o seu propósito de garantir um grande acordo nacional para transformar o Brasil num país restaurado na honra, na riqueza, na dignidade e, sobretudo, na sua coesão.

O Brasil de hoje é uma democracia já amadurecida, uma nação livre, governada pelo império da lei e do Estado de Direito, como era o desejo de Tancredo Neves, expresso no trecho extraído de discurso datado de agosto de 1984, quando foi indicado oficialmente candidato a Presidência da República.

O Brasil de hoje é uma Nação com Constituição oriunda do coração de seu povo, um país em processo permanente de construção da dignidade cívica, da consciência democrática e, sobretudo, da sua cidadania, fundadas em sucessivos pleitos eleitorais, através da alternância de poder e da liberdade de expressão, dentre outras liberdades.

Passados 22 anos em que se tocou a alvorada da liberdade por meio da promulgação da Carta Constitucional de 1988, fruto da vigília corajosa dos homens que exorcizaram com sua fé os fantasmas da tirania, podemos dizer em memória de nosso homenageado: o Brasil está ao abrigo da democracia e não mais admite o tacho do autoritarismo, seja ele de que natureza for.

Podemos dizer também com profunda convicção que nossa geração política não levará consigo a imensa frustração que marcou a geração de Tancredo Neves, como ele mesmo expressou em entrevista no ano de 1977, já na luta pela volta das instituições democráticas ao nosso País.

Disse o Dr. Tancredo: *“A grande decepção da minha geração é que achávamos que a democracia estava definitivamente assegurada no País. Hoje, vemos que quem tinha razão era o Octávio Mangabeira, para quem nossa democracia era uma plantinha muito tenra”*.

Se podemos ter a certeza de ver enraizada a democracia no Brasil, devemos isso a homens da têmpera de Tancredo Neves, um democrata autêntico e virtuoso, cujos 75 anos de vida pública confundiram-se com a trajetória da construção da República brasileira no século XX.

O destino caprichosamente não quis que o Dr. Tancredo tomasse posse como Presidente da República, mas o Brasil sonhou e concretizou com esse ourives da negociação política a vitória do Muda Brasil no Co-

légio Eleitoral, passo fundamental para livrar a Pátria definitivamente do jugo da ditadura militar.

Os 38 dias de dor e agonia em que mergulhou nosso homenageado até falecer em 21 de abril de 1985 foram acompanhados por todos os brasileiros, que se compadeciam pelo herói da Nova República.

Todos nós lembraremos do Dr. Tancredo como um exemplo de quem soube, como poucos, tornar a política a ciência da conciliação, do entendimento e, principalmente, das possibilidades. Buscaremos sempre fonte de inspiração nesse mineiro de São João del Rei.

Como ele nos ensinou no discurso da vitória do Muda Brasil, referindo-se a Tiradentes: *“Se todos quisermos, poderemos fazer deste País uma grande Nação”*.

Eu me lembro como se fosse hoje, Sr<sup>a</sup>. Presidente Serys, quando eu estava na Praça Cívica, em Goiânia, estudante e militante da juventude do meu partido, tanto no comício das Diretas Já quanto no comício da campanha do Muda Brasil, comícios esses que transformaram a Praça Cívica da nossa querida Goiânia num verdadeiro mar de pessoas, de cidadãos ávidos por democracia e, principalmente, ávidos por liberdade.

Naquele discurso memorável, na campanha do Muda Brasil, Dr. Tancredo se referiu, mais uma vez, com o carinho que lhe era peculiar, ao nosso Estado, o que nos marcou para sempre.

Eu gostaria de, ao encerrar as minhas palavras, neste breve pronunciamento, lembrar-me daquelas palavras inaugurais do pronunciamento do Dr. Tancredo Neves. Ele dizia: *“Não sei se me sinto mais mineiro aqui, em Goiás, ou se mais goiano em Minas Gerais”*. Esse era o Dr. Tancredo, o doutor da arte da conciliação e da democracia.

Muito obrigado. (Palmas.)

**A SRA. PRESIDENTA** (Serys Slhessarenko. PT-MT) - Obrigada, Senador Marconi Perillo

**A SRA. PRESIDENTA** (Serys Slhessarenko. PT-MT) - Com a palavra o Senador Heráclito Fortes.

**O SR. HERÁCLITO FORTES** (DEM - PI. Sem revisão do orador.) - Sr<sup>a</sup>. Presidente, Srs. Congressistas, há quem diga que dentro de todo palácio - e nós estamos em um deles, que representa a democracia - os monstros, os espíritos vagam pelos seus corredores dia e noite: uns para trazer lembranças assustadoras; outros para rememorar e para trazer recordações que servem como lição para a história.

Tive a oportunidade de, durante toda esta manhã, ouvir um desfilar de depoimentos e testemunhos sobre o que representou Tancredo Neves para a democracia do meu Brasil.



Cheguei, Senadora Serys, em determinado momento, a achar que seria desnecessário o meu pronunciamento. Acho que, em homenagens como esta, deveria haver uma convenção ou um acordo onde apenas poucos falassem e que representassem, de maneira pontual, o espírito da homenagem e também o espírito do seu homenageado.

Diante do descumprimento desta regra, seria para mim justificável o silêncio. Eu tive a feliz oportunidade de acompanhar – como poucos que hoje aqui falaram, como poucos que aqui testemunharam – o que foi aquela saga coordenada por Tancredo e por Ulysses Guimarães.

Em um dos meus primeiros encontros em Brasília, porque conheci Tancredo ainda militando em política estudantil, em Pernambuco, ouvi dele e de Ulysses uma frase que carrego pela vida inteira, Senador Mário Couto, algo muito interessante: *“Fique certo de uma coisa, meu filho, você está chegando aqui agora e com certeza este Congresso, do qual você se empossa, neste instante, será bem pior do que o antecessor, do que o Congresso passado e bem melhor do que o Congresso futuro.”*

Hoje, eu vi que completando 25 anos, ou um pouco mais, 28 anos dessa frase, os dois estavam cobertos de razões. Quando nós tomamos posse – eu, no segundo mandato, uma vez que primeiro assumi na condição de suplente – foi exatamente em 1982. Não posso esquecer a euforia e a esperança que dominava todos aqueles empossados, que sabiam que o Brasil, naquele instante, estava vivendo a hora decisiva da grande virada no reencontro do País com a democracia.

Os corredores das 2 Casas, eu à época Deputado, eram impregnados pelo otimismo, eram impregnados pela fé e pela esperança. Tancredo interrompeu seu mandato de Senador por Minas Gerais para assumir o de Governador. Foi para Minas Gerais, mas teve a capacidade de continuar permanentemente com olhos voltados para Brasília e para o Congresso Nacional, deixando a todos nós a nítida impressão de que ele conseguia exercer simultaneamente a tarefa de Governador de Minas e a de Senador do Brasil.

A cruzada começou. O Senador Alvaro Dias, e vários aqui já falaram, falou das caminhadas pelo Brasil afora. Eu fiz muitas, não digo que fiz todas, mas fiz quase todas. No começo eram poucos os que acompanhavam, depois foi se avolumando, como a força das águas. Só que as águas quando se avolumam desproporcionalmente destroem. As forças que se avolumavam em torno de Tancredo eram exatamente forças para construir.

Esse amanhã, que hoje faz 25 anos exatamente, estamos comemorando e podemos dizer à Nação que valeu a pena.

Fazer esta homenagem a Tancredo sem citar alguns nomes, eu gostaria de pedir permissão a V.Ex<sup>a</sup> para que se não fosse cometida algumas injustiças. Não poderíamos deixar de citar Ulysses Guimarães que, por meio de uma emulação, que para os não tão próximos parecia uma disputa interna, mas na realidade era uma ocupação de espaço simetricamente calculado para evitar terceira ou quarta dissidências, sabia exatamente, dentro daquele partido – o partido de resistência nacional –, controlar os seus rumos e os seus caminhos.

Mas quero também dizer de uma pessoa que nos bastidores começou a crescer no início da campanha de Tancredo, que foi José Hugo Castello Branco, que depois veio a ser o seu Chefe da Casa Civil.

Ainda cito: Aluísio Alves; Olavo Setubal; Freitas Nobre, que foi hoje representando pelo seu filho; Carlos Santana; José Cardoso Alves; José Aparecido; Amaral Peixoto; Aureliano Chaves; Renato Archer, responsável pela postura das negociações entre alguns setores e, de maneira muito especial, a Marinha; José Richa; Fernando Henrique Cardoso; Franco Montoro; Gilberto Mestrinho; Iris Rezende; Jader Barbalho; Thales Rammalho, figura extraordinária; Renato Azeredo, hoje aqui representado pelo seu filho; e a figura emblemática de Teotônio Vilela; o Governador Hélio Garcia, que o sucedeu em Minas Gerais, quando renunciou o mandato para aventura-se àquela difícil candidatura à Presidente da República; Fernando Lyra, que desde o primeiro momento foi um elo permanente entre Tancredo e o Congresso Nacional.

É preciso que se faça justiça a 2 Governadores: Roberto Magalhães e Luiz Gonzaga Mota, este do Ceará. Foram 2 homens que tiveram no primeiro momento ato de coragem de romper com o Governo que fazia ameaças de truculência, mas que com a resistência desses dois autênticos representantes de dois importantes Estados nordestinos conseguimos quebrar algumas forças. E a partir daí a conquista de outros Governadores.

Ainda cito: o Senador José Agripino; Gerson Camata, Guilherme Palmeira; Bernardo Cabral; Mauro Salles; Afonso Camargo; Roberto Gusmão e Hugo Napoleão.

Mas quero também fazer uma menção, com muito prazer, à figura extraordinária do jornalista Mauro Santayana, uma espécie de confidente permanente de Tancredo Neves.

Hoje, Senador Romeu Tuma, ao ver aqui as pessoas usando da palavra, deu-me uma nostalgia de

saber que os que restam no Parlamento, dos que permanecem até agora são poucos, pelas minhas contas, menos de 10 Parlamentares. Dornelles aqui está, naquela época não era Parlamentar, mas já era um político atuante, porque vinha de uma experiência fantástica de secretário particular de Tancredo, quando Primeiro Ministro do Governo Goulart. Essa figura singular de Marco Maciel, que sempre foi uma pessoa para a qual Tancredo recorria para dirimir dúvidas, acima de tudo para aconselhamentos. Alvaro Dias, Senador da República.

E uma peça importante em todo esse xadrez, José Sarney, que terminou sendo o seu Vice-Presidente e, pelas circunstâncias e surpresa que a vida nos impõe, assumiu o Governo.

Portanto, Sr<sup>a</sup>. Presidenta, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores, esta homenagem que se presta a Tancredo Neves, 25 anos após a sua morte, é de justiça; é uma homenagem por tudo que Tancredo fez pela democracia do Brasil, pela sabedoria com que soube conviver com a diversidade, pela coragem que tinha de entremear sua vida pública entre Governo e Oposição.

Mas é preciso também que fique aqui o exemplo que ele deu de frutificar e de fazer prosperar o seu legado que hoje é exatamente testemunhado pela Nação inteira, na figura de seu neto e secretário particular Aécio Neves, que governa Minas Gerais.

Tancredo não fez oligarquia, Tancredo não governou com corriolas. Tancredo governou com estilo. Tancredo governou com sabedoria e acima de tudo com princípios. E a figura de Aécio é o resultado, em parte, de toda a sua luta.

Portanto, a homenagem que se presta hoje nesta Casa, tenho certeza, servirá para rememorar uma das fases mais bonitas que o Brasil viveu; e servirá, tenho certeza, para impregnar um pouco de remorso aqueles partidos que se recusaram e forçaram alguns dos seus filiados a não participar do Colégio Eleitoral, fazendo com que alguns fossem expulsos das suas fileiras por exigir participar daquele momento histórico, como José Eudes, Airton Soares e Bete Mendes. Faço esse registro apenas por dever e obrigação da história, que precisa registrar fatos dessa natureza.

No mais, Sr<sup>a</sup>. Presidenta, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Parlamentares, é só recordação. No mais, Sr<sup>a</sup>. Presidenta, senhoras e senhores, é tudo o que estamos vendo aqui; são exemplos de uma história que o Brasil viveu; são exemplos de uma história que dignifica todos os que dela participaram.

Tancredo Neves, juntamente com Ulysses Guimarães e outros aqui citados, foram os responsáveis pela transição democrática no Brasil, sem nenhuma gota de sangue, sem o registro de nenhuma violên-

cia pelo Brasil afora. O que se viu naquele momento foi uma verdadeira onda, uma avalanche de alegria e de esperança, evidentemente interrompida pelo seu martírio – sua doença e, por fim, sua morte. Mas até na morte Tancredo serviu de exemplo aos que ficaram, pelo seu legado e, acima de tudo, pela história que nos deixou.

Obrigado.

**A SRA. PRESIDENTA** (Serys Slhessarenko. PT – MT) – Obrigada, Senador Heráclito Fortes.

**A SRA. PRESIDENTA** (Serys Slhessarenko. PT – MT) – Com a palavra a Senadora Rosalba Ciarlini.

**A SRA. ROSALBA CIARLINI** (DEM – RN. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Sr<sup>a</sup>. Presidenta, Senadora Serys Slhessarenko, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Parlamentares, a respeito do Presidente Tancredo Neves, talvez pouco se possa acrescentar a quanto se tem dito, especialmente agora, quando sua honrada memória é mais uma vez reverenciada ao ensejo das comemorações do centenário do seu nascimento, a transcorrer precisamente amanhã, 4 de março.

Sua presença na história do Brasil foi e ainda é marcante, por sua lucidez política, dignidade pessoal e, notadamente, por sua enorme capacidade de despertar esperanças, esperanças que, certamente, não estão sepultadas no túmulo de São João del Rei.

Ao incorporarmos a justíssima homenagem que o Congresso Nacional presta a esse grande brasileiro, dirijo saudação toda especial a sua família e ao povo de Minas Gerais, na pessoa do ilustre Governador Aécio Neves, seu neto, que marcou presença nesta sessão de homenagem.

Volto meu pensamento, entretanto, às expectativas e anseios de todos os brasileiros que, seguindo os passos de Tancredo Neves desde sua pacífica mas intransigente luta contra o arbítrio, permaneceram a seu lado na campanha das Diretas Já, na resistência aos estertores do arbítrio, na vitória na última eleição indireta e, enfim, na comovente demonstração de união nacional em sua agonia e morte.

Não será excesso de conceito, Sr<sup>a</sup>. Presidenta, remarcar que aqueles dias de abril de 1985 estão definitivamente inscritos na crônica política brasileira como um grande sonho de esperanças, esperanças das quais o povo brasileiro, paradoxalmente vigilante, insiste em não desertar.

A prepotência da ditadura estava inoculando no sangue jovem dos brasileiros a frustração do medo e, pior, a insidiosa perversidade da indiferença e da acomodação.

Aos 75 anos, qual novo inconfidente, Tancredo Neves soube perceber a proximidade do abismo moral que destruiria a Nação, na mesma medida em que a

submissão à arrogância leva à geração de novos males pela força do próprio mal.

Esse Ghandi mineiro – sim, Ghandi mineiro! -, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Parlamentares, lançou contra esse mal a enorme força de seu patriotismo, sua clarividência política e, por fim, a compreensão de que a história dos brasileiros, desde os insurretos nordestinos contra os invasores, os desbravadores bandeirantes, os colonizadores do Sul, os conquistadores das fronteiras do Norte e do Oeste, os libertários mineiros. Toda essa história seria página virada na crônica do concerto das nações se permanecêssemos submissos ao arbítrio, ao terror, ao desânimo.

Daí seu silencioso grito de revolta, mas revolta pela paz e pela concórdia, harmonia de conceitos contrários, que só os grandes homens e as grandes mulheres sabem e podem lançar como desafio aos seus concidadãos e patrícios.

Por tudo isso, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Parlamentares, a referência que prestamos à memória de Tancredo Neves não é só motivo de comemorações, festa e júbilo. Sua memória não é para ser louvada apenas, é para ser assumida como compromisso ético de todos os brasileiros que naquele abril de 1985 não depositaram no generoso chão de São João del Rei apenas um brasileiro morto, pois ali fincaram, como emocionado acalanto cívico para o futuro, o berço de todas as nossas esperanças.

Era o que tinha a dizer nesta tarde.

Muito obrigada.

**A SRA. PRESIDENTA** (Serys Slhessarenko. PT – MT) – Obrigada, Senadora Rosalba Ciarlini.

**A SRA. PRESIDENTA** (Serys Slhessarenko. PT – MT) – Passo a Presidência ao Senador Mão Santa.

Usarei da palavra neste momento. Logo após, terá a palavra o Senador Cristovam Buarque e o último inscrito, Senador Casagrande.

*A Sra. Serys Slhessarenko, 2ª Vice-Presidente-CN, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Mão Santa.*

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – Chamamos à tribuna a Senadora Serys Slhessarenko, que representa o PT e o Estado de Mato Grosso, para sua homenagem ao centenário de nascimento de Tancredo Neves.

**A SRA. SERYS SLHESSARENKO** (PT – MT. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Parlamentares, vivemos em democracia há mais de 2 décadas e nem sempre nos lembramos de como foi difícil a conquista dessa liberdade e a superação da ditadura militar, que nos oprimiu por tanto tempo.

Podemos considerar como marcos da redemocratização o advento da Constituição de outubro de 1988 e, de modo menos positivista, a eleição, ainda que indireta, do primeiro civil a ocupar a Presidência da República em 20 anos, no ano de 1985.

Desde então, já tivemos 4 eleições presidenciais pelo voto direto. Apesar do percalço político e moral que nos levou ao **impeachment** de um Presidente eleito, o País enfrentou todas as tormentas sem ruptura institucional. Hoje, há toda uma geração de brasileiros já nascida sob o regime da soberania popular e que atingiu a idade para ter o direito ao voto. Uma geração que não traz no corpo cicatrizes da tortura, nem marcas da opressão na alma, mas que, infelizmente, também tende a tomar por pressuposto o Estado de Direito e a desconhecer os heróis que possibilitaram a conquista da democracia. É um dever de cidadania recordar os nomes dessas figuras de nossa história recente. Recordá-las e fazê-las conhecer aos jovens, que não viveram os tempos da tirania e do arbítrio.

Neste 4 de março celebramos o centenário de nascimento de um desses heróis da redemocratização, o Presidente Tancredo Neves. À maneira de um Moisés em Canaã, que morreu sem pôr os pés na Terra Prometida após haver conduzido seu povo através do deserto, Tancredo não chegou a tomar posse do cargo máximo da República, a que fora eleito na sequência de uma das mais arrebatadoras campanhas cívicas de nossa história. Internado de emergência na véspera daquele 15 de março que o consagraria, veio a falecer no feriado de Tiradentes, outro herói nacional oriundo das Minas Gerais, como Tancredo, e que lutou pela liberdade do Brasil.

Sim, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Parlamentares, como um Moisés, ao lado do Deputado Ulysses Guimarães e de outros líderes de oposição ao regime militar, Tancredo Neves conduziu a Nação brasileira para fora das trevas da ditadura e, no final, só pôde ter um vislumbre do amanhecer da democracia que obtivera para seu povo.

Fiel às tradições políticas e democráticas de sua Minas Gerais, Tancredo se lançou na luta contra as oligarquias que dominavam a República Velha, antes da Revolução de 1930. Perseguido mais tarde pelo Estado Novo, que lhe cassou o mandato de Vereador em São João del Rei, apesar de haver apoiado Getúlio Vargas em 30, precisou retornar à carreira de advogado, só retornando à política após a redemocratização de 1945.

Eleito Deputado Federal em 1950, acabaria sendo designado Ministro da Justiça por Getúlio Vargas, em seu mandato legal, que terminaria com os trágicos eventos de agosto de 1954.



Teria, aliás, sido Tancredo a receber, no Palácio do Catete, das mãos de Getúlio, a carta-testamento em que este condenava os militares e civis que conspiravam contra a democracia; golpistas que teriam tomado o poder naquela ocasião, não fosse o suicídio do Presidente, que mobilizou a população e adiou o golpe em quase 10 anos.

Tempos depois, quando da crise resultante da renúncia do Presidente Jânio Quadros, em agosto de 1961, foi Tancredo quem, para preservar a democracia ameaçada pelos mesmos golpistas, articulou a emenda constitucional que implantou o Parlamentarismo e permitiu que o Vice, João Goulart, assumisse o cargo, apesar da contrariedade dos militares e de integrantes do partido reacionário que os apoiava, a UDN.

No novo quadro institucional, foi Primeiro-Ministro até junho de 1962, quando se desincompatibilizou para concorrer a Deputado Federal. Do Congresso, apoiou Jango até a deposição deste pelo golpe militar de 31 de março de 1964. Com a proibição dos partidos políticos em 1966, e a criação das duas agremiações que os substituíram, Tancredo filiou-se ao Movimento Democrático Brasileiro, de oposição política ao regime.

Em 1982, nas primeiras eleições diretas a Governador de Estado desde 1965, elegeu-se para o Palácio da Liberdade com uma votação substantiva, que expressava o desejo popular pelo fim do regime de exceção.

Em 1984, como Governador de Minas, Tancredo Neves foi um dos articuladores do movimento Diretas Já, em defesa da aprovação da Emenda Constitucional Dante de Oliveira, que propunha a eleição direta para Presidente da República já no pleito seguinte. Derrotada a emenda, por não ter a votação atingido o *quorum* qualificado, passou a trabalhar por sua candidatura à Presidência.

As incertezas ainda eram muitas, e ninguém podia afirmar que os militares iriam aceitar as regras do jogo que eles próprios impuseram, no caso de seu candidato ser derrotado. Mas as habilidades conciliatórias de Tancredo Neves afastaram o fantasma do retrocesso. Ele conseguiu – e nisso também foi grande – convencer as forças da reação de que não partiria para o revanchismo e que faria uma transição pacífica.

Essa foi a principal razão pela qual a notícia de sua doença, que o impediria de assumir a Presidência, caiu como uma bomba nos meios políticos e culturais do País. As grandes perguntas, então, eram: Será que o delicado acordo que permitiu a aceitação de sua vitória no Colégio Eleitoral resistiria a sua saída de cena? Será que a posse do Vice seria aceita? A normalidade com que as coisas transcorreram foi a demonstração mais cabal de que a costura política feita por Tancre-

do era suficientemente forte e resistiria às pressões de todos os lados.

Se, como Presidente, o Senador José Sarney conseguiu pilotar a transição para a democracia, é porque, além de seus próprios méritos, teve a base da conciliação plantada por Tancredo Neves na articulação de seu Governo.

Muita história pode ser contada sobre a vida de um político que atuou por quase meio século sempre na defesa da soberania popular e do Estado de Direito. Nunca poderemos nos esquecer, por exemplo, das 5 semanas de agonia em que acompanhamos seu sofrimento, desde a véspera da posse até seu falecimento. Mas será por seu legado e seu exemplo democrático que Tancredo Neves haverá de ser lembrado no futuro, à medida que este País, sob democracia, consolide seus objetivos constitucionais de promoção da justiça e igualdade de oportunidades para todos.

Tancredo, que não viu atuar a Constituinte eleita em 1986 e nem pôde estar na Presidência para promulgar a Carta Cidadã de 1988, será, entretanto, para nós e para os pósteros, um dos patronos de nossa democracia.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – Convidamos, ainda, como orador inscrito, o Senador Cristovam Buarque e, por último inscrito, o Senador Renato Casagrande, quando encerraremos a sessão para iniciar outra.

O Senador Cristovam Buarque, do PDT do Distrito Federal, presta sua homenagem aos 100 Anos de Tancredo Neves, por 5 minutos.

**O SR. CRISTOVAM BUARQUE** (PDT – DF. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente Mão Santa, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Congressistas, é muito difícil, depois de 28 Senadores e outras personalidades falando, ter alguma coisa nova para dizer. Mas vou tentar dizer duas coisas novas, Senador Mão Santa.

A primeira é o compromisso e a sensibilidade de Tancredo Neves para com o Nordeste. Ao mesmo tempo, quero trazer aqui um nome que é preciso lembrar, sobretudo na minha relação com Tancredo Neves, pois passou por ele, que é hoje o ex-Deputado Fernando Lyra.

Foi Fernando Lyra, no dia da posse de Tancredo Neves, que coincidia com o dia da posse do Governador Franco Montoro e de todos os outros Governadores daquela geração, chegou para mim e disse: “*No lugar de ir à posse do Montoro, que simboliza mais que todo o nosso bloco de esquerda, eu vou à posse de Tancredo Neves, porque ele simboliza a possibilidade concreta da mudança do regime militar para o regime civil.*”



A partir daí, a relação entre os dois se fortaleceu, e foi essa relação que, poucas semanas depois da posse de Tancredo Neves, fez com que eu levasse ao Deputado Fernando Lyra, que de certa maneira coordenava a campanha, já iniciada então, de Tancredo pela via indireta, a ideia de que Tancredo poderia coordenar um projeto alternativo para o Nordeste, quase 40 anos depois do último projeto elaborado, ainda no Governo de Juscelino Kubitschek, pelo grande Celso Furtado.

Tancredo, graças a Minas, fazia parte da SUDENE. Tancredo era um pouco símbolo, por causa de Minas, do Brasil inteiro, porque Minas é uma síntese do Brasil.

Fernando Lyra levou-me para uma conversa com Tancredo Neves no Hotel Nacional. Conversamos, e eu disse a ele o que eu imaginava que devia ser hoje uma saída para o Nordeste, diferente daquela dos anos 50, e ele disse que organizaria um grupo para trabalhar uma proposta para o Nordeste. Eu saí e imaginei que nunca ouviria falar naquele assunto. Senador Tuma, no outro dia de manhã, eu estava na minha sala, na Universidade de Brasília, chamam-me para ir atender ao telefone. Era um funcionário da antiga VASP, dizendo que ele tinha uma passagem para eu ir a Belo Horizonte começar a trabalhar no projeto alternativo para o Nordeste, com um grupo, do qual eu fiz parte.

Elaboramos, preparamos um documento, que Tancredo Neves apresentou na última sessão do Conselho Diretor da SUDENE de que ele participou, que foi, como homenagem a ele, em Montes Claros. Esse documento está pronto, até hoje existe, foi publicado, em Minas Gerais, e eu creio que ainda está muito atualizado e merecia uma releitura por aqueles que querem uma saída para o Nordeste, não mais apenas querendo que o Nordeste copie, imite e reproduza lá em cima o que foi a industrialização de São Paulo, mas que procurem um novo caminho para quebrar a desigualdade regional que existe no Brasil.

Este é um lado que poucos, talvez, lembrem de Tancredo: o Tancredo preocupado com o Nordeste e o Tancredo que, numa noite, diz a um professor: “*Vamos fazer isso*”, e no outro dia já há uma passagem para começar a trabalhar na elaboração daquele projeto.

O outro aspecto, que não sei se alguém falou antes, é usar a homenagem ao centenário de Tancredo como exemplo para a juventude brasileira, exemplo do amor, do apego, da convicção das possibilidades da política – a juventude hoje não quer saber disso –, exemplo da habilidade, da tolerância com todos aqueles com os quais ele fazia algo, da persistência que ele teve nos diversos cargos em que ocupou.

Que nos lembremos de Tancredo, de tudo o que ele fez; todos o lembraram pela democracia, mas que lembremos dele como executor, como amigo do Nordeste e como exemplo para a juventude brasileira.

Era o que tinha a dizer nos exatos 5 minutos. (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – Nossos cumprimentos. Em tempo, quantitativamente, seu discurso pode ter sido pequeno, mas qualitativamente foi um dos melhores discursos nessa homenagem ao centenário de Tancredo Neves.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – Agora, está inscrito, como último orador, o Senador Renato Casagrande, que representa o PSB.

**O SR. RENATO CASAGRANDE** (PSB – ES. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Parlamentares, senhoras e senhores, acompanhei, na parte da manhã, a homenagem feita quando da inauguração do busto do ex-Presidente, ex-Governador, ex-Senador, Deputado Federal e Estadual, Vereador Tancredo Neves – 100 anos do seu nascimento. Acompanhei a abertura dessa sessão solene, muito concorrida, uma sessão que, na sua abertura, representou a história, a vida e a importância de Tancredo Neves para o Brasil.

Estou tendo oportunidade de me pronunciar para poder juntar aos arquivos do Senado esta homenagem. Não tive nenhuma chance de conviver com Tancredo Neves. Tive oportunidade de acompanhar sua vida pública, de viver parte da minha vida, na época, cursando Engenharia Florestal em Viçosa, no seu Estado, Minas Gerais, e tenho a oportunidade de conviver com o seu neto, o Governador Aécio Neves.

Todas as informações, todas as referências de quem conviveu com ele, das pessoas que tiveram a oportunidade de militar na política com ele são positivas, são referências que, de fato, puderam nos levar até este momento, prestando esta homenagem a ele.

Numa democracia como a nossa, com sua história republicana pontuada por momentos de regime autoritário, a presença de Tancredo Neves em boa parte do século passado foi marcante. Ele é conhecido e reconhecido como conciliador, sempre pregando o diálogo. Mas, quando precisou tomar posição, em hora nenhuma vacilou.

Quando, presente no Parlamento, se decidiu a indicação de Castello Branco para Presidente da República – de forma indireta –, posicionou-se contrário e não votou. Então, com toda a capacidade de conciliação, que o caracterizava, e de diálogo, ele também não ultrapassava o limite de sua conduta e prática.

Devemos prestar esta homenagem. Não há povo ou história que possa ser reconhecida se não houver líderes que sejam referências para o presente e o fu-

turo. Temos de ter sempre pessoas que possam se tornar espelhos para nossas condutas. Temos sempre de nos lembrar de figuras como Tancredo Neves, Ulysses Guimarães, Miguel Arraes, um defensor da democracia brasileira.

Esses e outros viveram o desafio de um momento de extrema anormalidade na vida da sociedade brasileira durante um período muito longo de governo militar e foram fundamentais para manter viva a esperança. Governar é sempre projetar esperança, criar ambiente para que as pessoas possam ter expectativa de que haverá dias melhores. Tancredo Neves nos deu essa oportunidade.

Com estas palavras, junto com o Senador Antônio Carlos Valadares, nosso Líder, que já se pronunciou, em nome do Partido Socialista Brasileiro e do seu Presidente, Eduardo Campos, presto nossas homenagens a essa pessoa que será eternamente reconhecida. Temos de preservar, enquanto estamos aqui militando, a dignidade e a capacidade de gerar referências para outras pessoas.

Sr. Presidente, agradeço esta oportunidade. Que possamos continuar homenageando Tancredo Neves como referência, sempre buscando o aperfeiçoamento da nossa democracia.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – Queremos cumprimentá-lo por cumprir exatamente o tempo previsto de 5 minutos. V.Ex<sup>a</sup> prestou uma das melhores homenagens do seu Estado e do seu partido a Tancredo Neves, pela passagem de seu centenário de nascimento.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – Encaminhamento de discursos.

Foram encaminhados discursos dos Parlamentares Marco Maciel, Roberto Cavalcanti, Renan Calheiros, Flexa Ribeiro, Rodrigo Rollemberg, Paulo Bornhausen e Henrique Eduardo Alves, que serão publicados no **Diário do Congresso Nacional**, na forma do disposto no art. 203, combinado com o art. 210, inciso I e o § 2º, do Regimento Interno do Senado Federal.

### **SÃO OS SEGUINTE OS DISCURSOS, NA ÍNTEGRA, ENCAMINHADOS À PUBLICAÇÃO**

**O SR. MARCO MACIEL** (DEM – PE. Sem apanhamento taquigráfico.) – O tributo que hoje prestamos à memória de Tancredo Neves, no centenário de seu nascimento, mais do que uma homenagem, é a celebração de uma vida dedicada à política brasileira, à causa da democracia e à vocação do homem público consagrado como estadista do porte daqueles que hoje tanta falta fazem ao País.

Deputado, Ministro, Governador e Presidente da República, cumpriu o glorioso destino de ser um dos mais relevantes e mais atuantes artífices da restauração democrática. Ele sofreu a pena do destino, que, ceifando-lhe a vida, o impediu de consumir a obra que coroou sua rica existência e o País de desfrutar de sua sabedoria e vasta experiência.

Mais do que uma traição do destino foi a predestinação que o colocou no torvelinho de 2 momentos dramáticos da vida pública contemporânea do País: o suicídio do Presidente Vargas, em 1954, de quem foi Ministro da Justiça, e as incertezas que viveu o País em 1985, em decorrência da doença que não permitiu sua posse no exercício do poder para o qual se havia preparado e finalmente conquistado.

As palavras que Getúlio Vargas escreveu em sua carta-testamento podem, e com toda razão, aplicar-se a Tancredo Neves, por que ele também saiu da vida para entrar na história, aureolado pelas contribuições que deu à política e à Nação.

O sentido de sua missão e o relevante papel que a história lhe reservou não serão lembrados nem descritos por mim que, com ele, Ulysses Guimarães e Aureliano Chaves, tive a honra de subscrever o último documento público de sua vida, o *Compromisso com a Nação*. Trata-se de um acordo político que materializou a Aliança Democrática, viabilizou sua eleição e concretizou a restauração da democracia no País.

Valho-me, Sr. Presidente, do testemunho do mais conhecido brasilianista, o historiador Thomas Skidmore, autor de tantas e tão relevantes obras sobre a vida institucional brasileira. O livro *Brasil, de Castello a Tancredo*, mais que sugestivo, é revelador da importância do relevante papel ao qual Tancredo sacrificou a própria vida.

Sua morte, indubitavelmente, marcou o fim de um ciclo, mas também significou um início de uma era que ainda hoje estamos vivendo e desfrutando. O capítulo VIII do livro de Skidmore leva o título esclarecedor a que o autor responde de forma veraz e competente: até onde a democratização dependeu da figura de Tancredo? Tanto quanto o brasilianista, somos todos nós, e o Brasil conosco, as testemunhas de que, sem sua colaboração, sem sua liderança, sem seu descortino e sem seu devotamento à causa da qual nunca desertou, não teríamos cruzado o Rubicão de nossas esperanças e desfrutado da Canaã de todos nós a democracia com a qual nunca deixamos de sonhar e a que, como Moisés, ele nos conduziu com discernimento, firmeza e serenidade.

A morte e o martírio de Tancredo Neves mobilizaram, sensibilizaram e traumatizaram o povo, como poucas vezes se viu no Brasil. Seu estoicismo alimen-

tou a expectativa das multidões ávidas pelo dia de sua recuperação que nunca chegou, e esperançosa pelo restabelecimento da saúde e pela cura da doença que o vitimou. Apesar da verdadeira frustração nacional que sua morte despertou, sua obra persistiu, sobreviveu e permanece marco indelével de nossa história e símbolo glorioso de sua luta.

O Ministério com que o então Vice-Presidente José Sarney iniciou a dura e desafiadora tarefa, não de sucedê-lo como Chefe do Governo, mas de substituí-lo naquela emergência, foi o escolhido por Tancredo, com o qual ele esperava governar. Os episódios que culminaram em 1985 com sua eleição e com nossa frustração não foram apenas resultantes dos acasos da política nem dos desígnios da Providência. Foram, sobretudo, marcos de passos gigantesco de que, sob sua liderança, deu a Nação, em busca de identidade tão dramaticamente perdida, num momento exacerbado de radicalização ocorrida em 1964.

Percorremos todos nós consignatários do *Compromisso com a Nação* o longo, áspero e desafiador caminho, através do qual foi possível conciliar a política com a Nação, e a Nação com suas históricas aspirações. O primeiro passo que nos permitiu concretizar em torno de ideais que nunca nos separaram havia sido dado dez anos antes da Constituição que hoje nos rege. Trata-se da Emenda Constitucional nº 11, de 13 de outubro de 1978, cujo artigo 3º representou a volta ao Estado de Direito, embora ainda não ao Estado de Direito Democrático:

“São revogados os Atos Institucionais e Complementares, no que contrariarem a Constituição Federal, ressalvados os atos praticados com base neles, os quais estão excluídos de apreciação judicial”.

Como Presidente da Câmara dos Deputados à época, coube-me a honra de subscrever, com os demais membros da Mesa e com o então Presidente do Senado Federal, o Senador Petrônio Portella e os outros dirigentes daquela Casa, o diploma legal resultante da Missão Portella. A morte prematura de Petrônio, como a de Tancredo, frustrou o que teria sido o seu promissor futuro de homem público.

Dez anos separaram a distensão lenta, gradual e segura a que se havia referido o Presidente Ernesto Geisel, no início do seu governo, da atual Constituição, o primeiro dos compromissos assumidos pelos signatários da Aliança Democrática. Os postulados do *Compromisso com a Nação* preconizavam “*urgente a necessidade de proceder-se à reorganização institucional do País*” e “*uma nova Constituição fará do Estado, das Leis, dos Partidos Políticos, meios voltados para a*

*realização do homem – sua dignidade, sua segurança e seu bem-estar*”.

De igual relevância foi a promessa do “*restabelecimento imediato das eleições diretas, livres e com sufrágio universal, para Presidente da República, Prefeitos das Capitais dos Estados e dos Municípios considerados estâncias hidrominerais, e dos declarados do interesse da segurança nacional*”. Preconizávamos ainda “*representação política de Brasília*”. E, em seguida, a “*convocação de Constituinte, livre e soberana, em 1986, para elaboração de uma nova Constituição*”, além do “*restabelecimento da independência e prerrogativas do Poder Legislativo e Poder Judiciário*”.

Em todas essas etapas da redemocratização finalmente restauradas, é possível identificar as ideias da pregação de Tancredo Neves, desde a campanha das Diretas Já que anos antes tinha empolgado o Brasil.

Sr. Presidente, nesse compromisso surgiram o pluripartidarismo, o acesso democrático ao rádio e à televisão, o fortalecimento da Federação, a permissão para coligações partidárias, a adoção de medidas de emergência contra a fome e o desemprego. Da convergência dos ideais claros, límpidos e assumidos expressamente pelos signatários do histórico documento, nasceu a Nova República, um difícil e desafiador período premido por 2 enormes obstáculos: a inflação, que derruba não só sonhos e ideais, mas sobretudo esperanças e promessas, e uma onerosa dívida externa, que comprometia a própria estabilidade política, institucional e econômica do País.

Coube ao então Senador José Sarney, candidato a Vice-Presidente, indicado da Frente Liberal, ao lado de Tancredo Neves, candidato a Presidente da República, escolhido pelo PMDB, reacender a expectativa da redemocratização do País, e da restauração dos direitos dos cidadãos, suprimidos com a crise política de 1964 de que resultaram 21 anos de regime de exceção.

Hoje, Sr. Presidente, com a distância daqueles fatos, é impossível restaurar apenas com o concurso das palavras a epopeia de uma vida como a de Tancredo Neves e a saga de sua campanha de que resultaram a plenitude da restauração democrática, o reacender das esperanças do povo brasileiro e a responsabilidade que assumiram todos que se engajaram nas conquistas dessa nova era para o País.

O fato de Tancredo Neves ser mineiro de nascimento e ter falecido no dia 21 de abril, data do martírio de Tiradentes, protomártir da Independência, também natural de Minas, incendiou o imaginário popular e seguramente ajudou a curar na consciência coletiva a grande frustração que sua morte provocou. Com tantas e tão intensas incertezas, os brasileiros terminaram por



superar seu desencanto com as torpezas do destino e ajudaram o País a suportar os dias difíceis e sofridos que todos fomos chamados a enfrentar.

Não quero nem posso furtar-me, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Deputados Federais, ao testemunho pessoal da convivência que me aproximou de Tancredo, por força das circunstâncias daqueles momentos. Entre muitas de suas qualidades, é impossível deixar de assinalar a tranquilidade no trato, a serenidade ante os momentos difíceis que tivemos que suportar e a sabedoria com que costumava transpor os piores desafios e superar as maiores dificuldades nos dias incertos da transição.

A temperança, uma das características de sua vida pública, era compensada com a força da energia que ele tirava de sua extraordinária experiência. Foram ornamentos de sua personalidade por ele usados com energia e equilíbrio, demonstrados em sua oração durante o sepultamento do Presidente Vargas e, com o mesmo vigor, quando, na qualidade de Líder do seu Partido na Câmara, coube-lhe pronunciar, em nome da Oposição, o veto à Proposta de Emenda à Constituição da Reforma do Judiciário, enviada pelo Presidente Geisel, submetendo-se, portanto, às conveniências de seu partido, mesmo contra sua opinião pessoal.

Eram virtudes e qualidades que o tornaram dos mais experientes homens públicos do País. Virtudes que dele fizeram o hábil político e um Parlamentar que, acima de qualquer interesse material, punha suas convicções e interesses que em sua vida sempre cultivou.

Tancredo Neves era um dos homens-época do Brasil. Ele brotou de alguns dos mais importantes ciclos históricos nacionais, que muito influenciaram os seguintes. Analisar a vida e os princípios de Tancredo Neves serve de inspiração para nós todos. Permaneceu fiel aos seus princípios: a liberdade e a democracia. É dele a afirmação:

“Não há pátria onde falta democracia. A pátria não é mera organização dos homens em Estados, mas sentimento e consciência, em cada um deles, de que pertencem ao corpo e ao espírito de Nação: sentimento e consciência da intransferível responsabilidade por sua coesão e seu destino.”

Ele não se deixava abater diante das vicissitudes que sucessivamente assolaram o processo de desenvolvimento nacional. São de sua autoria as seguintes palavras:

“A história de qualquer nação é a história de sua crise. É no inconformismo dos homens

que se assenta a sua grandeza, e mesmo a sua felicidade.”

Mesmo diante das maiores dificuldades, não se arredava de seus compromissos com Minas e o Brasil:

“Sou um pragmático e conciliador na ação, mas sou inflexível em matéria de princípios. Sempre que você transige em princípios, ganha um episódio, mas apenas um episódio. Perde na permanência e na substância.”

Esses atributos lhe proporcionaram a serenidade com que suportou o padecimento físico até a morte, na culminância de uma trajetória brilhante e consagrada. A liderança que o levou a ser escolhido Presidente da República foi o resultado de uma vocação natural que fez dele o homem certo no lugar certo, nos momentos incertos das angústias de toda a Nação.

Tancredo era, sem laivos de vaidade, o político brasileiro que, depois de Getúlio Vargas, mais influência exerceu na vida política de sua época. Valeu-se de sua capacidade e habilidades na Oposição com o mesmo rigor com que se comportou quando ocupou cargos no Executivo e quando deu suporte aos governos de que participou.

Ao olharmos, na distância do centenário do seu nascimento, é possível aquilatar o quanto ele foi fiel, o quanto foi útil ao País, o quanto o serviu com dignidade, a mesma com que suportou, sem queixas ou ressentimentos, as dores que a vida lhe impôs.

Hoje, louvamos e agradecemos os inumeráveis e inestimáveis dotes que sempre pôs a serviço das causas em que acreditou e das respostas que deu ao País, em todas as vezes em que a ele recorreu, porque dele precisou.

Encerro, portanto, honrando a memória de Tancredo Neves, tributando-lhe o reconhecimento pela dedicação ao País e às suas instituições.

**O SR. ROBERTO CAVALCANTI** (PRB – PB. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Parlamentares, ao celebrar o centenário de nascimento de Tancredo Neves, o Senado Federal presta uma homenagem não apenas a um dos grandes nomes da história desta Casa, mas também a um dos homens mais importantes da história recente deste País.

Desde meados do século passado, quando no Brasil se encerrou o Estado Novo, que anos antes havia extinguido o mandato do então Vereador Tancredo Neves, a velha raposa mineira – velha raposa desde jovem, diga-se de passagem – demonstrou um talento enorme para aparecer como peça importante em momentos decisivos.

Foi assim, por exemplo, que ajudou decisivamente na eleição de Juscelino Kubitschek, cujo governo,



como é consenso, foi um dos mais importantes para definir o rosto do Brasil moderno.

Foi assim também que recebeu diretamente das mãos de Getúlio Vargas a carta-testamento, que, depois de divulgada, após a morte do velho caudilho, tomou-se um dos documentos fundamentais para entendermos o Brasil contemporâneo.

Foi assim, ainda, que entrou para a história como único Primeiro-Ministro que este País já teve, durante o curto episódio parlamentarista que vivemos no início dos anos 60.

Foi Senador em 1978, momento-chave do processo de abertura que se aceleraria nos anos seguintes, Governador de Minas Gerais, na primeira e histórica eleição direta para os Governos dos Estados depois de mais de 20 anos.

Foi uma das locomotivas do movimento Diretas Já e, com a derrota desse movimento, tornou-se imediatamente um nome de consenso para a chapa oposicionista que disputaria as eleições indiretas de 1985.

Foi escolhido pelo Colégio Eleitoral como primeiro civil a ocupar a Presidência da República depois do golpe militar de 1964.

A sequência da história, que culmina com a inter-nação às vésperas da posse e com a morte, em abril de 1985, todos conhecemos.

Trata-se, na verdade, até hoje, de um dos momentos mais dramáticos e traumáticos da vida nacional de todos os tempos.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Parlamentares, senhoras e senhores, como certamente já lembraram outros oradores antes de mim e outros ainda hão de evocar desta tribuna, o nome de Tancredo Neves virou símbolo de um tipo de política que, sem desconhecer a competição e o confronto, prima pela busca da concordância, da conciliação, como que lembrando que o objetivo da política, afinal, é a construção e a manutenção da comunidade, é a busca daquilo que é comum.

Esse exemplo de político, que é Tancredo Neves, está ainda muito vivo, tenho certeza, nas lembranças de todos os que conviveram com ele ao longo de sua carreira.

Todos os que tiveram a felicidade de ouvir em primeira mão suas lendárias tiradas, suas observações sempre cheias de espírito e sutileza, algumas quase oraculares, todos os que tiveram a oportunidade de vê-lo em ação na lide política, todos esses, tenho certeza, carregam alguma marca desse convívio.

Temos a obrigação de manter aceso esse exemplo para as próximas gerações, que não têm mais a oportunidade do convívio direto.

Fazer isso, Sr. Presidente, é fácil: basta que lhes contemos a história do Brasil contemporâneo.

Muito obrigado.

**O SR. RENAN CALHEIROS** (PMDB – AL. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Congressistas, no dia 21 de abril de 1985, a voz pesarosa do jornalista, amigo e colaborador Antônio Britto enchia o Brasil de perplexidade, angústia, dúvidas e muita dor. Um sentimento de orfandade irreversível varreu todos os quadrantes do País num coro triste e melancólico. Poucas vezes uma Nação chorou tanto a perda de um líder.

Uma Nação inteira perdeu naquele fatídico dia não apenas o líder, um Presidente civil que retornava ao poder após o golpe de 64, mas perdeu uma referência de civismo, uma promessa de liberdade, uma crença nas mudanças tão aguardadas.

Perdemos naquele dia o sonho de várias gerações que se acumulavam em frustrações e desmandos dos Governos inflexíveis da ditadura. Uma névoa encobriu o Brasil e o mergulhou em uma tristeza pesada, sofrida, que demorou para passar e até hoje ainda provoca um nó em nossas gargantas. Perdemos naquele dia a esperança que ele próprio definiu assim: “*A esperança é o único patrimônio dos deserdados, e é a ela que recorrem as nações ao ressurgirem dos desastres históricos*”. Naquele momento, nós vínhamos de um desastre histórico e nos deparamos com a morte de nossa esperança.

Mas “*morrem cedo aqueles que os deuses querem bem*”, como bem expressou o poeta Fernando Pessoa. A tragédia do Doutor Tancredo, se assim me permitem citá-lo, talvez tenha sido a mais didática para o aprendizado de toda uma Nação.

A partir dos valores dele, de sua formação intelectual e política, seus ensinamentos, sua retidão, enfim, a partir dali, o estilo único de Tancredo Neves, foi compreendido como o mais adequado ao nosso País naquele momento e, dessa forma, pôde ser melhor assimilado.

Aquele jeito matreiro, o manejo gentil com as pessoas, a irreverência, o humor mordaz, a lealdade e a inteligência aguda acabaram por traçar o perfil ideal de um homem público. Bons mestres não faltaram ao aplicado discípulo, entre eles, Benedito Valadares, Juscelino Kubitschek e Getúlio Vargas.

Recém-chegado ao Congresso, como Deputado Federal, em 1983, ficava intrigado com o talento do Doutor Tancredo. Ficava me perguntando: como um homem que viveu boa parte de sua vida pública na contramão, fazendo oposição, conseguia ser tão conciliador e pregar a concórdia até entre seus adversários? Para tentar explicar como conseguia ser firme na oposição, mas sem confrontar ou brigar, ele mesmo dizia: “*Não são os homens, mas a ideias que brigam*”.

No início da carreira suas ideias brigavam com as ideias do Presidente Artur Bernardes. Lá, na infância do PSD, suas ideias se opunham às do Governador mineiro Milton Campos. Depois de um curto período como Ministro da Justiça de Getúlio, em 53, foi empurrado para oposição às ideias de Café Filho, após o suicídio e a carta-testamento que ele próprio recebeu das mãos de Getúlio.

A eleição do amigo Juscelino o trouxe de volta à Situação em cargos como diretor do Banco do Brasil e presidente do BNDE.

Mas o destino lhe reservara postos mais ilustres – ainda que efêmeros – como foi o cargo de Primeiro-Ministro na era João Goulart, na precoce experiência parlamentarista que o Brasil viveu antes do golpe militar.

Suas frases conseguiam a proeza de, maliciosamente, sintetizar seu pensamento e conjugá-lo com seu comportamento. A frase logo após sua escolha como Primeiro-Ministro é emblemática do temperamento dele: *“O meu será um Governo de centro, com tendências para a Esquerda conservadora”*.

No retorno ao Parlamento, à Câmara dos Deputados, seu temperamento de oposicionista moderado e a prudência foram pavimentando, gradualmente, seu caminho até a Presidência da República.

Nos caminhos que trilhou foi espalhando ensinamentos políticos e administrativos, sempre muito valiosos. Dizia ele sobre seus rumos ideológicos: *“Para a esquerda eu não vou, não adianta empurrar”*.

Mas ele foi empurrado para lá. Com a violência do bipartidarismo imposto pelo regime, Tancredo foi empurrado para o MDB, que se não era de esquerda, albergava comunistas, trostkistas, maoístas e toda gama de esquerdistas. Ele recusou polidamente a ARENA e filiou-se ao MDB, coabitado por autênticos e moderados. Dizia ele, bem humorado, sobre aquela frente e seus múltiplos matizes ideológicos: *“O meu MDB não é o MDB do senhor Miguel e o MDB do Sr. Arraes não é o meu, e nós dois sabemos disso há muito tempo”*.

Eleito Senador por Minas em 1978, aglutinou os moderados da ARENA e do MDB e fundou o PP, o Partido Popular, que, pouco tempo depois, foi fundido com o PMDB, por onde Tancredo Neves foi eleito Governador de Minas em 1982. De seu discurso de posse no Palácio da Liberdade nasceu uma de suas frases mais célebres: *“Mineiros, o primeiro compromisso de Minas é com a liberdade”*. Mesmo recém-eleito lá estava ele, novamente, pregando liberdade na oposição ao regime que solapou direitos políticos e sociais.

Daí em diante a história e a trajetória de Tancredo Neves é mais viva em nossa memória. Dois anos após sua posse, as ruas foram invadidas pelo movi-

mento das Diretas Já, que uniu os partidos políticos de oposição e toda sociedade no coro uníssono: *“Eu quero votar para Presidente”*.

Dizia ele então outra pérola de seu breviário: *“A campanha pelas diretas é necessária, porém ela é lírica”*. Apesar das massas e do lirismo, a emenda das Diretas Já, do também saudoso Dante de Oliveira, foi derrotada. Tancredo Neves, então, foi escolhido pelas oposições, sempre sob o comando solidário de outro Doutor, o Doutor Ulysses, para ser o candidato à Presidência, e o nosso Presidente José Sarney teve a honra de integrar a chapa como Vice.

Sobre a candidatura indireta, o próprio Tancredo ficava contrariado: *“É tapar o nariz com o lenço e ir ao Colégio Eleitoral, se isso for necessário. Pode ser ruim, mas não ir pode ser péssimo”*. Tinha razão, mais uma vez. Sem eles seria péssimo.

No dia 15 de janeiro de 1985 a chapa da Aliança Democrática, Tancredo Neves e José Sarney venceu a disputa no Colégio Eleitoral por 480 votos contra 180 dados ao candidato do Governo. Sem dúvida, foi uma operação política de alta complexidade que levou à derrota o candidato do Governo em seu campo mais confortável, que era o Colégio Eleitoral. Sobre seu adversário de então Tancredo brincava: *“Até agora ele só enfrentou amadores, não enfrentou ninguém profissional”*.

Eleito, o profissional Tancredo cravou uma sentença histórica que era o desabafo de uma Nação: *“Esta foi a última eleição indireta do País”*. Graças a ele e a seus sucessores aquela obscenidade eleitoral não existe mais, e o Brasil mudou muito porque eles resolveram ir ao Colégio Eleitoral, felizmente.

Desde então, enfrentamos nossas mazelas, redistribuímos renda, estamos gradualmente recuperando dívidas sociais seculares, a democracia já passou por duros testes e está consolidada, o País se agigante diante do mundo e, com uma economia organizada e sólida, vamos, rapidamente, ao encontro da nossa maior vocação, que é o crescimento econômico com justiça social.

Senhores e senhoras, é impossível, Governador Aécio Neves, falar da comoção nacional – mais de 2 milhões de brasileiros pelas ruas de Brasília, São Paulo, Belo Horizonte e São João del Rei.

É impossível falar daquele período sem mencionar o Presidente José Sarney, que honrou, um a um, todos os compromissos firmados por Tancredo Neves com a Nação e patrocinou a redemocratização do País.

Um Presidente colhido pela surpresa, entristecido pela tragédia, solidário com sentimento de perda de uma Nação que ajudou a nos trazer até aqui com

competência, segurança, correção, firmeza e desassombro.

Um Presidente que teve coragem de mudar, que convocou eleições para Prefeituras, depois de 20 anos de nomeações; que reabriu nossa alma para a cidadania; que convocou uma Constituinte quando ela, todos sabiam, iria subtrair poderes do Executivo; que decretou a morte da censura; que consolidou a democracia; que legalizou partidos proscritos e clandestinos;

Um Presidente que reorientou o País para os direitos e garantias mais elementares e com o qual ainda temos o privilégio de conviver e aprender. Ventura que, infelizmente, Deus assim não o quis, não tivemos com o Doutor Tancredo.

Para não me estender, gostaria de encerrar dizendo que a trajetória de Tancredo Neves, seus ensinamentos, suas experiências são fontes permanentes de renovação e aprendizado. Sua morte precoce nos entristeceu muito, mas na sua vida infinita encontramos razões para alegrar a todos nós e também as futuras gerações.

Gostaria de finalizar fazendo uma homenagem a Minas Gerais, à toda família do Doutor Tancredo, na figura do Governador Aécio Neves, que, na sua competência tão mineira, vem honrando, respeitando e multiplicando os melhores valores de seu avô, o inesquecível Tancredo Neves, a quem esta Nação ainda não reverenciou adequadamente.

Obrigado.

**O SR. FLEXA RIBEIRO** (PSDB – PA. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Parlamentares, Tancredo de Almeida Neves foi uma daquelas pessoas cujas qualidades e características não passavam despercebidas ao observador mais desatento.

De fala mansa e aspecto franzino, sempre cordato e polido, Tancredo nem de longe aparentava ser tudo aquilo que acabou representando: um gigante da política nacional, um vulto histórico que alicerçou nossa transição democrática e legou ao País um caminho de estabilidade institucional.

“A cidadania não é uma atitude passiva, mas ação permanente em favor da comunidade”.

Esta frase e outras traduzem um pouco do grande brasileiro que foi Tancredo Neves. Todos lembram do seu estilo apurado, sua coragem e de suas frases, oportunas a cada momento político que viveu.

Quem se esquece quando, ao criticar um partido político (PT) por não comparecer ao Colégio Eleitoral, disse: *“Partidos que renunciam à luta, que abdicam de seu dever de pelear pela harmonia das condições do*

*povo, não são partidos políticos. Podem ser, quando muito, um grêmio literário ou uma confraria de São Vicente de Paula”*.

Nascido e criado em São João del Rei, era um notório conciliador, representante maior da escola mineira de fazer política. Aí está o seu neto, o Governador Aécio Neves, que não nos deixa mentir sobre a nobreza de tal linhagem. Tancredo nunca se exasperava ou destratava quem quer que fosse. Mas isso não significava, de forma alguma, tibieza ou tergiversação com seus caros princípios.

Foi participante ativo dos momentos mais agudos de nossa história republicana. Tinha uma marca constante: a defesa intransigente das liberdades democráticas.

Esteve do lado obscuro das baionetas. O sol da liberdade, inspirado pelo lema estampado na bandeira de Minas Gerais, nunca deixaria de raiar no coração de seu ilustre e querido filho.

Quando Ministro da Justiça de Vargas, em plena crise institucional que culminaria com o suicídio do Pai dos Pobres, em nenhum momento deixou de buscar a via da legalidade, da serenidade e do respeito à justiça. Portador da carta-testamento, soube dar a Vargas a dimensão histórica que lhe cabia.

Em 1961, diante de nova grave crise com a renúncia de Jânio Quadros, lá estava novamente Tancredo Neves a apaziguar os ânimos e articular a composição política. Ao propor a solução parlamentarista para o impasse sobre a posse de João Goulart, estabeleceu-se como uma âncora de credibilidade a equilibrar a forte confrontação política daquele momento.

Durante o regime militar que se seguiria, manteve-se na linha de frente do debate político, sem nunca perder a esperança do restabelecimento democrático. Sua luta não era clandestina, sua arma não era de fogo. Era na esgrima verbal que duelava pela liberdade, que dialogava serenamente com governo e oposição.

Coube-lhe, como a mais respeitada liderança do movimento democrático, protagonizar o retomo dos civis ao poder. Representava, mais uma vez em nossa história, o ponto de equilíbrio da balança política nacional.

Quis o destino, contudo, que esse brilhante estadista mineiro não tornasse real aquilo que parecia ser o cume natural de sua trajetória na vida pública. Horas antes de assumir o poder, o País viu-se sem o nome ao qual confiou o futuro de sua democracia. Pouco mais de um mês depois, acordamos sob os acordes melancólicos de *Coração de Estudante*, chorando a perda do líder e fiador de nossa transição.

Sr. Presidente, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Parlamentares, o Brasil deve muito a Tancredo Neves de Almeida. Graças,



sobretudo, à sua serenidade e ponderação, podemos hoje comemorar a consolidação de nosso regime democrático. Alguém já disse que, se JK foi o melhor Presidente que já tivemos, Tancredo foi o melhor que não tivemos. O fato é que seremos eternos devedores da palavra articulada, agregadora e envolvente de uma das maiores figuras públicas de nossa história.

Gostaria de terminar citando uma frase que Tancredo Neves disse ao deixar o Governo de Minas Gerais, em agosto de 1984, para concorrer à presidência:

“As alvoradas da liberdade não surgem como um acontecimento natural. As manhãs da liberdade se fazem com a vigília corajosa dos homens que exorcizam com sua fé os fantasmas da tirania”.

Era o que tinha a dizer.  
Muito obrigado.

**O SR. RODRIGO ROLLEMBERG** (Bloco/PSB – DF. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Deputados, cada época ou conjuntura procura uma expressão que a defina adequadamente. Sugiro uma que, em meu entender, capta o sentido desta quadratura da vida nacional: “*Somos os herdeiros de Tancredo Neves*”.

Essa é uma declaração dotada de óbvio sentido cronológico: a transição do regime de exceção para o atual regime democrático foi realizada sob a liderança de Tancredo. No entanto, seu significado mais profundo em muito transcende a mera cronologia, uma vez que a constatação de que a transição foi guiada pelo ilustre mineiro não responde à pergunta fundamental: por que a história escolheu Tancredo?

A bem da verdade, a pergunta deve ser refeita, nos seguintes termos: por que, mais uma vez, a história escolheu Tancredo?

Sim, pois já em 1961, logo após a renúncia do então Presidente Jânio Quadros, coube a ele assumir o cargo de Primeiro-Ministro, com a difícil missão de pacificar os ânimos entre aqueles que legitimamente defendiam a posse do Vice João Goulart, como Presidente do Brasil, e aqueles que viam na tomada do Poder pela força a única saída.

Tancredo não escolheu os termos ou os atores do conflito; escolheu, sim, a política como diálogo, como meio de superação de divergências, com vistas à união nacional.

Por isso, foi escolhido. Porém, apesar de seus esforços, aquele conflito viria a desaguar na deflagração do golpe de 1964 e num ocaso de mais de 20 anos da democracia brasileira.

Em 1984, a não aprovação da Emenda Dante de Oliveira, mesmo após as manifestações pelas Diretas Já, num dos movimentos mais belos, justos e vigorosos de toda a nossa história, só deixava às forças progressistas uma alternativa: participar da sucessão presidencial num Colégio Eleitoral restrito e viciado, que sempre fora uma cidadela do continuísmo autoritário, e, mesmo ali, lograr eleger um Presidente comprometido com o restabelecimento da normalidade democrática.

Esse Presidente deveria ser alguém capaz de congregiar o mais amplo leque de forças interessadas no encerramento do ciclo autoritário, que contasse inclusive com forças recém-egressas da base de apoio do regime militar. Na memória do País, como solução natural e incontestada, estava inscrita a figura e o nome de Tancredo.

O Muda Brasil, movimento destinado a dar sustentação popular à candidatura presidencial de Tancredo Neves, foi o legítimo sucessor do Diretas Já. A vitória nas eleições indiretas se apresentou como a forma possível de nossa transição democrática, e o Brasil de hoje, regido pelos princípios da Constituição Cidadã de 1988, é a prova cabal do valor inestimável da contribuição de Tancredo Neves.

No entanto, Sr. Presidente, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Senadores, Sr<sup>as.</sup> e Srs. Deputados, mais do que o protagonismo num momento delicado e crucial, Tancredo legou aos brasileiros um paradigma, um modelo, um estilo, que é cada vez mais atual: o de pacificador, mediador e artífice da conciliação nacional.

É possível que a vocação para promover a transformação política, econômica e social com base na conciliação, na união de atores políticos e sociais aparentemente incompatíveis emane das camadas mais profundas de nossa identidade e não do legado de um homem. Se é assim, Tancredo Neves é, sem dúvidas, um dos mais insígnies representantes dessa nobre estirpe.

Ao tecer esse comentário, tendo percorrido brevemente sobre nosso passado recente, tenho em mente nosso presente e nosso futuro. O Brasil é hoje governado por um ex-operário, que se projetou na vida nacional como portador das justas reivindicações dos segmentos politicamente mais organizados de nossa sociedade. Como Presidente, porém, ele representa a Nação inteira. As estatísticas atestam o enorme prestígio do Presidente Lula entre empresários, servidores públicos, trabalhadores do setor privado e amplo contingente de brasileiros humildes, acolhidos num impressionante processo de inclusão social, graças à retomada do crescimento econômico e à repartição dos benefícios desse crescimento. Por isso, podemos

afirmar com tranquilidade que o Presidente Lula é um genuíno continuador da grande obra da construção da união nacional, tão defendida por Tancredo.

Em poucos meses, seremos chamados a escolher o próximo Presidente da República. Seremos igualmente chamados a escolher Deputados Estaduais e Distritais, Governadores, Deputados Federais e Senadores. Eu creio que unir para transformar continua a ser a fórmula mais adequada para nos mantermos no caminho do desenvolvimento nacional, calcado em crescimento econômico, justiça social e sustentabilidade ambiental.

Um outro insigne brasileiro, o poeta Carlos Drummond de Andrade, mineiro como Tancredo, já havia feito em verso, muitas décadas atrás, seu célebre apelo à união: *“Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”*.

Importa pouco saber se essa fórmula é um apanágio dos grandes líderes ou um traço fundamental de nossa cultura política. O mais importante é que os cidadãos brasileiros e os próximos mandatários da Nação guardem essa fórmula com carinho, como ensinamento fundamental a ser utilizado nos desafios que enfrentaremos ao longo deste século, sobretudo em áreas como a educação e a inovação científica e tecnológica, estratégicas em um projeto voltado à boa qualidade de vida para todos.

A política alimenta-se da polêmica, do debate de ideias, do embate de posições. Quando a polêmica é sinônimo de autêntico diálogo; quando as ideias são fruto da investigação rigorosa e honesta; quando as posições se fundam no interesse público, abrem-se as portas para o entendimento e a construção das alianças necessárias ao desenvolvimento econômico e social.

O Brasil vive o momento mais feliz desta era inaugurada por Tancredo e, em virtude disso, neste centenário de seu nascimento, temos muito a celebrar. No porvir, seu legado, a um só tempo mudancista e conciliador, será essencial para a conquista de vitórias ainda mais significativas para todo o povo.

Muito obrigado.

**O SR. PAULO BORNHAUSEN** (DEM – SC. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Srs. Deputados, Governador Aécio Neves, V.Ex<sup>a</sup>, honrado e respeitado pelos mineiros e pelos brasileiros, tem um compromisso sem volta com o futuro do nosso País. V.Ex<sup>a</sup> atualiza para o nosso tempo o importante legado de conciliação e tolerância política do seu ilustre avô.

Aproveito também este momento para saudar na pessoa de V.Ex<sup>a</sup> a digna família do Doutor Tancredo.

Senador José Sarney, Presidente do Congresso Nacional; Vice-Presidente e sucessor de Tancredo no

bem-sucedido processo da redemocratização do nosso país; Governador José Serra, líder incontestado do maior Estado do Brasil e destacado ator político, comprometido inexoravelmente com o povo brasileiro e seu futuro; Deputado Michel Temer, Presidente da Câmara dos Deputados pela terceira vez e responsável por muitos avanços institucionais desde a redemocratização do nosso país; Sr<sup>as</sup>. e Srs. Senadores e Deputados; minhas senhoras e meus senhores, participantes dessa celebração republicana.

O Congresso Nacional, ao celebrar o centenário de Tancredo Neves, reverencia a democracia brasileira, a construção da nossa cidadania e os ideais de justiça e liberdade, sustentados pela inabalável convicção democrática e pela coerência das ações desse grande estadista e líder político.

Ator político em um tempo conturbado por feroz disputa ideológica, Tancredo não se curvou a nenhuma solução menos democrática ou mais autoritária, por sinal bastante comuns nas principais seduições e utopias de seu tempo.

Ele defendeu intransigentemente o Estado de Direito.

Ele não se preocupou em ser de esquerda ou de direita, como era comum naquele tempo.

O legado de Tancredo para as novas e futuras gerações terá sido o respeito à doutrina de Separação dos Poderes e ao aperfeiçoamento das Instituições da Democracia Representativa.

Tais compromissos levaram o jovem advogado Tancredo a enfrentar a ditadura do Estado Novo de Vargas, em 1937, e, posteriormente, alinhar-se na defesa do mesmo Vargas, então Presidente Constitucional, na trágica crise política de 1954.

Foram os mesmos compromissos que o colocaram na defesa do mandato do Presidente Goulart por ocasião da renúncia de Jânio; na construção da solução Parlamentarista e, em seguida, o situariam em Oposição ao Movimento Militar de 1964 até a competente e celebrada União de Minas – posteriormente de todo o País -, para que se tomasse possível a Nova República.

A arquitetura da Nova República liderada por Tancredo, e que acaba de completar 25 anos, nos trouxe inegáveis conquistas políticas e sociais.

À exceção do Segundo Império, que foi uma democracia de poucos, inauguramos em 1985 o mais longo período de estabilidade democrática em nosso País, na fase Republicana, com a incorporação crescente da Cidadania.

Temos hoje uma efetiva democracia de massas e um dos maiores contingentes eleitorais do mundo.

Nossos jovens desconhecem qualquer processo político conspiratório, golpes, sublevações como era frequente em nossa história pretérita.

A construção política da Nova República de Tancredo foi testada e resistiu a ambientes econômicos hostis tanto no plano nacional quanto internacional, o que provou a sua solidez.

Foi nesse ambiente de consolidação democrática e respeito às liberdades individuais que vencemos graves crises e pressões internacionais; domamos um processo inflacionário de décadas, na bem conduzida experiência do Plano Real; houve a estabilização financeira e econômica; o saneamento do sistema financeiro com o PROER e a efetiva recuperação do equilíbrio fiscal no setor público.

Inauguramos, ainda, desde o Governo do Presidente Sarney, as mais consistentes e duradouras políticas públicas compensatórias para redução das desigualdades sociais em nosso País e que têm sido continuadas pelos diversos governos, desde então.

As sementes econômicas, políticas e sociais plantadas pela Nova República, sob a liderança de Tancredo, nos fizeram avançar e consolidar o Brasil moderno, e nenhum grupo ou partido político pode pretender atribuir a si próprio o mérito de eventuais conquistas que resultam na verdade de processos políticos legitimados pela sociedade brasileira como um todo, de forma inequívoca, na transição democrática de 1985.

Para sintetizar esta justa homenagem ao mais importante arquiteto político da modernidade brasileira, valho-me da síntese do jornalista Augusto Nunes em uma de suas análises daquele período:

“Só podia ser Tancredo Neves o candidato da mais multifacetada aliança política da história republicana.

Nenhum outro juntaria na mesma campanha todos os ‘autênticos’ e todos os ‘moderados’ remanescentes do PMDB.

Nenhum uniria num só Bloco todos os partidos de oposição, com a exceção previsível do PT, que optou pela abstenção.

Nenhum atrairia tantos governistas disidentes.

E nenhum escaparia ao Veto ostensivo de Oficiais inconformados.

Se não existisse um doutor Tancredo, o Brasil teria de esperar sabe-se lá quanto tempo ainda pela ressurreição da democracia.”

Minhas senhoras e meus senhores, pela ação política de Tancredo, pela sua costura hábil, pela sua competência de juntar contrários e por sua fidelidade à democracia e a todas as expressões da liberdade,

a alternância do Poder passou a fazer parte das conquistas políticas e do império da ordem constitucional, e ninguém mais contesta em nosso País a legitimidade das vitórias eleitorais, do processo democrático e do direito dos adversários vitoriosos de governar sem qualquer sobressalto.

O Governador José Serra, em recente e brilhante artigo, sugeriu: vida longa à Nova República, pois terá sido uma fase da história do Brasil com maior número de conquistas de indiscutível qualidade política e humana.

Governador Aécio, o senhor é herdeiro direto do extraordinário legado político do Dr. Tancredo e também das tradições do povo montanhês, dos lavradores das várzeas e do chão profundo; e dos moradores das cidades sagradas de Minas.

Na construção do Brasil de nossos dias e das próximas gerações precisamos recuperar a força do fazer e das tradições políticas republicanas de Minas Gerais.

Precisamos de antídotos aos excessos da corrupção, da propaganda oficial, das frases feitas e palavras de ordem que sempre fazem com que a divergência se imponha à tolerância.

O Dr. Tancredo, em suas exortações cívicas, nos ensina que qualquer processo autoritário traz consigo o germe da corrupção e *“o que existe de ruim no processo autoritário é que ele começa desfigurando as instituições e acaba desfigurando o caráter do cidadão”*.

Mas ele mesmo nos aponta o caminho da construção social e política que é de caráter permanente: *“Se todos quisermos”* – dizia-nos, há quase 200 anos, Tiradentes, aquele herói enlouquecido de esperança – *“poderemos fazer deste País uma grande nação”*.

Dr. Tancredo e o seu legado político estarão presentes em novo salto que vivenciaremos na política, economia e bem-estar da sociedade, e que haverá de se iniciar, em breve, em nosso país. Todos queremos fazer deste País uma grande nação!!!

Muito obrigado.

**O SR. HENRIQUE EDUARDO ALVES** (PMDB – RN) – Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Senadores e Deputados, faz cem anos que Minas Gerais trouxe ao mundo aquela que seria uma das maiores vocações políticas exercidas na história deste País. Falo de um homem público cujo destino foi a expressão da lealdade incontestável aos princípios democráticos e à probidade.

Sem desvios à coerência que lhe pautou as atitudes, Tancredo Neves, forjado no aço puro das consciências, nunca fraquejou ante a injustiça, ante a ingratidão, ante os reveses. Nunca se acovardou ante



o perigo. Nunca deixou de ter uma atitude clara, desassombrada e definitiva em todos os episódios que caracterizaram a sua época.

Desde que iniciou sua carreira como Promotor de Justiça em São João Del Rei, até ser eleito Presidente da República, dedicou toda vida a um ideal que sempre sustentou: a democracia.

Tinha as qualidades morais do mineiro: o senso da retidão, o orgulho da independência, a fidelidade às idéias ligadas às raízes de sua formação cristã e jurídica. Sempre cultivou ideais de reformas que tornassem este Brasil livre das espoliações e da dependência econômica.

Sua trajetória política trilhou caminhos difíceis, mas sem trair o espírito de Minas, nem as lições patrióticas bebidas na história libertária dos mártires da Inconfidência Mineira. As injustiças que sofreu, principalmente na época em que a noite fechada do arbítrio cobriu de pejo esta Nação, aterrorizando, cassando, assassinando os mais dedicados brasileiros daquela época, não encontraram nele fraqueza, ao contrário, esbarraram em uma fortaleza que liderou, ao lado de outros próceres, como o Doutor Ulysses Guimarães, a arrancada para a redenção de nosso povo do jugo da Ditadura que subjugava as mentes nascidas para serem livres.

Meu Partido, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro, foi a trincheira onde, mais do que atuar, ele construiu e nela combateu. O próprio nome Movimento Democrático Brasileiro, poucos o sabem, foi criado por Tancredo Neves.

Tive a honra de com ele conviver e dele ser amigo. Meu pai, Aluísio Alves, percorreu o Brasil com Tancredo Neves, tanto na campanha das “Diretas Já!”, quanto na vitoriosa campanha dele à Presidência da República, e teve a missão de, após a posse do Vice-Presidente José Sarney, e por nomeação deste, ocupar o cargo de Ministro da Administração por fidelidade ao convite de Tancredo, que criou aquele cargo, a fim de dar dimensão ministerial a uma tarefa hercúlea que se tornara por demais sufocada na pequena estrutura do antigo DASP.

Então, falar de Tancredo Neves, para mim, é profundamente íntimo, não só por eu ser Deputado Federal do PMDB desde os meus 21 anos de idade, mas também pelos laços de afinidade que nos uniu. Nesses 40 anos de minha vida pública, tive a felicidade de, assim como Aécio Neves, que continua a

missão que lhe deixou seu avô, dar prosseguimento à missão política de meu pai, de modo que Tancredo Neves e Aluísio Alves, hoje na memória desta casa, juntos sintam-se honrados, também, nas gerações que lhe sucedem.

Portanto, trago as expressões de saudade emanadas pelo meu Partido! O PMDB cultua Tancredo Neves comum dos seus principais heróis, que elevaram mais alto, na, dignidade, altivez e fraternidade, o nome do Brasil!

Até hoje, nos vêm à memória, com forte emoção, aqueles comoventes dias que afligiram a todos nós, durante o período em que Tancredo Neves se submetia às intervenções cirúrgicas, e que nossa esperança de que ele escapasse à morte, aos poucos, foi esmaecendo.

Homenagear os 100 anos de nascimento de Tancredo Neves é ecoar as batidas de um coração de estudante, forte, novo, de acordo com dos ensinamentos que ele nos legou.

Portanto, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro, o Partido de Tancredo Neves, faz deste momento de homenagem um momento de reflexão: há que renovar a esperança, há que se cuidar do mundo, há que se cuidar da vida, com muito sonho, cultivando a folha da juventude, sem desvios e, principalmente, sem perder a fé.

Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – A Presidência comunica ao Plenário, nos termos do art. 154, § 6º, inciso III, do Regimento Interno, que cancela a sessão deliberativa ordinária do Senado Federal de hoje e, não havendo objeção do Plenário, convoca sessão deliberativa extraordinária, com a mesma Ordem do Dia, após o encerramento da presente sessão solene do Congresso Nacional, e esclarece ainda que será preservada a lista de oradores inscritos para hoje.

Antes de encerrar a sessão, a Presidência agradece às autoridades e a todos que nos honraram com sua presença.

**O SR. PRESIDENTE** (Mão Santa. PSC – PI) – Está encerrada a sessão solene destinada a comemorar o centenário de nascimento de Tancredo Neves.

*(Levanta-se a sessão às 16 horas e 31 minutos.)*

## CONSELHOS

### CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL

(Criado pelo Decreto Legislativo nº 70, de 23.11.1972)

(Regimento Interno baixado pelo Ato nº 1, de 1973-CN)

#### COMPOSIÇÃO

**Grão-Mestre:** Presidente do Senado Federal

**Chanceler:** Presidente da Câmara dos Deputados

MESA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS	MESA DO SENADO FEDERAL
<b><u>PRESIDENTE</u></b> Deputado Michel Temer (PMDB-SP)	<b><u>PRESIDENTE</u></b> Senador José Sarney (PMDB-AP)
<b><u>1º VICE-PRESIDENTE</u></b> Deputado Marco Maia (PT-RS)	<b><u>1º VICE-PRESIDENTE</u></b> Senador Marconi Perillo (PSDB-GO)
<b><u>2º VICE-PRESIDENTE</u></b> Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto (DEM-BA)	<b><u>2º VICE-PRESIDENTE</u></b> Senadora Serys Slhessarenko (PT-MT)
<b><u>1º SECRETÁRIO</u></b> Deputado Rafael Guerra (PSDB-MG)	<b><u>1º SECRETÁRIO</u></b> Senador Heráclito Fortes (DEM-PI)
<b><u>2º SECRETÁRIO</u></b> Deputado Inocêncio Oliveira (PR-PE)	<b><u>2º SECRETÁRIO</u></b> Senador João Vicente Claudino (PTB-PI)
<b><u>3º SECRETÁRIO</u></b> Deputado Odair Cunha (PT-MG)	<b><u>3º SECRETÁRIO</u></b> Senador Mão Santa (PSC-PI) <sup>1</sup>
<b><u>4º SECRETÁRIO</u></b> Deputado Nelson Markezelli (PTB-SP)	<b><u>4º SECRETÁRIO</u></b> Senadora Patrícia Saboya (PDT-CE)
<b><u>LÍDER DA MAIORIA</u></b> Deputado Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN)	<b><u>LÍDER DA MAIORIA</u></b> Senador Renan Calheiros (PMDB-AL)
<b><u>LÍDER DA MINORIA</u></b> Deputado André de Paula (DEM/PE)	<b><u>LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA</u></b> Senador Raimundo Colombo (DEM-SC)
<b><u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA</u></b> Deputado Tadeu Filippelli (PMDB-DF)	<b><u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA</u></b> Senador Demóstenes Torres (DEM-GO)
<b><u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u></b> Deputado Damião Feliciano (PDT-PB) <sup>2</sup>	<b><u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u></b> Senador Eduardo Azeredo (PSDB-MG)

(Atualizada em 21.10.2009)

SECRETARIA-GERAL DA MESA  
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)  
Senado Federal – Anexo II - Térreo  
Telefones: 3303-4561 e 3303-5258  
[scop@senado.gov.br](mailto:scop@senado.gov.br)

<sup>1</sup> Em 23.09.2009, o Senador Mão Santa comunicou sua desfiliação do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), a partir dessa data, conforme comunicado lido em Plenário e, em 01.10.2009, a sua filiação ao Partido Social Cristão (PSC), a partir de 23.09.2009, conforme Of. GSMS 098/2009, lido em Plenário em 01.10.2009.

<sup>2</sup> O Deputado Damião Feliciano foi eleito Presidente da Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional da Câmara dos Deputados, conforme Of. Pres. nº 288/09-CREDN, de 20.09.09, lido na sessão do Senado Federal de 21.10.09.

## CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

(13 titulares e 13 suplentes)

(Criado pela Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)

(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)

Presidente:

Vice-Presidente:

LEI Nº 8.389/91, ART. 4º	TITULARES	SUPLENTEs
Representante das empresas de rádio (inciso I)		
Representante das empresas de televisão (inciso II)		
Representante de empresas da imprensa escrita (inciso III)		
Engenheiro com notório conhecimento na área de comunicação social (inciso IV)		
Representante da categoria profissional dos jornalistas (inciso V)		
Representante da categoria profissional dos radialistas (inciso VI)		
Representante da categoria profissional dos artistas (inciso VII)		
Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo (inciso VIII)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		

1ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 5.6.2002

2ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 22.12.2004

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL  
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)

Senado Federal – Anexo II - Térreo

Telefones: (61) 3311-4561 e 3311-5258

[scop@senado.gov.br](mailto:scop@senado.gov.br) - [www.senado.gov.br/ccs](http://www.senado.gov.br/ccs)



**CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
(Criado pela Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)  
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)

**COMISSÕES DE TRABALHO**

**01 – COMISSÃO DE REGIONALIZAÇÃO E QUALIDADE DA PROGRAMAÇÃO E DE RADIODIFUSÃO COMUNITÁRIA**

**02 – COMISSÃO DE TECNOLOGIA DIGITAL**

**03 – COMISSÃO DE TV POR ASSINATURA**

**04 – COMISSÃO DE MARCO REGULATÓRIO**

**05 – COMISSÃO DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO**

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL  
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)  
Senado Federal – Anexo II - Térreo  
Telefones: (61) 3311-4561 e 3311-5258  
[scop@senao.gov.br](mailto:scop@senao.gov.br)  
[www.senado.gov.br/ccai](http://www.senado.gov.br/ccai)

## REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL COMPOSIÇÃO

**18 Titulares (9 Senadores e 9 Deputados) e 18 Suplentes (9 Senadores e 9 Deputados)**

**Designação: 27/04/2007**

Presidente: Deputado José Paulo Tóffano (PV - SP) <sup>12</sup>  
Vice-Presidente: Senador Inácio Arruda (PCdoB - CE) <sup>12</sup>  
Vice-Presidente: Deputado Germano Bonow (DEM - RS) <sup>12</sup>

### SENADORES

TITULARES	SUPLENTES
<b>Maioria (PMDB)</b>	
PEDRO SIMON (PMDB/RS)	1. NEUTO DE CONTO (PMDB/SC)
GERALDO MESQUITA JÚNIOR (PMDB/AC)	2. VALDIR RAUPP (PMDB/RO)
<b>DEM</b>	
EFRAIM MORAIS (DEM/PB)	1. ADELMIR SANTANA (DEM/DF)
ROMEU TUMA (PTB/SP)	2. RAIMUNDO COLOMBO <sup>6</sup> (DEM/SC)
<b>PSDB</b>	
MARISA SERRANO (PSDB/MS)	1. EDUARDO AZEREDO (PSDB/MG)
<b>PT</b>	
ALOIZIO MERCADANTE (PT/SP)	1. FLÁVIO ARNS (PSDB/PR) <sup>13</sup>
<b>PTB</b>	
SÉRGIO ZAMBIASI (PTB/RS)	1. FERNANDO COLLOR (PTB/AL)
<b>PDT</b>	
CRISTOVAM BUARQUE (PDT/DF)	1. OSMAR DIAS <sup>4</sup> (PDT/PR)
<b>PCdoB</b>	
INÁCIO ARRUDA (PCdoB/CE)	1. JOSÉ NERY <sup>8</sup> (PSOL/PA)

### DEPUTADOS

TITULARES	SUPLENTES
<b>PMDB/PT/PP/PR/PTB/PSC/PTC/PTdoB</b>	
VALDIR COLATTO (PMDB/SC) <sup>10</sup>	1. MOACIR MICHELETTO <sup>7</sup> (PMDB/PR)
DR. ROSINHA (PT/PR)	2. NILSON MOURÃO (PT/AC)
GEORGE HILTON (PP/MG)	3. RENATO MOLLING (PP/RS)
IRIS DE ARAÚJO (PMDB/GO)	4. LELO COIMBRA (PMDB/ES) <sup>11</sup>
<b>PSDB/DEM/PPS</b>	
PROFESSOR RUY PAULETTI (PSDB/RS) <sup>14</sup>	1. LEANDRO SAMPAIO <sup>5</sup> (PPS/RJ)
GERALDO THADEU <sup>9</sup> (PPS/MG)	2. ANTONIO CARLOS PANNUNZIO <sup>3</sup> (PSDB/SP)
GERMANO BONOW (DEM/RS)	3. CELSO RUSSOMANNO <sup>1</sup> (PP/SP)
<b>PSB/PDT/PCdoB/PMN/PAN</b>	
BETO ALBUQUERQUE (PSB/RS)	1. VIEIRA DA CUNHA (PDT/RS)
<b>PV</b>	
JOSÉ PAULO TÓFFANO (PV/SP)	1. DR. NECHAR (PV/SP)

(Atualizada em 14.10.2009)

Secretaria: Câmara dos Deputados - Anexo II - Sala T/28 - 70160-900 Brasília - DF / Brasil Fones: (55) 61 3216-6871 / 6878 Fax: (55) 61 3216-6880 e-mail: [cpcm@camara.gov.br](mailto:cpcm@camara.gov.br) [www.camara.gov.br/mercosul](http://www.camara.gov.br/mercosul)

<sup>1</sup> Indicado conforme Ofício nº 160-L-DEM/08, de 04.06.08, do Líder do DEM, Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto, lido na Sessão do SF de 05.06.08.

<sup>2</sup> Eleito em 14.8.2007, para o biênio 2007/2008.

<sup>3</sup> Indicado conforme Of. PSDB nº 856/2007, de 28.11.2007, do Líder do PSDB, Deputado Antonio Carlos Pannunzio, lido na Sessão do SF de 19.12.2007.

<sup>4</sup> Indicado conforme Ofício nº 28/08-LPDT, de 09.07.08, do Líder do PDT, Senador Osmar Dias, lido na Sessão do SF de 09.07.08, em substituição ao Senador Jefferson Praia, em virtude de sua renúncia, conforme Of. s/nº, datado de 09.07.2008.

<sup>5</sup> Indicado pela Liderança do PPS, nos termos do OF/LID/Nº 157/2008, de 19.06.2008, lido na Sessão do Senado Federal dessa mesma data, tendo em vista a renúncia do Deputado Ilderlei Cordeiro, conforme OF GAB Nº 53/2008, de 18.06.2008.

<sup>6</sup> O Senador Raimundo Colombo retornou ao exercício do mandato em 25.10.2008, conforme comunicado datado de 28.10.2008, lido na Sessão do Senado Federal dessa mesma data.

<sup>7</sup> Indicado pela Liderança do PMDB, nos termos do OF/GAB/I/Nº 949/2008, de 11.11.2008, lido na Sessão do Senado Federal de 12.11.2008.

<sup>8</sup> Indicado pela Liderança do PC do B, nos termos do Ofício IA/Nº 269/2008, de 16.12.2008, lido na Sessão do Senado Federal de 17.12.2008.

<sup>9</sup> Indicado pela Liderança do PPS, nos termos do OF/LID/Nº 266/2007, de 17.07.07, em substituição ao Deputado Geraldo Resende.

<sup>10</sup> Vaga anteriormente ocupada pelo Deputado Cezar Schirmer, que renunciou à suplência do mandato de parlamentar, conforme Of. 29/2009/SGM/P, de 14.01.2009. O Deputado Valdir Colatto renunciou à vaga de suplente para assumir a de titular, conforme o Ofício nº 034/2009-GAB610-CD, de 11.02.2009, e o OF/GAB/I/Nº 12, de 28.01.2009.

<sup>11</sup> Indicado pela Liderança do PMDB, nos termos do OF/GAB/I/Nº 177, de 12.03.2009, lido na Sessão do Senado Federal de 12.03.2009.

<sup>12</sup> Eleitos para o biênio 2009/2010, em reunião realizada no dia 27.05.09, conforme Ofício P/48/2009, de 28.05.2009, lido nessa mesma data.

<sup>13</sup> O Senador Flávio Arns desfilou-se do Partido dos Trabalhadores (PT), conforme comunicação lida na sessão do SF em 10.09.09, e filiou-se ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), em 02.10.2009, conforme Of./GSFA/0898/2009, de 06.10.09, lido na sessão do SF de 08.10.2009.

<sup>14</sup> Indicado conforme Of. nº 965/2009/PSDB, datado de 11/11/09, do Líder do PSDB, Deputado José Aníbal, em substituição ao Deputado Cláudio Diaz, em virtude de sua renúncia, conforme Of. nº 0516/2009, de 09.11.09, lidos na Sessão do SF de 13.11.09.

## **MESA DO PARLAMENTO DO MERCOSUL**

**PRESIDENTE:** Parlamentar Ignacio Mendonza Unzain (Py)

**VICE-PRESIDENTE:** Deputado Juan Jose Dominguez (Uy)

**VICE-PRESIDENTE:** Senador José Juan Bautista Pampuro (Ar)

**VICE-PRESIDENTE:** Senador Aloizio Mercadante (Br)

Secretaria: Câmara dos Deputados - Anexo II - Sala T/28 – 70160-900 Brasília – DF / Brasil

Fones: (55) 61 3216-6871 / 6878 Fax: (55) 61 3216-6880

e-mail: [cpcm@camara.gov.br](mailto:cpcm@camara.gov.br)

[www.camara.gov.br/mercosul](http://www.camara.gov.br/mercosul)



**COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA - CCAI**  
(Art. 6º da Lei nº 9.883, de 1999)

**COMPOSIÇÃO**

**Presidente:** Deputado Damião Feliciano<sup>1</sup>

<b>CÂMARA DOS DEPUTADOS</b>	<b>SENADO FEDERAL</b>
<b><u>LÍDER DA MAIORIA</u></b> HENRIQUE EDUARDO ALVES PMDB-RN	<b><u>LÍDER DA MAIORIA</u></b> RENAN CALHEIROS PMDB-AL
<b><u>LÍDER DA MINORIA</u></b> ANDRÉ DE PAULA DEM-PE	<b><u>LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA</u></b> RAIMUNDO COLOMBO DEM-SC
<b><u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u></b> DAMIÃO FELICIANO PDT-PB	<b><u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u></b> EDUARDO AZEREDO PSDB-MG

(Atualizada em 21.10.2009)

SECRETARIA-GERAL DA MESA  
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)  
Senado Federal – Anexo II - Térreo  
Telefones: 3303-4561 e 3303- 5258  
[scop@senado.gov.br](mailto:scop@senado.gov.br)  
[www.senado.gov.br/ccai](http://www.senado.gov.br/ccai)

<sup>1</sup> O Deputado Damião Feliciano foi eleito Presidente da Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional da Câmara dos Deputados, conforme Of. Pres. nº 288/09-CREDN, de 20.09.09, lido na sessão do Senado Federal de 21.10.09.



Edição de hoje: 74 páginas

OS: 2010/10924